

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Kátia Regina Pereira**

**COTIDIANO DA CRECHE SABIÁ: ECOLOGIZANDO A EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**Sorocaba/SP**  
**Março/2005**

**Kátia Regina Pereira**

**COTIDIANO DA CRECHE SABIÁ: ECOLOGIZANDO A EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota.

**Sorocaba/SP**  
**Março/2005**

**Kátia Regina Pereira**

**COTIDIANO DA CRECHE SABIÁ: ECOLOGIZANDO A EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

**Ass.** \_\_\_\_\_

**PRESIDENTE: Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.**

**Universidade de Sorocaba**

**Ass.** \_\_\_\_\_

**1ª EXAM.: Dr. Maria Cornélia Mergulhão**

**Pontifícia Universidade Católica – Sorocaba**

**Ass.** \_\_\_\_\_

**2ª EXAM.: Dr. Eliete Jussara Nogueira**

**Universidade de Sorocaba**

**Nota:**

**Sorocaba, 30 de Março de 2005.**

Aos meus pais Antenor Pereira e Zélia Guariglia, pela infância maravilhosa e fonte de inspiração para a construção de uma infância em creches com descobertas, aventuras, alegrias e muito contato com a natureza.

## **Agradecimentos**

Marcos Reigota, com meu respeito pela capacidade de ensinar, contribuindo e fortalecendo a prática cotidiana ecologizada.

Maria Cornélia Mergulhão, Eliete Jussara Nogueira e Maria Lúcia Amorim Soares pelas valiosas sugestões no exame de qualificação e por serem mestres na disponibilidade.

Zeneide Gimenez Milan, Beatriz Elaine Picini Magnana e Viviane Rachid Garcia por ser o “outro” no meu desenvolvimento proximal.

Rejanne Spécie Puglia, pela correção deste trabalho.

Profissionais da Creche Sabiá, pessoas muito especiais, pelos fazeres criativos no cotidiano escolar.

Crianças da Creche Sabiá que convivem conosco e nos ensinam as artes de fazer, brincar, sentir e conhecer.

Rony, companheiro e amigo, pela compreensão, incentivo e apoio.

Matheus, Murilo e Ricardo, pela paciência na ausência, pelo amor e saudades.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar e analisar o trabalho educativo desenvolvido pela Creche “Ettore Marangoni”, uma escola pública infantil, localizada na Vila Sabiá, Sorocaba/SP, dentro do enfoque ecológico e sócio-interacionista.

Dentro de uma abordagem qualitativa, procuro rever a trajetória do processo educacional, por meio de narrativa e fragmentos do cotidiano de experiências educativas vividas pelas crianças, suas famílias,, educadores e comunidade ao redor. As ações tentam demonstrar como experiências da implantação de uma proposta pedagógica com abordagens ecológicas podem contribuir e promover uma educação eficaz e, quem sabe, um futuro com uma melhor qualidade de vida.

**Palavras-chave:** educação infantil, sócio-interacionismo, cotidiano e educação ambiental.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to present and analyse a educational work developd by “Ettore Marangoni” child care, a public child school located in Vila Sabiá, Sorocaba/Sp in a environmentalist and sociointeracionist enfasis.

Guided by a qualitative approach, I look for to revive the trajectory of the educational process, through the narratives and fragments of the daily of the educational experiences lived by children, their families, educators and around community. The actions intend to demonstrate how the experiences from the implantation of a pedagogical proposal with approach in ecology can contribute and promote effective child education and a maybe a future with a better quality of life.

**Word-Key:** infantile education, sociointeracionist, every day life and environmental education

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. BAÚ DE IDENTIDADE.....</b>	<b>16</b>
1.1 Retrato Falado.....	16
1.2 Vila Sabiá.....	26
1.3 Creche Sabiá.....	28
1.4 Ettore Marangoni.....	28
1.5 Conhecendo e Convivendo na vila .....	30
1.6 Meio Ambiente e Educação Ambiental.....	39
1.7 Educação Ambiental em Sorocaba: Trajetórias e Narrativas.....	42
<b>2. CRECHE, PORQUE TE QUERO PORQUE PRECISO.....</b>	<b>59</b>
2.1 A Sociedade e a Creche.....	59
2.2 Educação Infantil e Sócio- interacionismo.....	64
<b>3. AS ARTES DE FAZER E CRIAR.....</b>	<b>77</b>
3.1 Movimentos do Cotidiano.....	77
3.2 Movimentos e Trilhas de um Pensamento.....	81
3.2.1 Atividade 1: Olhar.....	82
3.2.2 Atividade 2: Escolher, Explorar e Manipular.....	84
3.2.3 Atividade 3: Criar e Partilhar.....	86
<b>4. FRAGMENTOS E NARRATIVAS DO COTIDIANO DA CRECHE SABIÁ: BUSCANDO ECOLOGIZAR A EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>89</b>
Cena 1: Meu primeiro dia .....	89
Cena 2: A sala ainda pulsa.....	92
Cena 3: O Verde do nosso pedaço.....	95

Cena 4: Visitas Domiciliares.....	104
Cena 5: Sorocaba Indígena.....	108
Cena 6: Re – formando a creche.....	113
Cena 7: Dia das Mães.....	123
Cena 8: O Sabiá e o Artista.....	124
Cena 9: Maria Mulher.....	130
Cena 10: Vamos cirandar no Natal.....	133
Cena 11: Corre cutia que o Saci vem aí: Xô haloowen.....	136
Cena 12: O grande Rabanete na Horta do Sabiá.....	139
Cena 13: Borboletas e outros bichos.....	144
Cena 14: Siriri é daqui!.....	147
Cena 15: Quadro de Sementes.....	149
Cena 16: É roda, é roda de almoço.....	151

**5: CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 152**

**REFERÊNCIAS..... 159**

**ANEXOS ..... 168**

ANEXO A – Matérias Jornalísticas ..... 169

ANEXO B – Relação de Ervas Medicinais do NEAS – UNISO..... 178

ANEXO C – Convite dos Eventos..... 179

ANEXO D – O Lixo que não é mais Lixo..... 181

ANEXO E – Informativo Ecológico..... 182

ANEXO F – Desenho das Crianças..... 183

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Andando pelas ruas do bairro.....	30
Fotografia 2 – Visita ao Centro de Saúde.....	31
Fotografia 3 – Realização de exames na Creche Sabiá.....	32
Fotografia 4 – Cantando Asa Branca e marcando a pulsação da música.....	35
Fotografia 5 – O Espaço Antes.....	36
Fotografia 6 – O Espaço Antes.....	36
Fotografia 7 – O Espaço Depois.....	38
Fotografia 8 – A Sala ainda pulsa.....	93
Fotografia 9 - Piquenique.....	107
Fotografia 10 – Indigenista Márcio.....	112
Fotografia 11 – Reprodução de quadros.....	124
Fotografia 12 – Reprodução de quadros.....	129
Fotografia 13 – Cirandando na rua.....	133
Fotografia 14 – Boi bumbá pelas ruas.....	136
Fotografia 15 – O casamento do Girassol com o Espantalho .....	138
Fotografia 16 – Crianças encenando o Grande Rabanete.....	141
Fotografia 17 – Educadoras encenando.....	142
Fotografia 18 – Colhendo rabanetes.....	143
Fotografia 19 – Cantinho do Sabiá.....	157

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Baú de Indentidade .....	16
Figura 2 – Espaços da Creche Sabiá.....	38
Figura 3 – Histórico de Lutas .....	59
Figura 4 – Girassol .....	77
Figura 5 – Ecologizando.....	152

## Cotidiano da Creche Sabiá: Ecologizando a Educação Infantil.

### A ESCOLA

"Escola é...

o lugar onde se faz amigos  
não se trata só de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente,  
o aluno é gente,  
cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um

se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém

nada de ser como o tijolo que forma a parede,  
indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

é também criar laços de amizade,

é criar ambiente de camaradagem,

é conviver, é se 'amarrar nela'!

Ora , é lógico...

numa escola assim vai ser fácil

estudar, trabalhar, crescer,

fazer amigos, educar-se,

ser feliz."

*de Paulo Freire*

## INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental e a Infantil (no que se refere principalmente às creches), tiveram suas origens nos movimentos sociais ecológicos e femininos respectivamente, decorrentes de uma complexa concretude vivida por nossa sociedade em relação ao modo de viver e se relacionar com o meio ambiente e com as crianças.

A Educação Ambiental, ao longo desses anos, tem contribuído para que repensemos o modo de vida e convivência em nossa sociedade, uma vez que ao longo de nossa história, o ser humano inserido em um contexto cultural de sociedade, em parte industrial, que se pauta pela estratégia desenvolvimentista de um mercado altamente competitivo e regulador, se relacionou com o meio ambiente de maneira exploratória e predatória. E desta forma, percebia-se numa relação de exterioridade e de domínio em relação à natureza, tendo uma visão unidimensional, utilitarista, imediatista e economicista. (LAYRARGUES, 1999).

Diante das minhas vivências como educadora na rede pública e da convivência com profissionais do Zoológico de Sorocaba e Votorantim, entre eles veterinários/as, biólogos/os, estagiários/as, arte-educadores e outros, fui descobrindo, discutindo, praticando e aprofundando conhecimentos sobre a prática da Educação Ambiental e desta maneira expandindo minha forma de pensar, de viver e de trabalhar na Educação Infantil. Portanto, trago comigo uma história que julguei pertinente dividir neste espaço acadêmico sobre a trajetória da Educação Ambiental em Sorocaba.

Em relação à Educação Infantil, o atendimento em creches tem se caracterizado pelo assistencialismo e pela marginalização, pois historicamente as creches surgiram como mecanismos de compensação social, decorrentes de necessidades custodiais e sanitárias, onde a criança recebe aquilo que sua mãe ou família, não pode oferecer, sendo vista, portanto, como uma criança necessitada e carente. (ROSSETTI-FERREIRA, 1992; TIRIBA, 2001).

As conquistas obtidas na legislação e que estão diretamente ligadas às crianças, como a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as pesquisas, os estudos e a produção científica relacionada à criança de zero a

seis anos, colocaram em cena, principalmente na última década, um questionamento crescente da qualidade do atendimento nas creches, visto que como primeira etapa da Educação Básica, constitui-se num espaço-tempo de educação e de formação, visando o desenvolvimento integral –físico, psicológico, cognitivo e social da criança.

Com a creche viabilizada como espaço educativo e, um dos possíveis contextos para o desenvolvimento infantil, torna-se necessário pensar sobre a própria criança, seu processo de constituição como ser humano, como se dá seu desenvolvimento e seu processo de aprendizagem. Levando-se em consideração a perspectiva sócio-interacionista, baseada na constituição social do sujeito dentro de uma cultura concreta, a criança constrói conhecimentos e se constrói enquanto sujeito social, histórico e cultural, através das dinâmicas interativas, onde participa ativa e interativamente e, das relações com o ambiente, ou seja, nas interações sociais com adultos e demais crianças dentro do espaço-tempo, neste caso específico, a creche.

Neste sentido, a creche com seus profissionais, seus espaços e tempos precisam entender a infância como um dos períodos da vida, proporcionando um ambiente que promova o desenvolvimento infantil e as interações sociais necessárias. Diante disto é necessário considerar a criança como produtora de cultura, possuidora de uma linguagem própria, reconhecendo a especificidade da infância, valorizando sua cultura, as interações sociais diversificadas e as relações entre creche/família/comunidade.

A creche precisa conhecer a concretude de vida de suas crianças, de seus familiares, de sua comunidade, olhando cuidadosamente o cotidiano físico, cultural, social, econômico e ecológico, no qual está inserida, pois neste meio ambiente/mundo/cotidiano complexo, do qual todos fazem parte, há um emaranhado de histórias, ações, interações, relações e interdependências acontecendo.

Entendendo meio ambiente de uma maneira integral, onde os aspectos naturais, humanos (sociais), culturais, históricos e econômicos se relacionam mutuamente, nós educadores não podemos considerar nossas crianças de forma isolada, nem tampouco ficarmos enclausurados dentro de nosso espaço-tempo que é a creche.

Desta forma nossa prática pedagógica deve estar comprometida com a interdependência escola/comunidade/sociedade/mundo. Acreditando que a Educação Ambiental poderia contribuir efetivamente na prática pedagógica da

Educação Infantil, sonhei fazer uma Educação Infantil “ecologizada”. Este desafio começou no ano 2000, a partir do meu ingresso como diretora do Centro de Educação Infantil “Ettore Marangoni”, localizado na vila Sabiá, no município de Sorocaba. Este trabalho foi compartilhado num percurso de quatro anos dentro do espaçotempo da Creche Sabiá, com professoras, agente infantil, estagiárias do Magistério, da Pedagogia, auxiliares de educação, crianças, familiares e comunidade que num movimento cotidiano foram tecendo os pedaços que hoje compõem uma colcha de retalhos.

Nesta pesquisa, busco reviver e revirar a trajetória trilhada no processo educativo destes últimos quatro anos, através dos fragmentos deste cotidiano vivido, tentando encontrar não respostas e receitas prontas, mas apostando nas possibilidades criadas e reinventadas por educadores e crianças num processo escolar contínuo.

Para realizar esta pesquisa precisei resgatar o **Baú de Identidade**, que apresenta minha história de vida enquanto filha, criança, estudante, mulher, mãe, professora, diretora, pesquisadora e das minhas relações com inúmeras pessoas; minha família, a escola, o zoológico, a cidade, o mundo e a Creche Sabiá.

Como professora e diretora na área da Educação Infantil tive a oportunidade de conviver e me relacionar com os profissionais do Zoológico de Sorocaba e de Votorantim e ter um aprendizado que influenciaria o meu trabalho na Educação Infantil. Desta forma, considerei importante contar a história do surgimento da Educação Ambiental decorrente do movimento ecológico, bem como ela se desenvolveu em Sorocaba, partilhando um trabalho que vem sendo realizado ao longo de trinta anos.

Em “**Creche: Por que te quero? Por que preciso?**”, faço rápido resgate histórico sobre como nossa sociedade ao longo do tempo tratou a questão da creche e as transformações crescentes em relação ao seu atendimento, decorrentes de uma legislação que concebe a creche como instituição educativa, de pesquisas e estudos contemporâneos que contribuem para entender a especificidade da infância e o desenvolvimento infantil.

Considerando a Creche Sabiá como espaço privilegiado de construção de conhecimentos e, um dos possíveis contextos para o desenvolvimento infantil, torna-se necessário localizar qual perspectiva de desenvolvimento poderia contribuir e dar sustentação teórica a esta pesquisa que busca responder se é possível “ecologizar”

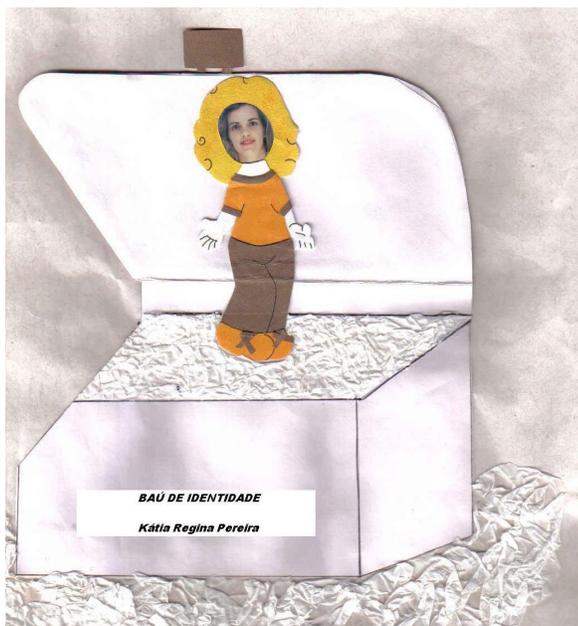
a Educação Infantil.

Apoiando-me no referencial teórico da perspectiva sócio-interacionista do desenvolvimento infantil que tem em Vygotsky um de seus representantes, tento tecer e explicitar algumas considerações que julguei importantes para fundamentar o presente trabalho.

Apostando nas possibilidades criadas no cotidiano escolar da Creche Sabiá, por crianças, educadores, familiares e comunidade, exponho em “**As Artes de fazer e criar!**”, a fundamentação teórica-metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa, baseada no livro “Pesquisa no/do Cotidiano das Escolas: sobre redes de saberes, de Nilda Alves e Inês Barbosa Oliveira (2001). Desta forma foi necessário movimentar-me para olhar, explorar, manipular, escolher, criar, partilhar e discutir as atividades/momentos que constituíram “**Os Fragmentos e as Narrativas do Cotidiano da Creche Sabiá**”, utilizando para isto minhas observações e registros, bem como os relatos orais e escritos de crianças, educadores, familiares, as fotografias, desenhos e tudo o mais que pudesse captar, relatar e descrever o caminho percorrido. Busco também discutir as diferentes formas em que acredito que o “ecologizar” aparece nas cenas.

A partir deste trilhar no cotidiano da Creche Sabiá, busco nas considerações finais tecer as possibilidades de uma Educação Infantil “Ecologizada”.

# 1 BAÚ DE IDENTIDADE



**Figura 1: Baú de Identidade:**  
por Maria Emília Faria Alquezar Serafim e Vanessa Alves.

Acredito que nosso futuro fica determinado a partir das relações que se estabelecem desde o nascimento, a família, seus relacionamentos, a escola, os amigos, enfim todas as experiências vivenciadas nesse caminhar.

Sendo assim, antes de iniciar o relato da Educação Ambiental em Sorocaba, farei um passeio no meu passado, minha trajetória de vida e, no meu encontro com a Educação Ambiental e a Infantil.

## 1.1 Retrato Falado

Para contar essa breve história, acho necessário ser conhecida como filha, criança, professora, diretora, mulher, mãe, pesquisadora e das relações que tenho e tive com minha família, com inúmeras pessoas, com a escola, com o Zoológico, com a cidade e com o mundo e a partir daí resgatar algumas características importantes que foram me formando.

As lembranças mais significativas da minha infância foram as viagens com meu pai. Estas tinham um fascínio especial pra mim, pois o que era trabalho ele transformava em aventura. Pelas estradas que percorríamos, admirávamos as paisagens, os bichos, as flores, as árvores, as cachoeiras, os rios, os ninhos, as plantas, frutas, etc...

Ele era naturalista, respeitava e amava a vida e a natureza, incentivando-me sempre a ter uma alimentação bem natural, praticar exercícios, apreciar livros, filmes e muita música. Tudo era sempre alegre, com suas histórias de pessoas, paisagens, lugares, modos de vida, que ele ia contando e cantando.

Seu tempo era sentido a cada momento e fazia de tudo uma grande aventura. Um tempo em que a hora, os minutos não eram cronometrados. Fazia questão de não marcar hora, aberto ao imprevisto, à surpresa, ao interesse surgido no momento, à vida.

Cresci cercada pelo companheirismo, o respeito, o amor e o carinho de meus pais. Minha casa era o centro de encontro de todos os amigos, recebidos com muita alegria.

Tive uma infância regada a brincadeiras com peteca, amarelinha, bola, casa de boneca, esconde-esconde, unha na mula, betes, andar de carro e seguir a lua; da avó colhendo margaridas no quintal; do avô criando coelhos, galinhas, pintinhos e porcos; de fazer paçoca no pilão, de fazer bolos, pães no fogão e forno à lenha; do quintal grandioso no centro da cidade com direito a pé de laranja, limão, romã, manga, figo; de brincar de cuidar de cachorro, gato, coelho, pintinho, galinha; de colher morangos, uvas, pitangas; de fazer coleções de pedras, galhos; de encantar-se com o vagalume; de ir ver os macacos na mata, os passarinhos multi-coloridos, enfim, esta infância de ser criança e se encantar com o mundo ao seu redor.

Convivi sem desperdícios de qualquer ordem, respeitando as diferenças e os diferentes, tendo uma alimentação o mais próxima do natural, participando ativamente nos esportes (vôlei e natação), conservando e contemplando a natureza, não depredando e sim preservando espaços, e isto foi fundamental para minha forma de viver ao longo de todos esses anos, despertando meu interesse pela educação e o meu amor pela natureza.

Amor esse que teve início nos meus passeios ao Zoológico Municipal “Quinzinho de Barros” em Sorocaba, lugar agradável, onde o Museu aguçava minha curiosidade de menina, ver as peças indígenas, e outras peças que contavam o

passado histórico de nossa cidade, além de poder vislumbrar nossa fauna tão diversificada.

E foi assim, nesse ir e vir que, em agosto de 1987, iniciei minha carreira profissional como professora de Educação Infantil na Prefeitura de Sorocaba. Inexperiente, mas com muita vontade e determinação. A primeira escola me ensinou a trabalhar em parceria com a comunidade. Os familiares participando do processo festivo, educacional e decisório, através do Conselho Comunitário Escolar. Um trabalho dinâmico, alegre, divertido e envolvente.

Importante ressaltar que Sorocaba sempre teve um ensino de Educação Infantil de reconhecida qualidade, pelos educadores locais. De todo o aprendizado que esta primeira experiência me proporcionou, a paixão pelas crianças me impulsionou a querer sempre estudar/ser/estar professora, enfim me especializar em Educação Infantil.

Seguindo a trajetória, em 1988, fui trabalhar na pré-escola do Parque São Bento. Conheci/convivi com a comunidade. A escola tinha um magnetismo especial, os pais de alunos participavam muito das atividades, trabalhando muito em prol desse espaço.

No ano seguinte trabalhando no bairro histórico de Aparecidinha, descobri o que é transpor os muros da escola, andar pelo bairro, conhecê-lo, por meio de sua história e seus moradores.

Em 1991 trabalhando no bairro Retiro São João, aprendi como uma escola deve funcionar bem e que o diretor deve ser o catalisador deste bom funcionamento, que a sinceridade, o jogo aberto com as crianças e a comunidade devem ser os seus princípios, mesmo que a conversa seja difícil, as palavras precisam ser verdadeiras e ditas com firmeza e convicção. Em 1994 fiz a prova de acesso ao cargo de diretora e escolhi trabalhar na pré-escola do Parque São Bento, onde já havia sido professora.

Conforme citei, como cidadã sorocabana, desde pequena, convivi com um Zoológico que praticava a Educação Ambiental, tendo-a como um dos importantes pilares de sustentação do trabalho desenvolvido. Desta forma, na infância brinquei nas alamedas e no Museu do Zôo e aprendi os primeiros ensinamentos sobre a flora e a fauna.

Mais tarde comecei a utilizar os materiais do Zôo (Kits, fitas de vídeo, jogos, livros), além de levar meus alunos a participar das visitas orientadas. Participei de

cursos de capacitação de professores, tendo assim uma visão mais abrangente da Educação Ambiental desenvolvida pela instituição, diferente daquela só focada na conservação dos animais.

Nestes cursos fui percebendo e tendo noções mais globais das questões ambientais. Não fiquei restrita aos animais e sim a problemática da água, do lixo, as questões de demarcação de terra, dos índios, das hidrelétricas, da cultura brasileira, do modo de se viver, enfim o posicionamento político e ecológico tão necessário nos dias atuais.

Nesse sentido, utilizei os livros da biblioteca do Zôo (principalmente os infantis do Ângelo Machado da Coleção “Que bicho será?”), os kits didáticos (bichos do lixo, água, etc) os jogos ecológicos (que são confeccionados pelos estudantes de Biologia da PUC – SP -Sorocaba), proporcionando um interesse e uma interatividade maior das crianças em relação aos temas em sala de aula. Meus alunos e alunas na época além de visitarem o Zôo, transportados pelo “ônibus ecológico”, votaram para escolhê-lo como o “símbolo da cidade”, numa eleição da Rede Globo realizada no ano de 1993.

Mas, foi em abril de 1997 participando de um Workshop: “Revitalização Motivacional e Técnica de Equipe de Trabalho”, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Sorocaba, que conheci o veterinário e diretor dos Zoológicos de Sorocaba e Votorantim, Lazaro Ronaldo Ribeiro Puglia.

Neste ano desenvolvi juntamente com toda a equipe de professores da escola de Educação Infantil “Rauldinéia Esteves Machado” no Parque São Bento, o projeto “Meu Ambiente”, tendo a colaboração da equipe de Educação Ambiental do Zôo de Votorantim.

Neste trabalho pude perceber o quanto era importante envolver todos os professores da escola num mesmo projeto e que a temática era altamente interessante para a comunidade. As crianças demonstraram um interesse muito maior para as atividades que foram desenvolvidas de forma criativa, interdisciplinar e lúdica, pois contou com estudo do meio através de pesquisas, passeios, observações e registros tanto de crianças quanto de seus pais.

Elaboração de maquetes, de textos, acompanhamento de experiências, pintura, modelagem, brincadeiras, construção de gráficos e tabelas sobre os problemas detectados pela comunidade, sugestões de ações, caracterização do ecossistema da região, além de discutir como as pessoas viviam em relação aos

aspectos de saúde, cultura e economia, como se expressavam. Houve também uma atividade interativa, dirigida pelas biólogas do Zôo, com animais vivos e empalhados. Para expor todo o material produzido houve uma exposição aberta à comunidade.

Neste momento compreendi a verdadeira dimensão da Educação Ambiental enquanto uma educação política, da importância e repercussão do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula pelo professor e pela escola nestes projetos coletivos e de como influenciavam o cotidiano das crianças, de seus familiares, da instituição escolar, enfim de toda comunidade na qual a escola estava inserida.

Nesta relação da escola, família e meio ambiente percebi o rendimento positivo que isso proporcionava: a aprendizagem mútua, o desenvolvimento da criança, o respeito pela natureza e sua preservação. Aprendi também que a constituição desse meio encontrava-se muito próximo de nossas vidas, os aspectos naturais do bairro, como o rio Sorocaba, sua área verde de transição entre mata atlântica e o cerrado, seus animais, plantas e também as pessoas e suas sensações, emoções, histórias e modo de vida. Desta forma, compreendi que os aspectos naturais e os humanos interagem e inter-relacionam constantemente e, isto requer de nós educadores um entendimento verdadeiro do meio ambiente, sendo ele:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e sociedade. (REIGOTA, 1994, p. 21).

Segundo Crivellaro (2001), devemos compreender o meio ambiente de forma integral, sendo que sua concepção nos liga filosoficamente ao todo, valorizando as potencialidades do local em seus aspectos naturais, sociais, culturais, históricos e econômicos.

E, esse conhecimento construído por todos, gera uma maior compreensão, integração e participação tanto da criança como de seus familiares numa prática escolar comprometida com a interdependência escola/comunidade/sociedade e mundo. Situando-nos como sujeitos ativos e participantes de um momento histórico vivido em sua plenitude, com suas características singulares, as diversas

potencialidades e possibilidades na riqueza e na diversidade de nossa própria cultura.

Este trabalho propiciou a convivência com os profissionais que compunham este mundo, biólogos e veterinários, e me fez compreender que o Zoológico poderia ser uma escola para nossos alunos e alunas da Educação Infantil. Ativamente participei como pedagoga, na criação de estratégias e atividades que atraíssem o público ao Zoológico de Votorantim, desenvolvendo-as com mensagem ecológica. E as relações com o público visitante transformaram-se num aprendizado constante e no aprimoramento da minha vontade de unir as duas vivências: Educação Infantil e Ambiental.

Desta maneira, as experiências vividas no meu trabalho como professora e diretora da rede pública municipal de Sorocaba, foram descortinando um trabalho possível e significativo em Educação Infantil, além de respostas a muitos questionamentos. Espero que esta busca incessante de respostas e de caminhos seja infinita, inquietante e apaixonante, pois:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não de pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (FREIRE, 2002, p. 91).

Em 2000, transferi-me para o Centro de Educação Infantil “Ettore Marangoni”, conhecida popularmente e poeticamente como “Creche Sabiá”, como diretora. Pela primeira vez tive a oportunidade de iniciar um trabalho com crianças de zero a seis anos, em período integral.

As lembranças deste começo me remetem às inquietações, medos e dúvidas, pois me assustava o trabalho com crianças de zero a três anos, que ficavam o dia todo neste espaço. Além da inexperiência, não tinha conhecimentos sobre o trabalho educativo nestas instituições. Mas, determinada, apaixonada e comprometida profundamente com a educação, no fazer e refazer como forma de transformar, ou seja, transpor a forma das pessoas, da sociedade e do mundo, sonhei com a possibilidade de unir num só fazer o pedagógico e o ecológico na Educação Infantil. Lançava-me a um novo desafio em minha vida profissional.

Desta forma, busquei uma literatura especializada para respaldar uma prática educativa que abrisse caminho às possibilidades vislumbradas para a creche. Mergulhei na produção teórica sobre Educação Infantil, principalmente a coordenada pela professora Maria Clotilde Rosseti-Ferreira, reconhecida como uma das maiores especialistas do país na área, bem como das professoras Zilma Ramos de Oliveira, Ana Melo, Sonia Kramer, entre outras, sendo que os livros “Creches: Crianças, Faz de Conta & Cia” (1992) e “Os Fazeres na Educação Infantil” (2000), organizados por Rossetti-Ferreira e Oliveira, e a visita técnica que fiz a “Creche da Carochinha” no campus da USP em Ribeirão Preto, constituíram-se primeiramente fontes para minha reflexão, e para o alicerce do trabalho na Creche Sabiá. Outros livros como “A Creche em busca de identidade” de Lenira Haddad (1993), “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” de Maria Malta Campos e Fulvia Rosemberg (1995), “Creches e Pré-escolas no Brasil” de Maria Malta Campos (1993), debates em fóruns locais com a Promotoria da Infância e Juventude, Conselhos Tutelares, Conselho dos Direitos da Mulher, bem como visitas técnicas em outras creches como da empresa Mapol, da Santa Casa de Sorocaba, da Chácara Viva a Vida, foram descortinando uma reflexão-ação, uma vez que era urgente e necessário o encaminhamento do trabalho pedagógico no espaçotempo da creche. Nestas ações de busca, de estudos, evoco o pensamento de Freire para esta experiência:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1997, p. 32).

Os profissionais da creche envolveram-se neste buscar, mais precisamente neste pensar, e com isto fomos tomados por uma onda de aceleração, desestabilização e ao mesmo tempo euforia e intuição de estar no caminho certo de refletir em cima da prática e proporcionar realmente uma educação de qualidade às crianças.

E é somente na reflexão de nossas ações, sustentadas pela pesquisa, pela busca de conhecimentos que construímos nosso aprendizado que se expande

constantemente e que nos faz seguir caminhos conhecidos ou novos num processo onde: “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. ( FREIRE, 25 JAN. 2004)

Neste aprendizado coletivo na Creche Sabiá, relembro os primeiros passos com minha chegada em fevereiro de 2000.

Percebendo a falta de um direcionamento pedagógico, iniciei um diálogo, a partir de uma pesquisa (questionário) dividida em duas etapas: interna com todos os funcionários/as da escola (professoras, agente infantil e estagiárias do magistério e da pedagogia, merendeiras, serventes e porteiro-zelador) sobre como percebiam e desenvolviam seu trabalho na creche com as crianças, com os pais e com a comunidade; externa com os familiares das crianças, sobre como percebiam o trabalho da creche, sobre como viviam dentro dos aspectos sociais, econômicos, culturais, quais eram suas profissões, suas moradias, suas composições familiares, o que faziam em relação à saúde, ao lazer e os meios de comunicação de massa como televisão, rádio, jornal e a religião.

Com esta pesquisa todos tiveram a oportunidade de expressar o modo como desenvolviam seu trabalho, como viviam, como se relacionavam, além de termos a oportunidade de conhecer os aspectos sócio-culturais, econômicos e ambientais de nossa comunidade. Com esta pesquisa percebemos que:

O atendimento na Creche Sabiá privilegiava os cuidados físicos, de higiene e alimentares das crianças até os três anos. Para o atendimento das crianças pequenas os espaços eram cheios de berço ou totalmente vazios e a rotina dessas crianças era baseada nos horários de banho, refeições e troca de fralda, no restante do horário os bebês ficavam individualmente dentro do berço. Na sala das crianças de dois e 3 anos, os espaços eram totalmente vazios, sendo que num canto da sala se empilhavam os colchões. Havia geralmente um balde grande onde se guardavam brinquedos que eram esparramados ao centro da sala para que as crianças brincassem enquanto esperavam o almoço, o banho, o leite, o lanche. A rotina dessas crianças não era estruturada com um valor educacional. Os adultos cuidavam dessas crianças, sendo que as profissionais que trabalhavam com esta faixa etária não eram reconhecidas como educadoras.

Já para o atendimento das crianças de quatro anos em diante, estava reservado o modelo escolar (mesinhas, cadeirinhas, quadro-negro, giz etc). Neste atendimento a professora trabalhava a parte cognitiva de manhã e a agente de

recreação brincava no período da tarde, utilizando-se do espaço externo, pois a sala de aula era território da professora.

Os profissionais da creche, viviam em constante tensão e conflito, decorrente do modo como (ao longo dos anos) a administração municipal gerenciou a situação do profissional de creche. Desde sua passagem da Secretaria de Assistência e Promoção Social para a Secretaria de Educação, as creches tiveram diferentes orientações quanto ao tipo de profissional necessário: berçarista, regente maternal, agente de recreação, agente infantil, professoras, estagiárias do Magistério e da Pedagogia, auxiliar de educação, etc. Em função disto o atendimento à criança decorria das diferentes funções dos profissionais que estavam desmotivados, não refletiam sobre a prática pedagógica, a criança, a rotina, os espaços e tinham uma fala e um julgamento muito negativo em relação aos pais e às crianças, sendo que sentiam que faziam um favor às famílias. Num bairro pobre, marcado pela miséria, tráfico de drogas e violência, o que era oferecido a criança dentro da creche, as famílias não teriam a mínima condição de oferecer. Por outro lado as famílias eram distantes, não participavam, não valorizavam nem o trabalho, nem os profissionais. Havia uma indiferença pairando no ar. Deixavam suas crianças as 7:00 horas da manhã e voltavam para buscá-las as 17:00 horas, não havendo um diálogo, uma interação efetiva sobre o objetivo que ambos tinham em comum: a educação da criança.

Tudo isso resultava na indefinição de um projeto político-pedagógico para a creche e sua pedagogia estava centrada em função de um atendimento dentro de uma concepção focada somente nos cuidados para as crianças de zero a três e para as crianças maiores havia uma dicotomia entre o modelo escolar e o espontaneísmo de práticas recreativas, decorrentes da rotatividade de funções dos profissionais de creche aliados à falta de reflexão de sua prática. Desta forma às professoras cabia educar, ensinar e transmitir, às recreacionistas somente o brincar e às berçaristas somente o cuidar.

Desenvolvia-se uma prática pedagógica que desvinculava o tempo de educar, do brincar e do cuidar.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n° 9394/96 onde diz em seu artigo 12: “Os estabelecimentos de ensino respeitados as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão incumbência de:

I – Elaborar e executar a sua proposta pedagógica...” (BRASIL, 2001)

Naquele momento penso que eu e a Creche Sabiá, composta por todos os seus profissionais, que trabalhavam direta ou indiretamente com as crianças, estávamos todos dispostos a construir coletivamente nossa proposta pedagógica, sendo necessário:

1. Reformular o atendimento às crianças.
2. Reestruturar os espaços e a rotina: tempo/espaço da creche.
3. Repensar a relação com as famílias e com sua comunidade local.
4. Desenvolver uma prática pedagógica coerente com a faixa etária, sem compartimentalizar o educar, o cuidar e o brincar.
5. Construir um projeto político-pedagógico pautado na perspectiva ecológica.

Um fator significativo e positivo foi a experiência, conhecimento e entrosamento de duas professoras, a Edna e a Emília, que já trabalhavam há alguns anos na Creche Sabiá e vinham desenvolvendo alguns projetos significativos com suas respectivas turmas sem, contudo, haver um envolvimento coletivo das outras turmas. Outro fator relevante foi à inquietação da agente infantil Vanessa, que no dois anos anteriores não havia encontrado espaço para implantar um trabalho educativo no atendimento às crianças do berçário.

Com o envolvimento, conhecimento e comprometimento destas três profissionais, além do suporte pedagógico da supervisora de ensino Mônica Ildefonso Arruda, fomos promovendo reuniões, estudos, atividades, e desta maneira incentivando, incluindo e encorajando os outros profissionais a trilhar coletivamente os primeiros passos de uma Educação Infantil que buscava se “ecologizar”. Precisávamos, além dos sinais e indícios que nossa pesquisa havia captado, mergulhar no cotidiano de nossas crianças, de nossa comunidade, ampliando nossa visão, para que num movimento de ação/reflexão/ação coletivo pudesse construir um fazer pedagógico comprometido com a transformação de nossa creche.

Como nos diz Alves (2000), o pensar , o fazer e o recriar a escola não pode acontecer de fora da escola ou imposto de cima, ele se dá em seu cotidiano, nas ações dos sujeitos que nela interagem, criando possibilidades e alternativas educacionais criativas, radicais, sintonizadas com um tempo/espaço verdadeiro e singular.

## 1.2 Vila Sabiá

Conheci primeiramente a Vila Sabiá através dos relatos da diretora substituta desta creche, Kátia Bernardes, quando estávamos juntas no curso de especialização em Supervisão Escolar na UNISO no ano de 1996, encontrávamo-nos semanalmente nas aulas e conversávamos sobre nosso dia a dia. Ela falava sobre a violência da vila Sabiá, que havia muitos tiroteios, que as professoras tinham que ficar deitadas no chão com as crianças, que os cercos policiais eram constantes e que na área dos fundos da creche havia um desmanche de carros e uma boca de fumo, movimento de marginais, usuários de drogas e constantes batidas policiais. As matérias jornalísticas na coluna policial eram constantes:

A Vila Sabiá já teve espaço garantido nas páginas policiais dos jornais da cidade por causa da violência, principalmente, no final dos anos 80 e nos anos 90, quando bandidos criaram até um pedágio, arrecadando dinheiro de visitantes que chegavam de carro e até dos próprios moradores. O bairro também viveu intenso tráfico de drogas, homicídios e disputa de poder entre quadrilhas. Atualmente, a violência diminuiu acentuadamente, mas ainda preocupa a população do bairro. (VILA SABIÁ, 12/01/2004, A-5, Jornal Cruzeiro do Sul, 2004)

A vila Sabiá fica na encosta do morro da Mariquinha e faz divisa com as vilas Zacarias e João Romão. De um lado a Raposo Tavares e de outro os morros são os limites. A comunidade destes três bairros é constituída por famílias de baixa renda, totalizando aproximadamente 7500 moradores, segundo dados do IBGE do ano 2000. Estes três bairros foram formados há aproximadamente 27 anos a partir da ocupação da área. Sua regulamentação está sendo feita gradativamente junto à Prefeitura. Os bairros possuem rede de energia elétrica, água e esgoto e as casas são de alvenaria, construídas nas encostas dos morros.

Estes bairros nasceram de maneira desordenada, frutos da posse de terras, que ainda são comercializadas pelos moradores. Era um grande morro, que teve suas encostas ocupadas e as casas foram se proliferando. Muitas casas estão em situação de risco, algumas parecem penduradas nas encostas dos morros. Este crescimento desordenado, principalmente nas encostas dos morros, trouxe problemas que persistem até hoje: os deslizamentos e as enchentes em períodos de chuvas. ANEXO A – Matérias Jornalísticas, p. 176).

As ruas são todas asfaltadas, mas apresentam buracos e estão em mal estado de conservação. Não há nenhuma sinalização de trânsito nas ruas, as calçadas são estreitas e as pessoas andam pelas ruas. Há muitos becos, escadarias, barrancos e vielas, caminhos alternativos para se chegar em muitas residências.

A única via de acesso a estes bairros é a rodovia Raposo Tavares, que tem um fluxo ininterrupto de carros, caminhões e ônibus. Há uma passagem de servidão no pasto que liga Sorocaba a Votorantim. Muitos moradores e funcionários da creche utilizam esta passagem de servidão.

Há duas passarelas de acesso, mas os moradores mostram-se insatisfeitos com a concessionária Via Oeste, em decorrência da não realização de um acesso específico a estes bairros. Eles reivindicavam um túnel sob a rodovia, ligando o bairro João Romão à Barcelona, bem defronte ao Supermercado do Santo.

Os bairros têm as associações amigos de bairro, são bastante atuantes, participam do Conselho Gestor do Posto de Saúde, além de manter um bom contato conosco. Estão através de um abaixo-assinado, reivindicando a construção de mais salas de aula para o período parcial nesta escola.

O lazer das famílias é assistir televisão, ouvir rádio, visitar parentes, ir ao Zoológico, sendo que uma minoria vai ao Shopping; os homens ficam bebendo e conversando nos bares do bairro. Não há nenhuma área de lazer, nem praça. As crianças brincam geralmente nas ruas, vielas, em cima de lajes, barrancos, etc.

Os problemas do bairro levantados pela comunidade na pesquisa realizada foram a violência, o alcoolismo, o consumo e o tráfico de drogas, a falta de vagas na creche, falta de áreas e atividades de lazer, a gravidez na adolescência, a marginalidade, a falta de segurança, os lixos e entulhos em locais impróprios, os atos de vandalismo, as enchentes, a prostituição, a falta de policiamento, a fome, a falta de atenção política, o desemprego, as crianças na rua, o transporte público insuficiente, a demora no atendimento médico, os orlhões quebrados, a falta de iluminação, os problemas com esgoto e bueiros entupidos, os roubos, a falta de sinalização de trânsito, os animais soltos nas ruas e as fezes destes nas calçadas.

### **1.3 Creche Sabiá**

Para freqüentar a creche (atendimento integral) as mães têm que comprovar que trabalham. Na última pesquisa realizada em abril de 2004 verificamos que das 146 mães que responderam, apenas 15 não estavam trabalhando, sendo que as profissões das 131 trabalhadoras dividem-se entre domésticas (56), balconistas(7), serviços gerais (14) outros(54).

Na Creche Sabiá atendemos aproximadamente 180 crianças de 03 meses a 06 anos de idade, distribuídas de acordo com a faixa etária nas 07 turmas existentes, as quais permanecem nesta unidade de segunda a sexta-feira das 7:00 às 17:00 para as crianças com atendimento integral e para o atendimento parcial no período da manhã das 7:00 às 12:00 e para o da tarde das 13:00 às 17:00 horas.

Temos 04 professoras, 01 agente infantil e 11 auxiliares de educação trabalhando diretamente com as crianças. Temos 03 merendeiras e 01 lactarista responsáveis pela confecção das refeições na creche. Temos 04 serventes que se dedicam a limpeza e higienização dos equipamentos e ambientes da creche. E contamos com 01 diretora responsável pela parte administrativa e pedagógica.

A creche possui área construída de 700 m<sup>2</sup> num espaço total de 2.500 m<sup>2</sup>.

A Creche foi construída em cima do morro. A prefeitura teve que cortar esse morro para deixar o terreno plano. É a única área plana dos três bairros.

### **1.4 Ettore Marangoni**

O patrono de nossa creche é o artista plástico Ettore Marangoni e sua história foi coletada através de uma entrevista com sua neta Rosana de Fátima Xavier Marangoni e da análise documental cedida por ela que se constituía em matérias jornalísticas e fotos.

Ele nasceu em Baar na Suíça no dia 29/06/1907 e chegou ao Brasil em 1915 com 8 anos de idade. Veio com a família (pai Giovanni Marangoni) que se transferia do coração da Europa para Sorocaba, para residir no então distrito industrial de Votorantim.

Desde menino, ainda na Suíça e depois no Brasil, desenhava e pintava pequenos quadros. Seu pai, desde então, afirmava achar que ele tinha “queda” para o desenho. Com 15 anos desenhava rostos de amigos e pessoas conhecidas, chamando a atenção de um dos diretores da Votorantim S/A Indústria Têxtil onde seu pai trabalhava. Este o enviou a São Paulo para fazer o curso técnico de gravura de tecidos. Ettore resolveu aproveitar o tempo estudando no período noturno na Escola de Belas Artes. Estudou também na Escola Nacional de Belas Artes (Núcleo Bernardelli) no Rio de Janeiro aperfeiçoando ainda mais seus conhecimentos artísticos. Voltou em definitivo para Sorocaba em 1942, contratado como técnico em gravação pela CIANÊ, fixando residência no final da Rua Professor Toledo no bairro do Trujilo. Nas paredes externas de sua casa, em cimento, o artista esculpiu cenas lembrando os bandeirantes fundadores de Sorocaba.

Foi casado com Iria Picolotto Marangoni por 62 anos. Sua mulher era grande incentivadora de seu trabalho. O casal teve três filhos: Ezy Marangoni, Spencer Picolotto Marangoni e Slayde Picolotto Marangoni.

Ettore Marangoni ficou conhecido como o artista que pintou a história de Sorocaba. Com seu pincel magistral transpôs para a tela os momentos mais marcantes da história de Sorocaba, perpetuando em telas o passado histórico de Sorocaba.

Seu mais famoso quadro – por sinal o primeiro de uma série histórica de quatro décadas de intensa produção – foi justamente aquele que o consagrou para sempre: “Elevação de Sorocaba à Vila”, que muitos popularmente chamam de “Fundação de Sorocaba”.

Gostava de sair pela cidade de Sorocaba e Votorantim retratando o cotidiano dessas cidades: os moradores, as paisagens, como viviam.

O artista, além de pintor, era escultor e realizava trabalhos em ferro, madeiras, cimento, gesso e bronze.

Grande parte de suas obras se encontram no Museu Histórico Sorocabano e no Museu de Votorantim.

Ettore Marangoni faleceu em 07 de dezembro de 1992.

## **1.5 Conhecendo e Convivendo com as vilas: Integração Escola-Comunidade.**

A partir da constatação de que uma nova história poderia ser escrita, elaboramos um projeto coletivo para a creche: “Conhecendo e Convivendo com as vilas Sabiá, João Romão e Zacarias”. De maneira a respeitar as diferentes faixas etárias e as especificidades das crianças, cada turma elaborou suas atividades interligando-as a este projeto. Desta forma, a creche literalmente foi para as ruas, buscando conhecer o cotidiano sócio-cultural, econômico e ambiental daquela população, seu modo de viver, os tipos de moradia e o que existia no bairro como: Centro de Saúde, Igrejas, Bares, Sacolão de Verduras, Lojas, Mercadinhos, Padaria, Escola, Supermercado, etc....



**Fotografia 1: Andando pelas ruas do bairro.**

Conhecemos o senhor Romualdo Paulo dos Santos de 82 anos que contou a origem do nome da Vila Sabiá. O primeiro casal de posseiros, morava logo depois da passarela da Rodovia Raposo Tavares onde ficava a antiga creche-sede das mães crecheiras do bairro. O homem era conhecido por todos como ‘Sabiá’, ficando assim a vila conhecida como “Vila Sabiá”.

As crianças juntamente com os educadores<sup>1</sup> visitavam os locais, conversavam, escutavam e no decorrer dessas atividades foram dialogando e conhecendo a história dos bairros, dos moradores, seus problemas diários. Realizaram entrevistas, pesquisas, confeccionaram textos, cartazes, desenhos, receitas culinárias, etc. e foram numa imersão, descobrindo a diversidade cultural da comunidade e trazendo para o espaço da creche, conhecimentos, pessoas, instituições e desta forma, todos foram contribuindo com suas vivências, assumindo responsabilidades de acordo com as habilidades de cada um e neste movimento fomos estabelecendo algumas parcerias e com elas alavancando as ações dentro do espaço da creche num processo coletivo de crianças, educadores, comunidade e profissionais de diferentes áreas, pois o movimento criado por todos no cotidiano vai exigindo que se estabeleçam algumas redes, com as quais vamos dialogando e relacionando nossa concretude local com outros espaços/tempos e outras pessoas.



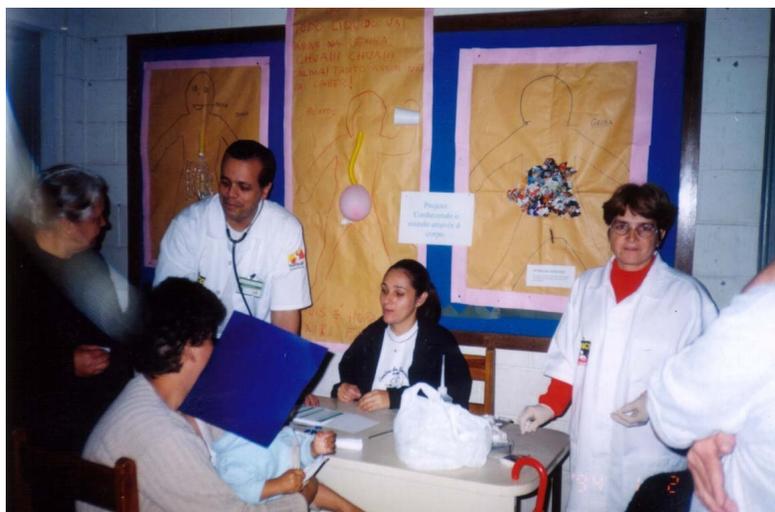
**Fotografia 2: Visita ao Centro de Saúde.**

No Centro de Saúde da Vila Sabiá, as crianças do Maternal 2, de três anos, invadiram o espaço, conheceram as dentistas, médicos e médicas, enfermeiras e agentes de saúde. Iniciamos um diálogo entre os profissionais da creche com os do Centro de Saúde sobre a saúde de nossas crianças e trouxemos para o espaço da Creche Sabiá, estes profissionais que ministraram palestra para os pais orientando sobre doenças, vacinação.

---

<sup>1</sup> Na creche atuam diretamente com a criança os seguintes profissionais: professoras, agente infantil, auxiliares de educação e no início desta pesquisa havia estagiárias do curso de Pedagogia e Magistério. Como existem diferentes nomenclaturas optei usar o termo “**educadores**” por abrangê-los em sua intencionalidade educativa e de gênero.

Elaboramos em conjunto a ficha saúde da criança, realizamos com a assistente social a triagem de crianças no processo de inscrição às vagas na creche, a equipe de enfermagem realizou exame de diabetes, pressão arterial, a fisioterapeuta orientou mães e crianças através de exercícios respiratórios com um boneco do corpo humano sobre as doenças respiratórias, apresentaram teatros sobre pediculose, trouxeram microscópio e lupa, onde as crianças puderam ver o piolho e receberam orientações sobre higiene corporal. As médicas e a dentista vinham até a creche conversar com as crianças, orientá-las e também, em reuniões programadas com os familiares, tiravam suas dúvidas e explicavam sobre a saúde humana. Junto com essas ações, as crianças realizavam atividades sobre o conhecimento de seu corpo, através de brincadeiras, experiências, desenhos, teatros, etc. e iam construindo coletivamente cartazes, painéis que eram expostos para socializar os conhecimentos com as outras turmas e com os familiares das crianças.



**Fotografia 3: Realização de exames na Creche Sabiá.**

Conhecemos o grupo de terceira idade “4 corações” que ficava sediado na antiga casa-sede das mães crecheiras, confeccionando artesanato com material reciclado, que se constituía renda para essas pessoas. Vieram para o espaço da creche expor seu artesanato, compartilhando seus conhecimentos e experiências com os profissionais da creche e com as crianças, sendo que as crianças e as educadoras iniciaram a confecção com material de sucata de brinquedos, bichos e de decoração para os espaços da creche como móveis e até suporte para papel higiênico, saboneteira, porta lápis, bolsa, etc.

Conhecemos o João, pai do aluno Júnior, que colaborou com seu conhecimento e experiência musical no trabalho de estudo sobre a música. As crianças vivenciaram uma rica experiência musical, conheceram diferentes ritmos, instrumentos, alguns montados com materiais alternativos e reciclados, e também formaram um coral, que além de cantar, encantava a todos. Sr. João por várias vezes vinha até nossa escola tocar e cantar para nossas crianças e prestou homenagem às mães cantando diversas músicas.

Conhecemos a Sociedade Amigos de Bairro. Eles participavam de nossas reuniões e colaboravam na manutenção do espaço, bem como, discutíamos o desenvolvimento social, econômico, ambiental e cultural dos moradores das vilas Sabiá, João Romão e Zacarias.

Nestas andanças pelo bairro, as crianças observavam o lixo e o entulho em vielas e calçadas (ANEXO D, p. 181), a quantidade excessiva de animais soltos nas ruas e as fezes nas calçadas e ruas. Estabelecemos um contato e um trabalho em parceria com a Seção de Zoonoses da Prefeitura de Sorocaba.

As crianças e educadores desenvolveram atividades de observação, registros, confecção de panfletos (ANEXO E, p.182), livros que levavam para casa, realizando pesquisas em livros, com seus familiares. Houve diversas atividades para as crianças e para os moradores tais como a peça teatral 'Lixo atrai bicho' que retrata a vida de duas famílias que moram ao lado uma da outra, a da Dona Clara e da Dona Raimunda. Uma delas cuida adequadamente de seu lixo e a outra não joga-o no terreno baldio ao lado de sua casa. O que acontece? Os bichos são atraídos e promovem um alvoroço na vizinhança. As crianças confeccionaram panfletos sobre os bichos do lixo, como cuidar adequadamente do lixo, conversaram com os lixeiros, distribuíram os panfletos aos moradores e iniciaram uma outra conversa sobre os animais que tinham em casa, os cuidados necessários e quais os que não podiam ter. Iniciaram uma pesquisa para conhecer os animais que as crianças tinham em casa, que viam nos morros, no céu da vila. As crianças têm um fascínio especial pelos bichos e descobrimos que além de cachorros, gatos, peixes e pássaros, havia nas residências jaboti, papagaio, macaco e que alguns tinham no pasto do morro cavalos e daí o Zoológico entrou nessa história.

Primeiramente o veterinário conversou com as crianças sobre os animais que podiam ter em casa, os cuidados necessários e que alguns animais como papagaio, jaboti, macaco devem viver nas matas ou no zoológico e convidou-

os para irem visitar o zoológico e conhecer os animais silvestres, como vivem, se reproduzem, os cuidados que eles recebem, utilizar a biblioteca e participar das atividades que seriam escolhidas pelas educadoras e crianças. E lá foram crianças e educadoras participar da visita monitorada e conhecer os animais do Zôo. As crianças pesquisaram os animais de ocorrência do bairro como sabiá, maritaca, carcará, gambá, etc. e utilizaram os diversos kits, jogos, livros e vídeo da biblioteca do Zôo, enriquecendo o aprendizado.

Neste movimento de imersão e descobrimento, onde fomos tirando os véus que encobriam nosso olhar, tivemos a oportunidade de desenvolver diversas atividades em que as crianças, seus familiares e comunidade, juntamente com os profissionais da Creche, foram sendo os protagonistas de uma história tecida pelas ruas do bairro, na Creche, no Centro de Saúde, no Zoológico e com isto foram criando e participando coletivamente do processo pedagógico.

Para socializarmos tudo o que estava acontecendo e expor o trabalho desenvolvido por cada turma, elaboramos o projeto: **“Integração Escola-Comunidade”**, onde os educadores, crianças e familiares escolheram o símbolo da creche: o Sabiá. Um profissional da área de marketing desenvolveu o logotipo e foram feitas camisetas para as crianças e profissionais da Creche, além de chaveiros e imãs de geladeira com o logotipo para serem distribuídos. Este projeto foi financiado pelo Fundo de Assistência à Educação e Cultura do município de Sorocaba. Para comemorar a criação do logotipo da Creche Sabiá, agora com uma identidade, houve um evento dirigido a toda comunidade no dia 15 de novembro do ano 2000. (ANEXO C, p. 179)

As atividades do dia contaram com a exposição de todas as turmas, dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças e seus familiares, ao longo deste trilhar do conhecer e conviver no cotidiano social, cultural, econômico e ecológico. Foram atividades significativas e contextualizadas com a vida da comunidade e, também a importância dos familiares acompanharem a produção artística de suas crianças, ou seja, o que elas estavam produzindo, criando, imaginando, sentindo, brincando, pesquisando, conhecendo, registrando, experimentando neste espaço/tempo. Em seguida, uma apresentação teatral e do coral composto pelas crianças de 5 e 6 anos da creche. Importante salientar que o coral transcendeu o espaço da creche e apresentou-se em outubro de 2002 no Encontro de Pesquisadores promovido pela UNISO. Fez parte deste evento uma atividade interativa “Conhecendo o Reino

Animal” do Zoológico de Sorocaba e de Votorantim, onde foram expostos animais vivos e taxidermizados para despertar o interesse do público em geral por assuntos relacionados à fauna silvestre e seu ambiente, valorizando a biodiversidade e criando a oportunidade para o esclarecimento de informações errôneas e superstições sobre o comportamento de determinados animais, bem como conscientizá-los sobre não ter animais silvestres em suas casas. E para encerrar as atividades do dia tivemos o stand da Seção de Zoonoses da Prefeitura de Sorocaba, onde um biólogo orientava o público sobre as questões de saúde humana relacionadas aos bichos do lixo, aos animais como cães e gatos, sobre o mosquito da dengue, através de panfletos, conversas e exposição de animais fixados e taxidermizados.



**Fotografia 4 – Cantando Asa Branca e marcando a pulsação da música.**

Diante de todo este movimento fomos trilhando um caminho novo e criativo, valorizando a singularidade de nossas crianças, dos educadores, dos familiares e da comunidade e acima de tudo respeitando a identidade sócio-cultural de todos.

Concomitante a tudo isto iniciamos o repensar sobre os espaços da creche.

## O ESPAÇO ANTES ...



**Fotografia 5: crianças descansando**



**Fotografia 6: crianças em atividade na sala**

Conforme a “Série de Manuais sobre Creche”, publicação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher de 1998, espaço físico e proposta educacional não podem ser pensados separadamente. Desta forma a equipe de profissionais, sob minha orientação elaborou o Projeto: “Ambiente Interativo em creche: novas perspectivas em creches”, que consistia na reestruturação ambiental de cada sala de acordo com as especificidades de sua turma. Neste projeto contamos com o apoio de alguns familiares das crianças que participaram na confecção da decoração e da montagem dos espaços, da ONG Anima que doou brinquedos,

alguns mobiliários, plantas e vasos, além dos eucaliptos tratados para a construção do viveiro de mudas, da própria Secretaria de Educação, através do FAGED que financiou a aquisição de brinquedos e jogos educativos, da UNISO através do Núcleo de Estudos Ambientais que orientou-nos e a comunidade nos canteiros de ervas medicinais, na horta, no viveiro de mudas e no pomar.

O que aconteceu....

No berçário onde seu espaço era totalmente ocupado pelos berços, houve a desmontagem de metade deles, sendo que obtivemos um espaço livre para brincadeiras e movimentação do bebê com opções de cantinhos, promovendo assim uma diversidade de atividades num ambiente estimulador e desafiante para a criança. Neste espaço os bebês puderam tocar, explorar, sentir, engatinhar, brincar, se apoiar, dar seus primeiros passos, chacoalhar e muito mais, estimulando o corpo, os sentidos, os significados e interagindo com outros bebês e com as educadoras de forma mais significativa e duradoura.

Para as crianças de um ano a três anos, onde os espaços eram totalmente vazios, implantamos os cantinhos ou zonas circunscritas, com ambientação para o brincar: cozinha, marcenaria, contação de história, circuito aventura, curral, canto dos animais, atelier, camarim, dentre outros cantos.

Para as crianças de quatro a seis anos, onde os espaços eram ocupados somente pelas mesinhas e cadeirinhas das crianças, diminuimos o número destas e implantamos também os cantinhos como: da biblioteca, da música, das coleções, da natureza, dentre outros.

Nos anos seguintes realizamos também uma grande reformulação no espaço externo da Creche, onde implantamos o “Cantinho do Sabiá”, a “Casinha do Sabiá”, a “Horta do Sabiá”, o “Parque do Sabiá”, o “Viveiro de Mudas do Sabiá” e “O Sabiá e o Artista”, além de contarmos com dois quiosques onde se realizam diversas atividades. (ANEXO A, p.170)

## **O ESPAÇO DEPOIS ...**



**Figura 2: Espaços do Sabiá  
por Vanessa Alves.**



**Fotografia 7: novos cantinhos**

E desta forma, fomos construindo coletivamente novos caminhos pedagógicos. Aconteceram inúmeras reuniões, palestras, cursos, oficinas que foram oferecidos a todos os profissionais da creche. Sempre contei com uma equipe reduzida de profissionais que permaneceu por todos esses anos, diante da constante rotatividade de educadores que passaram pela creche. Houve conseqüentemente altos e baixos em nosso fazer pedagógico, mas esta equipe competente, criativa, e comprometida deu sustentação ao trabalho, acreditando na possibilidade de “ecologizar” o fazer na Educação Infantil.

E, a partir desse movimento de ação/reflexão/ação tivemos a oportunidade de desenvolver a pesquisa sobre a Educação Ambiental, que trataremos a seguir.

## **1.6 Meio Ambiente e Educação Ambiental**

A temática ambiental ao longo das últimas décadas e mais firmemente nos últimos anos passou a ser mais discutida por diversos segmentos de nossa sociedade. Encontra-se cada vez mais presente na sociedade, nas discussões sobre políticas educacionais e nos diversos debates acadêmicos.

Essa discussão vem em decorrência da forma como o ser humano ao longo da história se relacionou com o meio ambiente: de maneira exploratória onde o desenvolvimento e o crescimento econômico foram baseados na maioria das vezes na extração e utilização ilimitada dos recursos naturais, na utilização de produtos altamente poluentes, nas guerras, na bomba atômica, na violência dos conflitos étnicos, religiosos, na disputa pelo petróleo, na produção desenfreada de bens e na conseqüente apologia ao consumismo.

Layrargues (1999), defende que as origens da atual crise ambiental estão no sistema cultural da sociedade industrial, cujo paradigma norteador da estratégia desenvolvimentista é pautado por um mercado altamente competitivo, sendo a instância reguladora da sociedade. Isto fornece uma visão de mundo unidimensional, utilitarista, imediatista, economicista onde o ser humano percebe-se numa relação de exterioridade e de domínio da natureza.

Podemos considerar as décadas de 60 e 70 como marcos contemporâneos de ascensão dos movimentos sociais através dos grupos de negros, mulheres, homossexuais e ecologistas. Esses grupos pequenos, ou as “minorias ativas” como Moscovici<sup>2</sup> denominou, reivindicaram espaço público e político em resposta a concretude real dos problemas femininos, ambientais, raciais e sexuais e funcionaram como uma pressão política que teve diversos desdobramentos, conquistas, posicionamentos. O surgimento dessas “minorias ativas” derivada dos movimentos sociais reflete um questionamento sobre a postura da humanidade em

---

<sup>2</sup> Denominação de Serge Moscovici apud Reigota (2001).

nossa sociedade. Neste sentido: “No que diz respeito aos movimentos ecológicos, eles surgem fundamentados na crítica a modernidade, aos modelos de desenvolvimento capitalista e socialista, propondo a autogestão, o desarmamento, o pacifismo, etc”. (REIGOTA, 2001, p. 42).

Medina (1997), salienta também que o conjunto de manifestações que eclodem, incluindo a liberação feminina, a revolução estudantil de 1968 na França, expressam a organização democrática dos povos em busca de seus direitos à liberdade, ao trabalho, à educação, à saúde, ao lazer e à definição participativa de seus destinos.

Sendo assim a problemática ecológica suscita discussões em todos os segmentos de nossa sociedade, principalmente nas instituições educacionais.

A ecologia ao longo dos anos deixou de ser um modismo, de ser associada como uma ciência da natureza, e passou a estar presente nas conversas e discussões do cotidiano das pessoas, das escolas. Ecologia não é pensar só na flora e fauna, é pensar nas condições de nossa existência, de nossas percepções, de valores, de sentimentos, das nossas relações individuais e coletivas dentro do espaço educativo, com a comunidade, com a cidade, com o mundo.

A noção de ecologia ou ser ecologista não se restringe a defender a natureza: os bichos, as matas; ser vegetariano e ser contra o capital, o desenvolvimento econômico. A idéia não é essa. É pensar no modo de se conviver seja na Creche, no bairro, na cidade, no mundo. Acreditar e buscar um desenvolvimento que seja pautado dentro de uma perspectiva ecológica de sustentabilidade, de globalidade, de ética, de respeito à identidade, à cultura local e regional.

Moraes (2000), destaca que desta maneira não estaremos associando o “meio ambiente” exclusivamente aos elementos naturais, nem considerando o ser humano de forma isolada em relação à natureza.

Azevedo (1999), discorre que os problemas ambientais têm relação com aspectos socioculturais e históricos do ser humano relacionar-se com a natureza, nas relações de produção e nas inter-relações travadas numa dinâmica complexa e conflituosa, no cotidiano, sendo que a crise ecológica para a autora em sua discussão é uma crise dos valores humanos, da ética em todas as dimensões e suscita novos pensamentos, conflitos, possibilidades, soluções e comportamentos, pois ao longo dessas últimas décadas a abrangência da questão ambiental originou uma série de articulações como conferências, fóruns, seminários, convenções,

congressos, etc. Vem se discutindo, criticando e tentando encontrar novos caminhos ante o caos ambiental que a sociedade humana produziu e continua produzindo.

Diante deste panorama mundial e decorrente do movimento social ecológico surge a Educação Ambiental, “[...] que deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. (REIGOTA, 1994, p.10).

A Educação Ambiental para Padua e Tabanez (1997), tem se tornado cada vez mais importante como um meio de buscar apoio e participação dos diversos segmentos de nossa sociedade para a melhoria da qualidade de vida, bem como propiciar o aumento de conhecimentos, de mudanças de valores para que o ser humano tenha atitudes e comportamentos neste conviver planetário.

Sendo a Educação Ambiental um processo contínuo de aprendizagem de conhecimentos, ela implica que a escola tenha uma nova concepção da experiência escolar e de seu próprio papel. (RODRIGUES, 1997)

Precisamos repensar, rever, refletir e redefinir o modo de se conviver e fazer educação e no espaçotempo da Creche, nós educadores temos esse desafio importante no processo educativo.

Devemos nos realfabetizar com relação ao meio ambiente, aprendendo a ter uma atitude menos consumista, resgatando valores e principalmente o sentido da vida. (DEPRESBITERIS, 2000)

Temos a possibilidade de trabalhar a Educação Ambiental no espaço escolar de forma criativa, inovadora, contextualizada, diversificada, interdisciplinar, contemplando suas múltiplas dimensões, buscando novas possibilidades educativas e sociais. Ela pode e deve, permear todo o currículo escolar, sendo abordada de forma interdisciplinar. A Educação Ambiental não pode se fechar em uma disciplina curricular e sim num fazer pedagógico, um modo de ensinar/aprender, pensar/agir.

A filosofia e a política da Educação Ambiental deve ser o alicerce de todo o trabalho pedagógico da escola. Pensando-a como um processo permanente, acontecendo de forma integradora, contínua e participativa, envolvendo educadores, crianças e comunidade, pois:

Educação Ambiental é querer um mundo diferente, com cidadania, paz, alegria, comida, educação, emprego, liberdade, etc. É buscar ações de transformação para uma vida melhor no presente e no futuro. É olhar para a natureza com os olhos do coração e respeitar todas as formas de vida, considerando a inter-relação e interdependência entre todos os elementos presentes no meio ambiente. (CRIVELLARO, 2001, p. 7).

E só vamos construir esse “mundo diferente”, quando realmente acreditarmos que a Educação Ambiental pode contribuir efetivamente na formação de nossas crianças e no repensar sobre o modo de se viver e se relacionar neste mundo tão complexo, onde violência, guerra, banalização, exclusão social, fome, preconceitos, degradação ambiental e humana, consumismo, prostituição infantil, drogas, alcoolismo etc. que fazem parte do cotidiano de todo habitante do planeta Terra.

Devemos manter a indignação permanente para que possamos reverter um quadro que caminha para a barbárie e devemos também contar histórias que expressem o modo como as pessoas, ao longo dos anos, vem lutando, vivendo e fazendo Educação Ambiental no Brasil e no mundo.

## **1. 7 Educação Ambiental em Sorocaba: Trajetórias e Narrativas**

Para contar essas histórias, merece destaque neste capítulo o contexto histórico da Educação Ambiental sorocabana por alguns aspectos que descrevo e justifico a seguir.

Diversos autores, entre eles AURICCHIO (1999), DIAS (2001), GOYA (2000), MERGULHÃO (1998), REIGOTA (1994), destacaram o pioneirismo do Zoológico de Sorocaba na história da Educação Ambiental, além de contribuir efetivamente na minha formação de educadora.

Por estes motivos pretendo, ressaltar a trajetória da Educação Ambiental em Sorocaba, através das trajetórias e narrativas de pessoas que há alguns anos fazem parte de meu círculo de amizades. Das relações sociais e afetivas que vivenciei ao longo dos últimos oito anos, fui expandindo minha forma de pensar, de estar no mundo, de me relacionar, de me encontrar, de trabalhar na Educação Infantil, mais especificamente de viver e educar dentro de uma perspectiva ecológica. Com essas

peças pude descobrir, discutir, vivenciar, praticar e aprofundar o máximo possível em conhecimentos e informações sobre a Educação Ambiental.

Reigota (2000), propõe que se explore mais a memória e a história de vida das pessoas que consideramos precursores da Educação Ambiental e do pensamento ecológico, que tiveram (e ainda têm) influência marcante entre nós, pois a história oficial da Educação Ambiental, em seu contexto mundial, representada pelas conhecidas conferências de Estocolmo, Belgrado, Tbilissi, Moscou, Rio de Janeiro, etc. podemos encontrar como referência em qualquer texto especializado.

Goya (2000), em sua pesquisa coloca que na ação cotidiana esses personagens contribuem muito para a construção do processo histórico local e global, pois entende que, a história se constrói na somatória de fatos cotidianos que, de uma forma ou de outra, contribuem para o desenrolar de outros e que no conjunto dessas histórias, a captação das experiências dessas pessoas podem preencher lacunas com informações, facilitando o entendimento de aspectos subjetivos de casos que são filtrados por racionalidades, objetividades e neutralidades.

Mas qual seria a importância da Educação Ambiental embrionada e realizada no útero do Zoológico de Sorocaba? Qual sua dimensão no contexto histórico da Educação Ambiental Brasileira e qual a relação com o presente trabalho? Você que está lendo esta dissertação pode estar se perguntando o que o Zoológico tem a ver com Educação Ambiental e Infantil? Em que medida se relaciona com a Educação Infantil, objeto do presente trabalho?

É a partir das trajetórias pessoais e profissionais que irei narrar a história da Educação Ambiental em Sorocaba.

Abordá-la nesta dimensão local foi uma maneira de trazer mais uma vez à tona lembranças do vivido que muitas vezes, não estão nos registros oficiais. Como tive acesso às lembranças deste trabalho, das convicções desses ecologistas achei pertinente descrevê-las nesta dissertação, uma vez que, “[...] mediante narrativas pessoais, podemos aprofundar o conhecimento sobre aspectos encobertos ou negligenciados pela historiografia oficiosa ou oficial”. (REIGOTA, 2003, p. 11).

Uma Educação Ambiental que foi parida por entre jaulas do Zôo sorocabano, através da determinação, convicção e envolvimento de pessoas como Lázaro Ronaldo Ribeiro Puglia, Maria Cornélia Mergulhão, Luis Almeida Marins Filho, Lélia Maria Urban, entre outras.

Segundo Mergulhão & Vasaki (1998), o início do programa de Educação Ambiental desenvolvido no Zôo, foi devido à visão de futuro de dois homens, o então Secretário da Educação, Luis Almeida Marins Filho, e o Diretor do Zoológico, Lazaro Ronaldo Ribeiro Puglia. Eles acreditavam nas pessoas como agentes de transformação do meio ambiente para a conservação da natureza e a melhoria da qualidade de vida.

Sendo assim a história da Educação Ambiental em Sorocaba foi sendo tecida por pessoas determinadas e na medida que as atividades iam se desenvolvendo, foram tendo repercussões, herdeiros, posicionamentos políticos, sociais, econômicos, culturais e ecológicos e com isto muitas transformações.

Esta Educação Ambiental produzida pelo Zôo de Sorocaba teve início quando o médico veterinário Lazaro Ronaldo Ribeiro Puglia, começou a trabalhar neste zoológico em 1974, vindo de uma experiência de três anos como veterinário do Zôo de Goiânia e como professor da PUC de Goiânia, onde já trabalhava o zôo como um espaço de ensinamento e não só como lazer.

Esta experiência inicial contribuiu significativamente para sua formação, bem como pode sentir o quanto seus alunos se interessavam mais pelas aulas práticas e diferenciadas, fosse no espaço do próprio zôo, fosse em sala de aula com os animais ou em campo nas fazendas, áreas de preservação permanente, reservas e parques, trabalhando sempre dentro de uma visão de interdependência, inter-relação e para o conservacionismo.

Como professor de uma universidade tinha que passar para seus alunos/alunas conhecimentos da área de Biologia e Zoologia e para realizar tal tarefa sentia que sua sala de aula não poderia se restringir as quatro paredes e aos conteúdos programáticos da educação formal. Sentia a necessidade de ligá-los de forma interdisciplinar às questões ambientais locais, regionais e mundiais. Trabalhava de forma inovadora, dinâmica e prática.

Acreditava que como professor poderia formar muitos multiplicadores, mergulhando fundo, iniciou este novo desafio dentro de um zoológico.

Desta forma, teve início na década de 70, os primeiros trabalhos em Educação Ambiental dentro do zoológico:

Verificando os efeitos negativos dos zoológicos brasileiros para os animais, conclui que a melhor maneira para justificar a presença do animal no cativeiro é usando-o como veiculador de mensagens conservacionistas. Desta forma iniciamos os primeiros trabalhos com Educação Ambiental. (PUGLIA, 1999, p. 8).

O Zoológico de Sorocaba foi fundado no ano de 1968 no dia 20 de outubro, juntamente com o Museu Histórico Sorocabano. Quando iniciou suas atividades em 1974, o médico veterinário Rony, sentiu que havia uma grande necessidade de transformar o zoológico, de ser muito mais do que uma vitrine de animais. Ele ressalta que desde sua chegada, “[...] levou muito a sério a abertura de estágio para estudantes e a Educação Ambiental, pois há trinta anos, os poucos zôos existentes eram apenas coleções de animais “expostas ao público”, e não à visitação pública. Vários zôos brasileiros herdaram: animais, técnicas e funcionários circenses. Eram ambientes minúsculos, técnicas em violência e funcionários que atavicamente, se consideravam especialistas. Estes recusavam a utilização dos serviços veterinários. Propusemos que os “zôos” deveriam ser “lógicos” e para tal, era fundamental a definição de critérios. Assim sendo, os zôos se prestam à: visitação pública, Educação Ambiental e complementação curricular, conservacionismo, pesquisas, reintrodução, translocação e assessoria em questões político-ambientais. Os critérios logo foram aceitos pelo IBAMA (IBDF, na época) e se tornaram Lei que se complementaram com a elaboração das instruções normativas. Felizmente, a Educação Ambiental foi contemplada e logo sua prática é obrigatória.” (PUGLIA, 1999, p. 8).

Desta maneira iniciou uma grande reorganização nos recintos dos animais, adequando-os, enriquecendo-os, de acordo com sua filogenia ou segundo os ecossistemas. Com esta reorganização um dos objetivos era que o zôo fosse auto-educativo.

Nesta época iniciou um trabalho dentro do que vem a ser a tríade das funções de um zoológico, além do lazer oferecido implicitamente:

- Pesquisa;
- Reprodução das espécies sejam ameaçadas de extinção ou não; e a
- Educação Ambiental.

O Zoológico de Sorocaba teve uma característica curiosa em sua trajetória, pois ele era vinculado a Secretária de Educação. A maioria dos zôos brasileiros era

ligada às Secretarias de Obras ou Parques e Jardins. Este vínculo com a educação possibilitou um canal de comunicação que resultou num diferencial significativo principalmente quando, em 1979, assumiu a Secretaria de Educação, Saúde e Turismo de Sorocaba, o Dr. Luiz Almeida Marins Filho.

O Professor Marins à frente da Secretaria motivado pelas inovações e pelo trabalho pioneiro dos técnicos do Zôo deu um amplo apoio institucional.

A necessidade da prática da Educação Ambiental dentro do zoológico estava sendo implantada, através de caminhos trilhados por pessoas que estavam transformando o zôo: “[...] numa sala de aula viva, dinâmica e cheia de emoções, com a possibilidade de sensibilizar muita gente para a luta em favor da natureza”. (MERGULHÃO, 1998, p. 22).

Quando Reigota (2000), diz que a educação ambiental brasileira é uma das melhores e mais pertinentes do mundo e que essa afirmativa não esta baseada em nenhum sentimento nacionalista ou autopromocional e, sim nas observações e estudos que fez em muitos lugares que visitou ou viveu. Aproveito a oportunidade e quero incluir fatos e datas que talvez possam enriquecer esta afirmativa.

A reconstituição histórica abaixo escrita foi construída a partir dos dados obtidos em conversas com o Rony, Neli e Lélia<sup>3</sup>,

- A Sociedade Brasileira de Zoológicos foi fundada em Sorocaba em 1978 diante da necessidade dos zoológicos de ter uma legislação própria e adequada. As reuniões de fomentação da criação desta sociedade aconteceram no Zôo de Sorocaba, estando registradas em cartório da cidade, através da determinação e obstinação do Rony que, diante de tantas necessidades, alinhavou juntamente com outros técnicos de todo o Brasil, uma proposta que viria ser a base da legislação dos zoológicos no Brasil atualmente. Ressaltando que:

No inicio do nosso trabalho no Zôo, não havia qualquer troca de informações e também o despreparo era geral. Após muitos encontros em Sorocaba onde iniciam-se os primeiros Congressos, a criação da SZB era inevitável... Surgiram assim, os primeiros trabalhos científicos e suas respectivas publicações. Formaram-se as bibliotecas e a conseqüente troca de artigos. Os primeiros técnicos iniciaram cursos pós-graduação e também saíram para realizar estágios e cursos em zôos e criadores de outros países. Surgiram também os importantíssimos convênios com as

---

<sup>3</sup> Rony: Lazaro Ronaldo Ribeiro Puglia, veterinário; Neli: Maria Cornélia Mergulhão, bióloga e veterinária e Lélia Maria Urban Soares, geógrafa e decoradora.

universidades que promoveram um grande avanço aos Zôos. (PUGLIA, 1999, p. 8)

Anualmente, a partir daí, a Sociedade Brasileira de Zoológicos realiza seu congresso, sendo que no ano de 1986 foi criado um departamento de Educação Ambiental dentro da Sociedade Brasileira de Zoológicos.

□ Em 1979, inicia-se o “Curso de Ecologia de Férias”, e que mais tarde tornou-se o chamado “Tranzô”. Nestes cursos crianças e adolescentes participavam de diversas atividades dentro de um tema, que no início era mais focado na fauna e que com o passar dos anos foram se ampliando com outros temas como: água, energia elétrica, índios, lixo, reciclagem, flora, etc...

□ Em 1980 o médico veterinário Rony apresenta o 1º trabalho de Educação Ambiental no Congresso da SZB, sendo que segundo Puglia (1999) ninguém considerava esta atividade uma atribuição da medicina veterinária e após dez anos de trabalho de Educação Ambiental teve como resposta a este trabalho no referido congresso: *“este assunto não é pertinente ao trabalho do Zôo e por conseguinte não conferimos diploma”*. Conforme Puglia (1999), *“acreditamos, praticamos e vencemos e curiosamente, no auge da Educação Ambiental sorocabana, o Zôo de Sorocaba era um dos três mais importantes do Brasil”*.

□ Em 1980 iniciam-se as excursões de campo ao Pantanal sob orientação do veterinário Rony e do biólogo Raul José Vieira Neto. As famosas excursões ao pantanal que anualmente o Zôo de Sorocaba realizava na semana da pátria, tiveram sua origem, quando em outubro de 1979, o Rony conheceu Raul José Vieira Neto, diretor do Zoológico de Cuiabá, vinculado à Universidade Federal do Mato Grosso. Neste mesmo ano Rony desembarcou em Cuiabá, a convite do amigo e conheceu a Transpantaneira, o garimpo de Poconé, o Mimoso e muitos outros pontos.

Retornou a Sorocaba e durante os 15 anos subseqüentes montou excursões anuais ao Pantanal. Com um grupo multidisciplinar, apesar da predominância de biólogos e veterinários, havia psicólogos, engenheiros agrônomos, funcionários do IBDF, zootecnistas, estagiários do zôo e até leigos. Ficavam acampados no meio do mato observando, discutindo, escrevendo, consultando livros e aprendendo muito neste ecossistema. Desta época há a

publicação do livro *Ninhal, “que começou a nascer quando, durante um churrasco ouvimos, fascinados, o relato de uma expedição realizada em 1984 por um grupo de técnicos a um Ninhal ou Viveiro localizado no Pantanal Matogrosense.”* Esta publicação não teve caráter científico e sim de registrar, através de imagens, fotografias, vídeo e dos relatos dessa visita realizada em setembro de 1987 àquela região. A publicação teve fotografia de Renata Falzoni e a colaboração técnica do zootecnista e diretor do Zoológico de Bauru: Luis Antonio da Silva Pires, do veterinário e diretor do Zoológico de Sorocaba Lázaro Ronaldo Ribeiro Puglia, do biólogo e diretor do Zoológico da Universidade Federal de Cuiabá Raul José Vieira Neto, da bióloga Maria Cornélia Mergulhão do Zoológico de Sorocaba e do câmera Roney Sampaio.

- Em 1981 inicia-se o curso de ecologia para crianças por correspondência. Este programa atingiu cerca de 25000 pessoas no período de 1981 a 1996 quando foi extinto.
- Havia também anualmente a Semana de Ecologia com a presença de autoridades no assunto, como Paulo Nogueira Neto, Mario Autuori, Ladislau Deutsch, Werner Carlos Augusto Bookeermann, Luis Almeida Marins Filho e outros. Aconteciam no prédio da DIRA ( Divisão Regional Agrícola).
- Havia também anualmente as Madrugadas Ecológicas para Universitários. Eram alunos da Faculdade de Engenharia de Sorocaba e estagiários do Zôo de Sorocaba que participavam desses encontros onde eram abordados temas ligados à natureza./sociedade/mundo. Alguns temas contemplados foram: Impacto ambiental das hidrelétricas, pelos engenheiros da CESP. Problemática Indigenista brasileira, pelos irmãos Vilas Boas.
- Em 1982 houve o início do trabalho da bióloga e veterinária Maria Cornélia Mergulhão no Zôo. Um fator importante, significativo e diferencial para a Educação Ambiental que estava sendo desenvolvida. Recém -formada, com idéias fervilhando na cabeça e já tendo estagiado no próprio Zôo de Sorocaba, ela alavancou o trabalho da Educação Ambiental, introduzindo de forma mais sistemática as atividades desenvolvidas, bem como institucionalizando os programas em definitivo. Em sua própria fala, isto significou “a realização de um grande sonho: lidar com animais silvestres e, no caso, num zoológico com uma das melhores referências no Brasil, onde já tinha sido estagiária por dois anos”.(MERGULHÃO, 1998:22)

- Em 1982 ocorre a Instalação do Centro Inter Pré-escolar de Educação Ambiental [CIPEAM] no Parque da Biquinha, onde as crianças de pré-escola participavam de atividades ecológicas.
- Em 1982 ocorre a criação do “Vigilantes do Verde” destinado a crianças de 7 a 14 anos, consistia em um clube onde as crianças vigiavam e denunciavam agressões ao meio ambiente que ocorressem no entorno de sua escola/comunidade.
- Em 1983 iniciam-se as visitas orientadas no Zôo com frequência sistematizada.
- Um outro fator importante e diferencial era o estágio oferecido pelo zôo desde que o Rony iniciou seu trabalho no Zôo. Como tinha um excelente trabalho de reprodução em cativeiro, manejo dos animais silvestres, enriquecimento dos recintos, publicação em revistas científicas, era constantemente chamado a ministrar cursos nas universidades estaduais, federais, etc. Rapidamente o estágio no Zôo de Sorocaba tornou-se pré-requisito e referência, só que um fato muito curioso aconteceu quando recém-chegada de um curso no exterior e cheia de idéias a Neli e o Rony discutem e montam uma grade curricular para o estágio no Zôo:
  1. Educação Ambiental.
  2. Medicina Veterinária.
  3. Nutrição Animal.
  4. Enriquecimento ambiental.

Simplesmente o primeiro grupo recusou-se a fazer educação ambiental e nutrição animal. Eles eram veterinários e iriam clinicar e não educar conforme alegaram.

O primeiro Zôo a colocar a Educação Ambiental no currículo dos estágios, e esse compromisso da experiência em Educação Ambiental no estágio de veterinários e biólogos dentro do zôo continua até hoje. Este estágio, desde sua implantação, continua concorridíssimo dadas suas características interativa, dinâmica e prática. E o Zôo foi se consolidando como espaço de formação profissional reconhecido pela USP, UNESP, PUC e outras faculdades, que mantém convênio para que seus alunos e alunas possam estagiar neste espaço.

O estágio no Zôo de Sorocaba é uma referência nacional. Durante anos este estágio foi pré-requisito para emprego nas áreas de zoológico e de conservação. A veterinária Sandra Charity que é funcionária da WWF no escritório de Londres na Inglaterra estagiou junto com a Neli em 1981.

- Em 1983, o Departamento de Parques e Praças de Curitiba no Paraná, convida Rony, Lélia e Neli para realizarem um curso de Educação Ambiental dirigido aos alunos do município, sendo que teriam também que capacitar monitores para a realização deste trabalho. Os monitores eram estudantes de biologia e veterinária que após este curso criaram e fundaram a SPVS (Sociedade de Proteção a Vida Selvagem).
- Em 1984 ocorre o I Encontro Regional de Educadores Ambientais no Brasil.

Decorrência do trabalho do Zôo de Sorocaba, que sensibilizou a população para a poluição do rio Sorocaba, bem como do trabalho do secretário municipal Professor Marins, a cidade de Sorocaba foi escolhida para sediar em 1984, o I Encontro Paulista de Educação Ambiental. Embora de caráter regional, esse encontro reuniu pela primeira vez no Brasil os poucos praticantes e pesquisadores em educação ambiental que apresentaram trabalhos realizados nos últimos anos ( REIGOTA, 1994)

Segundo Silva (2000), após realizar pesquisa documental e bibliográfica sobre a Educação Ambiental no Brasil e com base em fatos de sua experiência pessoal ela apresenta dentre outros, o I Encontro Paulista de Educação Ambiental – Sorocaba/SP como um dos acontecimentos mais importantes, para a consolidação da Educação Ambiental no Brasil e particularmente no Estado de São Paulo.

- Em 1985 a equipe do Zôo realiza curso de capacitação para 350 professores da rede municipal em curso de 30 horas.
- Em 1986 inicia-se o atendimento, em visitas orientadas, aos deficientes visuais e mentais.
- Em 1986 ocorre a Criação do Clube de Observadores de Aves, composto de crianças e adolescentes.
- Em 1988, o Zôo recebe apoio financeiro da WWF [ World Wildlife Foundation for Nature] da Suíça para o desenvolvimento do programa de Educação Ambiental local e também no Parque Estadual Carlos Botelho.

Segundo Mergulhão (1998), o trabalho do Zoológico de Sorocaba na área de pesquisa e procriação de espécies e Educação Ambiental recebeu apoio e reconhecimento de várias entidades nacionais e internacionais como a World Wildlife Foundation, a Smithsonian Institute, o Fish and Wildlife Service, A Fundação Boticário de Proteção à Natureza, a Fundação pró Natureza, entre outras.

- Em 1989 é construído o Centro de Educação Ambiental com auditório e biblioteca especializada em meio ambiente.

- Em 1990 a população sorocabana apóia campanha de não asfaltamento da SP que corta o Parque Estadual Carlos Botelho. A campanha mobiliza a região e o processo de asfaltamento é paralisado.

- Em 1990, a Neli foi escolhida pelo Smithsonian Institute, para conhecer programas de Educação Ambiental em parques e Museus dos EUA.

- Em 1990 o Clube de Observadores de Aves apóia a campanha contra drenagem da Lagoa de Jundiaquara em Araçoiaba da Serra.

- Em 1990 o Zôo recebe apoio da Fundação Boticário e compra um ônibus para transportar as crianças das escolas públicas para os parques.

- Em 1992 Com o apoio da WWF, Boticário e Prefeitura realiza-se o “1º Treinamento em Educação Ambiental para Técnicos de Zoológicos e Museus com a participação de 22 pessoas de todo o Brasil com duração de 14 dias. Foi então que se construiu o alojamento que recebe até hoje, estagiários de veterinária, biologia e pessoas em treinamento.

- Em 1992 Inicia-se o programa o “Zôo vai a escola”.

- Em 1992 O Clube de Observadores de Aves apóia e defende a transformação de uma área verde particular em Parque Municipal Bráulio Guedes da Silva.

- “Para suprir a grande demanda de atividades educativas, em 1992, alguns integrantes da equipe foram transferidos, estendendo o programa para outros parques da cidade: Parque da Biquinha, Parque Natural Chico Mendes, Parque da Água Vermelha e Parque Ouro Fino.” (MERGULHÃO, 1997, P.196)

- Em 1992 houve a criação de material, como os kits ecológicos, a ecovideoteca, o material taxidermizado, para apoio didático aos professores do município.

□ Em 1993 Criado o curso de Biologia na PUC. O currículo foi organizado com apoio dos técnicos do Zôo e o zoológico é cenário das pesquisas e disciplinas envolvidas. A Faculdade tem o enfoque em meio ambiente e Educação Ambiental influenciada pela vocação da cidade.

□ Em 1993, dando continuidade ao desenvolvimento de material para apoio didático aos professores do município, a criação de jogos ecológicos.

□ Zoológico de Sorocaba é eleito o símbolo da cidade. É um dos lugares mais populares do município, o cartão de visita da cidade. Em 1993, numa pesquisa organizada pela emissora local da Rede Globo, foi eleito pela população como o “símbolo da cidade”.(MERGULHÃO, 1998)

□ De 1995 a 1997 a equipe de Educação Ambiental cresce e conta com 4 técnicos e 12 estagiários contratados.

□ Criação do Clube de Fotógrafos da Natureza.

□ Criação do Tranzô adolescente.

□ Em 1996 houve a inauguração do Museu de Zoologia.

□ Em 1996, a Secretaria de Educação e Cultura realiza o Congresso de Educação, Cultura e Meio Ambiente, sendo que os técnicos do Zôo colaboram dando apoio em sua organização, desenvolvimento e na apresentação de trabalhos.

□ Em 1996 houve a implantação do “Tranzô Família”.

□ Treinamento de monitores e professores.

□ Em 1996 houve o desenvolvimento de dissertação de mestrado que avaliava o programa de Educação Ambiental do Zoológico de 1982 a 1996.

□ Em 1998 implantam o “Projeto Zooterapia”, em parceria com a PUC, que consistia em desenvolver atividades ecológicas para pessoas em especial estado de saúde em locais como hospitais, asilos, escolas de educação especial, etc.

□ Em 1998 a professora de Educação Infantil da rede municipal Viviane Rachid Garcia passa a integrar a equipe de Educação Ambiental do Zôo. Ela já havia por inúmeras vezes trabalhado como voluntária em alguns programas do Zôo, estando cursando Biologia na PUC, sua transferência para este espaço concretizou seu desejo de fazer parte da equipe e de trabalhar em todos os programas do Zôo.

□ Em 1998 é criado o Clube dos Conservadores da Natureza composto por adolescentes de 14 a 18 anos.

□ Em 2000 é realizado o primeiro “Tranzô Terceira Idade”.

□ Em 2004 é realizado o primeiro “Tranzô Pimpolhos”, dirigido a crianças de 4 a 6 anos

Os programas implantados e as atividades desenvolvidas pelo Zoológico de Sorocaba envolveram a população sorocabana, e continuam até hoje, sendo que o Zôo passou a ser um centro de referência em meio ambiente na cidade, atendendo a um público altamente diversificado, de crianças até adultos, de diferentes camadas sociais, atendendo diversos setores de nossa cidade. (MERGULHÃO, 1997)

Goya (2000) em pesquisa sobre a Educação Ambiental produzida pelo Zôo de Sorocaba analisa e conclui que os atores sociais envolvidos, tem uma representação social de meio ambiente de caráter naturalista, sendo as atividades desenvolvidas focadas nas questões de conservação e preservação, trabalhadas sob a forma de aulas de zoologia e ecologia, desconsiderando o homem enquanto sujeito social e histórico. Afirma ainda que:

O povo sorocabano, como qualquer outro, está inserido num contexto mais amplo permeado de paradigmas que regem as práticas pedagógicas que surgem no mundo. Respeitar a cultura do povo, levar em consideração a ética, as questões sócio-econômicas, culturais, políticas é de fundamental importância para que a educação ambiental da região continue tendo uma importância local e global, principalmente por levar em consideração aspectos mais abrangentes, que vão além da conservação ambiental. (GOYA, 2000, p. 68).

Essas colocações enriquecem a discussão sobre a Educação Ambiental que um zoológico pode oferecer, além das interpretações e do entendimento que cada um pode ter.

Mas precisamos ampliar a visão da Educação Ambiental praticada em Sorocaba, pois ela não pode “[...] ser traduzida por meras aulas de ciências ou biologia no seu conteúdo naturalista”.(PEDRINI, 1997, p. 89)

Segundo Lange e Ratto (2000), desenvolveram-se no Brasil inúmeras atividades educacionais, de forma pontual ou contínua, em diferentes espaços e com envolvimento de diferentes segmentos da população. Praticada sob diferentes enfoques filosóficos (político e pedagógico) e com grande diversidade em relação a conteúdos, metodologias e resultados, as atividades em Educação Ambiental são extremamente inovadoras e originais e estão conquistando cada vez mais espaço e importância no debate teórico/institucional.

Auricchio (1999), em seu estudo sobre o potencial da Educação Ambiental nos Zoológicos Brasileiros, coloca que os zoológicos ao longo dos anos evoluíram, tornaram-se instituições de grande potencial de disseminação de informações sobre temáticas relacionadas ao meio ambiente, sendo que a Educação Ambiental oferecida deve promover o envolvimento do público nas questões ambientais, buscando uma melhor relação homem-natureza. E conclui em sua pesquisa que muitos deles não se restringem apenas aos temas relacionados à fauna e à biodiversidade e que existe uma grande variedade de temas abordados nos Programas de Educação Ambiental destas instituições, tais como: poluição, lixo, agrotóxicos, recursos hídricos e minerais, controle biológico, desmatamento, tráfico de animais silvestres, caça e pesca, garimpo, saúde, doenças tropicais, qualidade de vida, participação comunitária, desenvolvimento sustentável, a questão indígena, profissões, história da cidade, terapias, etnobiologia e ação antrópica, entre outros.

Pedrini (1997) defende que a Educação Ambiental não pode ficar somente em sua dimensão ecológica e que é preciso interligá-la a outros campos do conhecimento humano, como a política e a ciência social.

De acordo com Mergulhão (1998), o tema das atividades educativas do programa do Zôo de Sorocaba, ao longo dos anos, foi se ampliando, discutindo o meio ambiente de uma maneira abrangente, pois a realidade das cidades oferece temas do cotidiano que ligam o meio ambiente, a saúde, aos aspectos culturais, à história local. Assuntos como a epidemia de dengue, a leptospirose, jamais podem ser discutidos somente sob o aspecto da saúde, em detrimento da discussão de sua origem ligada ao desequilíbrio ambiental urbanos e aos problemas sociais e econômicos do país. As conseqüências do acúmulo e destino inadequado do lixo devem ser encaradas sob o ponto de vista ambiental no seu sentido mais amplo, lidando com aspectos sociais na discussão dos catadores e seu trabalho em busca de alternativa de sobrevivência, as zoonoses na discussão dos bichos do lixo, fatores comportamentais como produção e consumo exagerado de descartáveis, a estética, entre outros.

A autora acrescenta ainda que o trabalho do Zôo gerou várias ações coletivas para a solução dos problemas detectados pela comunidade. Sobre diferentes formas, tais como denuncia na imprensa, coleta de abaixo-assinados, reivindicações legais, formação de grupos de discussão, mutirão, entre outros, as pessoas participavam reconhecendo seus direitos e deveres.

Outra característica é a participação de outras instituições, tentando dar ao trabalho realizado uma visão multidisciplinar. Instituições como Museus, universidades como a PUC de Sorocaba, UNESP de Botucatu, UNISO, Delegacias de Ensino, Polícia Ambiental, órgãos governamentais e não governamentais enriquecem as discussões e o próprio trabalho.

Mergulhão (1997), após análise do programa educativo do zoológico como um todo, coloca alguns dos principais resultados dentre outros: Incorporação do programa no cotidiano dos munícipes; Mudança comportamental da população; Formação de agentes multiplicadores de diferentes profissões; Incorporação da cidade em movimentos locais pela conservação de habitats naturais e melhoria da qualidade de vida; Extensão do programa para cinco outros parques; Presença e apoio da imprensa em todas as atividades; Ações de grupos ecológicos; Criação da “Associação Amigos do Zoológico”.

Por força de um conjunto de atividades e movimentos em defesa do meio ambiente que, sem dúvida, lograram sensibilizar parcelas significativas da sociedade e suas respectivas instituições para a questão ambiental, o Zoológico de Sorocaba teve o mérito de ser precursor e de ter envolvido a população sorocabana para as questões ambientais que a princípio estavam mais focadas no conservacionismo da fauna silvestre, mas que ao longo dos anos foram se ampliando.

A Educação Ambiental trilhada pelo Zôo de Sorocaba e que influenciou o meu trabalho na Educação Infantil não é aquela somente com uma abordagem naturalista, focada na fauna e flora. Ela vai muito além de, só defender os animais e o verde, explorando uma concepção de interdependência do ser humano com o meio ambiente, além de interligar os conhecimentos de diferentes áreas. Aprendi que não estava vendo somente um animal preso numa jaula. Aprendi que este animal era um veículo da mensagem ecológica e que a Educação Ambiental no zoológico era um dos caminhos possíveis para que as pessoas se informassem e se educassem, sendo um exemplo da educação não-formal. A educação que não vem só da escola e que cada um a partir do contato com esta Educação Ambiental absorve de uma forma e entende-a, dando diferentes significados.

Como cidadã sorocabana, educadora, pesquisadora e como participante deste círculo de amizades ecológicas não poderia deixar de registrar que as atividades do Programa de Educação Ambiental do Zôo de Sorocaba foram pioneiras, inovadoras, criativas e que ao longo desses trinta anos foram se

transformando. É muito importante que haja uma maior reflexão, discussão e desconstrução da idéia de que os zoológicos ou são mera vitrine de animais, ou fornecem informações sobre a fauna somente sob o ponto de vista biológico.

Muitas pessoas se incomodam em ver os animais em cativeiro, simplesmente como exibição, porém desconhecem a amplitude desse trabalho. Mas acredito que com o conhecimento dessa história e de outras que podem vir a serem contadas, as pessoas terão a dimensão verdadeira de um zoológico.

Afinal o Zoológico: é ou não é escola?

Posso afirmar que o Zoológico de Sorocaba é uma sala de aula viva, ou melhor, uma escola e que como sorocabana apaixonada pela cidade e pelo marido me senti no dever e com responsabilidade de levar um pouco dessa história para este espaço, uma vez que esta Educação Ambiental sorocabana teve influência no meu fazer pedagógico ao longo de minha carreira no magistério municipal e mais fortemente no trabalho desenvolvido na Creche Sabiá, além de propor uma reflexão maior sobre o verdadeiro potencial educativo de um zoológico, bem como radicalizar a alternativa de transformá-lo, disseminá-lo como uma ESCOLA.

No meu entender o Zoológico assim como a escola são espaçotempos de educação.

Conforme Alves (1998), a realidade nos mostra que além da escola não ser o único espaçotempo de educação possível, ela está em crise, decorrente de não se relacionar com outros possíveis espaçotempo de educação.

Cabe a nós educadores/pesquisadores propor o desafio à escola, à universidade, de recriar formas de se estabelecer redes de interação, de dialogicidade, de conhecimento. Acredito na possibilidade da escola estar aberta a essas redes, de se relacionar com sua comunidade, com seus museus, teatros, praças, com o Rio Sorocaba, com o Zoológico, com as universidades, com outras escolas, com as indústrias, etc.

O Zoológico de Sorocaba ao longo desses tantos anos foi se relacionando com seu povo, sua cidade, suas escolas e universidades e foram expandindo uma forma possível dentre outras, de se fazer educação. E nós profissionais da educação, da escola, da universidade, como poderemos recriar a escola num processo de abertura a novas redes de conhecimento?

Como educadora na área de Educação Infantil, desde 1987, minhas observações, inquietações, dúvidas, leituras, conversas, levaram-me a um

questionamento constante; e as experiências vividas, principalmente como educadora/mãe/diretora/pesquisadora na Creche Sabiá constituíram-se num percurso de um fazer Educação Ambiental na Educação Infantil, que tento descrever, entender e interpretar através desta narrativa, onde iremos conviver, brincar, fazer e sentir através de inúmeras atividades num percurso trilhado por mim e por um coletivo de crianças, educadores, familiares, comunidade e por alguns tantos amigos/parceiros que foram aparecendo neste caminhar e que constituíram-se numa das formas possíveis de se fazer educação numa instituição como a creche.

E foi a partir dessas inquietações, vivências e buscas que iniciei o mestrado em 2001 e conheci o professor Dr. Marcos Reigota. As disciplinas que cursei sob sua responsabilidade, contribuíram efetivamente para minha formação, além de levá-las para o espaço da Creche, na formação dos profissionais que, ao longo desses anos, trabalharam conosco. Suas aulas eram bem diferenciadas, líamos livros de literatura, assistíamos filmes, observávamos fotografias, fazíamos tarefas semanais onde tínhamos que escrever sobre um texto ou uma imagem escolhida por ele e retirada de jornais, revistas, livros, ou de suas viagens. Traduzir minhas idéias e pensamentos sobre diferentes assuntos era muito difícil, por não ter o hábito da escrita, mas ao mesmo tempo prazeroso, uma vez que éramos incentivados a escrever de forma livre. Em suas aulas, que para mim se constituíam em encontros de convivência e troca, os alunos e alunas tinham oportunidade de aprofundar suas leituras através da escuta da opinião de cada um e do próprio professor que incitava ao questionamento sob diversos pontos de vista. Lembro-me que os livros que mais me tocaram: “Resumo de Ana” de Modesto Carone, “Mar de Dentro” de Lia Luft e o texto: “Sou Neto do Tomé!” de autoria do professor Marcos e que está no livro: Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender, foram descortinando uma nova escrita para mim até então desconhecida. Quando discutíamos essas leituras e outras, recordo muito bem que o professor Marcos estimulava a escuta dos argumentos e reflexões das diferentes opiniões que cada aluno e aluna fazia e ressaltava a importância da heterogeneidade de formação da turma composta por psicóloga, socióloga, atriz, dentista, professor de educação física, diretora de escola, advogada, arte-educadora e até da secretária de educação do município de Sorocaba.

Esta diversidade de pensamentos, argumentos e reflexões era costurada pela habilidade, conhecimento, experiência e sensibilidade de um professor com uma trajetória de vida marcada pela convicção e contribuição de um trabalho significativo dentro da perspectiva do pensamento ecológico que consolidou a Educação Ambiental praticada e estudada no Brasil e no mundo.

Estas leituras constituíram um aprendizado rico, mas também desafiante na medida que me lançava a desconstruir conceitos e pré-conceitos e mergulhar com todos os sentidos no cotidiano escolar.

## 2 CRECHE: POR QUE TE QUERO? POR QUE PRECISO?



**Figura 3: Histórico de Lutas:  
por Vanessa Alves e Silmara Hugller Ferreira**

Neste capítulo, trataremos dos estudos teóricos desenvolvidos ao longo do tempo: o que se convencionou como “creche” no passado e, a leitura das modificações sociais que aconteceram a partir da década de 60, as reflexões advindas desse movimento transformando essa concepção em “Educação Infantil”, a legislação que a ampara atualmente e a perspectiva sócio-interacionista que fundamenta este trabalho na Creche Sabiá.

### 2.1 A Sociedade e a Creche

O modelo familiar existente atualmente difere muito do modelo de algumas décadas passadas, onde o padrão de família nuclear com muitos filhos era comumente encontrado. Hoje, o que temos são crianças que vivem em diferentes composições familiares e são levadas para a vivência no espaço da creche desde

muito cedo, iniciando ali, juntamente com a família, seu contato com a cultura da nossa sociedade.

Historicamente, a creche sempre esteve associada ao atendimento a questões custodiais, sanitárias e de assistencialismo. Visava suprir necessidades e carências da criança, pois sendo que esta era vista sempre como carente. Neste sentido as creches:

Surgiram como mecanismos de compensação social aos efeitos perversos do modelo de desenvolvimento capitalista industrial sobre as populações mais pobres, moradoras de centros urbanos. A modernização dos processos de produção, a nuclearização da família, o trabalho da mulher fora do lar, a necessidade de cuidados físicos essenciais, a premência de esconder filhos enjeitados são fatores que definem a emergência das primeiras creches como espaços de assistência, lugar onde as crianças recebem aquilo que suas mães, por sua condição social, não lhes podem oferecer". (TIRIBA, 2001, p.72)

Com o ingresso de um número cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho, ocorreu uma maior procura pelas creches.

Conforme Rossetti-Ferreira (1992), na década de 70, com os movimentos populares feministas, que reivindicavam e pressionavam o poder público e as empresas para organizarem e manterem creches, esta se tornou um direito da trabalhadora e o resultado foi o obrigatório aumento do número de creches, especialmente nos municípios mais industrializados.

Enquanto as creches públicas atendiam crianças dentro de uma proposta assistencialista, sanitária e preparatória para o ingresso nas séries iniciais de alfabetização, as pré-escolas e creches particulares, por sua vez, procuravam garantir o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, dentro de uma visão de instituição educacional.

Segundo Filho (2001), o parecer da conselheira do Conselho Nacional de Educação, professora Regina Alcântara de Assis, registra com propriedade a utilização histórica e dicotômica dos termos creche e pré-escola no Brasil, sendo: "[...] Creche associada a uma instituição que oferece uma educação pobre para os pobres e pré-escola aquelas freqüentadas pelas crianças de famílias de renda média e alta sociedade" (FILHO, 2001, p. 43).

Um marco na história da creche foi o ano de 1988, com a promulgação da

Constituição Brasileira a creche passou da esfera da Assistência Social para a área de competência da Educação, tornando-se um direito da criança, opção da família e dever do Estado.

Neste sentido, o artigo 208 – Inciso IV da Constituição Federal, promulgada em 05/10/88 discorre que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento em Creche e Pré-Escola às crianças de 0 a 6 anos de idade”.

Na cidade de Sorocaba, havia algumas creches mantidas pelo Poder Municipal e as creches domiciliares, denominadas de Mãe Crecheira<sup>4</sup>, gerenciadas pela Secretaria de Assistência e Promoção Social. Em 1989, ocorreu a mudança de competência e a Secretaria da Educação assumiu a responsabilidade pelas creches municipais. Até 1989, Sorocaba tinha 3 unidades de creche, passando, em 1992, para 17 unidades.

No período de 1993 a 1995, foram 7 novas unidades. Com essa mudança, as creches deixaram de ser gerenciadas pela Secretaria da Promoção Social e passaram para a Secretaria de Educação e Cultura, ocorrendo um crescimento rápido em 7 anos. O atendimento em creches passou de 3 para 24 unidades neste período.

Vale destacar outra mudança ocorrida após a aprovação da Lei Municipal n° 4.599, de outubro de 1994: a denominação creche foi alterada para Centro de Educação Infantil. A mudança na nomenclatura trouxe, principalmente, uma nova proposta baseada na unificação dos serviços educacionais prestados às crianças matriculadas na rede municipal. Desta maneira os Centros de Educação Infantil funcionavam com atendimento em período parcial e integral.

As mães crecheiras que atendiam as crianças da Vila Sabiá continuaram acolhendo as crianças em suas casas até meados de 1994, quando foi extinto este tipo de atendimento no município.

A Associação de Moradores da Vila Sabiá, João Romão e Zacarias, pressionaram o poder público reivindicando uma creche com espaço próprio, o que aconteceu em 31 de janeiro de 1995, quando o Centro de Educação Infantil “Ettore Marangoni”, foi inaugurada pelo então Prefeito Paulo Francisco Mendes e pelo

---

<sup>4</sup> Mães Crecheiras eram donas de casa, que se inscreviam para cuidarem de um número de crianças em suas casas, mediante um salário mensal. Este atendimento restringia-se ao acolhimento e aos cuidados básicos: alimentação, higiene e atenção. Este sistema de atendimento extinguiu-se por completo em 1.994, no município de Sorocaba.

Secretário de Educação Antonio Carlos Bramante, com capacidade para atender 172 crianças de 0 a 6 anos em período integral.

Apesar dos avanços significativos na área de Educação infantil e principalmente no atendimento em creches: “[...] há ainda na concepção assistencialista – ainda hegemônica em nossos dias – a maternidade ser a principal função das mulheres e a falta da mãe ser prejudicial à criança, que precisaria apenas do carinho e dos cuidados maternos para desenvolver-se”. Infelizmente ainda hoje: “[...] alimentação, cuidados de higiene e algum espaço para brincadeiras são oferecidos como caridade em algumas instituições e pelos adultos que assumem os cuidados das crianças”. (Tiriba, 2001, p. 72)

É preciso realmente mudar esta situação em que muitos espaços e educadores se encontram no Brasil. Isto demanda pensar nas conquistas obtidas na legislação como a Constituição de 1988, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) PNEI (Política Nacional de Educação Infantil), que afastaram a creche desta concepção assistencialista.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) na Seção II da Educação Infantil, elenca em seu artigo 29:

“A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Sendo que será oferecida, de acordo com seu artigo 30, em:

I – Creches, ou entidades equivalente, para crianças até 3 anos de idade;

II – Pré-escolas, para crianças de 4 a 6 anos de idade”.

A sociedade e nela incluídas as escolas (com seus funcionários, educadores, pais e toda a comunidade), as universidades, os professores, etc precisam realmente superar a visão assistencial que ainda existe e conceber a creche enquanto instituição educativa, responsável juntamente com a família, pela educação das crianças, visando seu desenvolvimento e formação desde o primeiro ano de vida, através da ampliação das experiências e do conhecimento oferecidos no processo educativo de qualidade na instituição creche.

E, ainda precisamos discutir formas de se ampliar o número de creches para atender a demanda cada vez mais crescente nos centros urbanos, além de garantir

um atendimento educativo de qualidade cujo foco seja o desenvolvimento e a formação da criança.

Ainda hoje se pensa creche como um depósito de crianças que ficam sendo cuidadas enquanto a mãe pobre trabalha. A realidade a cada dia tem se transformado e um número crescente de famílias de diferentes classes sociais têm procurado as creches públicas visando o atendimento de sua criança. E quem vai fazer com que a sociedade mude sua concepção assistencialista sobre a creche, são as próprias creches através de um trabalho pertinente, significativo, de qualidade. Transformar o atendimento e a concepção assistencialista é uma missão política e pedagógica de todos os educadores. E neste sentido inspiro-me num saber fundamental de Paulo Freire: “Mudar é difícil, mas é possível”, e, para isto temos que “[...] programar nossa ação político-pedagógica”. (FREIRE, 1997, p. 88).

As instituições de Educação Infantil, e no caso em tela, a Creche Sabiá, constituem-se num cenário de muitas inquietações, prenhe de questões a serem discutidas, pensadas, refletidas. Exige de todos os profissionais uma busca incessante de respostas que precisam ser construídas e elaboradas a partir de um mergulho profundo neste universo infantil, no cotidiano escolar.

Garcia (2000), propõe uma indagação pertinente aos educadores em relação ao papel educativo da creche: “[...] o que se tem a fazer neste espaço que freqüentemente é assistencial e que como regra, com raras exceções, caracteriza-se pela ausência de uma direção político-pedagógica?” (GARCIA, 2000, p.12).

A creche como primeira etapa da educação básica, constitui um espaço de educação, de formação de seres humanos uma vez que profissionais e família devem ter consciência da importância dos seis primeiros anos de vida na sua formação. Neste período se formam, tanto na creche quanto na família. Devemos pensar sobre nossa responsabilidade em relação ao que estamos oferecendo a estas crianças nos seus primeiros anos de vida, termos consciência que esses anos são o alicerce para a vida adulta. Todos os envolvidos: profissionais da creche e família devem compreender o significado e o valor do trabalho com as crianças desta faixa etária.

A escola é um espaçotempo privilegiado, onde todos (crianças, educadores, família e comunidade) levam suas experiências, seus sentimentos, seus conhecimentos, seu imaginário, para serem compartilhados no ensinar/aprender. Assim, é nela que descobrimos um mundo novo, fazemos novos amigos,

aprendemos a ler e a escrever, ampliamos nossas potencialidades e temos acesso ao conhecimento construído pela humanidade ao longo da história. (CRIVELLARO, 2001).

O fazer que acontece no ensinar e aprender é um processo permanente que pode ocorrer em qualquer lugar: em nossa casa, nas ruas, na escola, no zoológico, nos parques, no museu, enfim em nosso cotidiano. E, o fazer comprometido parte da escola, não enclausurada em seus muros, mas aberta, em movimento constante, compartilhando seus saberes e aprendendo com os saberes culturais destas crianças, dos professores, da comunidade e de outros parceiros.

A construção e formação do ser humano e o ensino/aprendizagem que vai ocorrer neste espaço-tempo têm que levar em consideração o contexto histórico e cultural das crianças atendidas, possibilitando uma diversidade de experiências significativas.

Considerando a Creche Sabiá como espaço privilegiado de construção de conhecimentos e, um dos possíveis contextos para o desenvolvimento infantil, torna-se necessário localizar qual perspectiva de desenvolvimento poderia contribuir e dar sustentação teórica a esta pesquisa que busca responder se é possível “ecologizar” a Educação Infantil.

Apoiando-me no referencial teórico da perspectiva sócio-interacionista do desenvolvimento infantil que tem em Vygotsky um de seus representantes, tento tecer e explicitar algumas considerações que julguei importantes para fundamentar o presente trabalho.

## **2.2 Educação Infantil e Sócio-Interacionismo**

Os pressupostos teóricos da abordagem histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano, em especial o da criança de 0 a 6 anos orientam o presente trabalho e alguns conceitos centrais da obra de Vigotski, analisados e discutidos por diversos autores, serão esboçados abaixo para fundamentar a discussão da construção de conhecimentos no espaço educativo da Creche Sabiá.

Góes (1997) analisando o processo de construção de conhecimentos no contexto educativo, dentro da abordagem histórico-cultural, aponta para a concepção de um sujeito interativo (nem receptivo e nem apenas ativo), sendo que

este elabora conhecimentos sobre objetos, em processos necessariamente mediados pelo outro e constituídos pela linguagem. A esse respeito ela diz:

A interpretação do conhecimento como socialmente constituído supõe a relação mediada do sujeito cognoscente com os objetos. A mediação não se restringe a outros sujeitos fisicamente presentes, estende-se aos efeitos da incorporação de experiências nas relações sociais vividas em diferentes contextos e de diferentes modos. A tese de constituição social também abrange uma certa noção de objeto, configurada nas práticas sociais e nos significados circulantes. Basicamente conhecer tem gênese nas relações sociais, é produzido na intersubjetividade e é marcado por uma rede complexa de condições culturais. [Góes,1997,p.14]

Pino (2000), em sua análise da obra de Vygotsky, aponta para a natureza social-cultural das funções mentais superiores, que segundo o autor são relações sociais internalizadas. Coloca que toda função psicológica foi anteriormente uma relação entre duas pessoas, ou seja, um acontecimento social. Acrescenta ainda que o papel do outro na constituição cultural do homem, não é de um simples mediador instrumental, pois a mediação do outro tem um sentido mais profundo, fazendo deste outro a condição desse desenvolvimento.

Bock (2001), a esse respeito diz que, a compreensão desse mundo interno exige a compreensão do mundo externo, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem.

Henriques (2000), aponta também, que Vygotsky procurava compreender de que maneira se dá a interferência do mundo externo no mundo interno ou como a natureza sócio-cultural se torna à natureza psicológica, pois buscava explicações sobre os meios através dos quais as relações atuais do indivíduo com o meio social, tomam parte na construção de suas futuras funções psicológicas, sendo sua preocupação buscar quais os aspectos, da dinâmica da sociedade e da cultura que influenciavam o processo de desenvolvimento do sujeito.

Vygotsky (1998) chama de internalização a reconstrução interna de uma operação externa e que este processo consiste numa série de transformações a saber:

“Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. [...] Um processo interpessoal é *transformado num processo* intrapessoal. Todas as funções

no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). [...] Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.[...] A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.” (VYGOTSKY,1998, P. 75).

Segundo Muniz (1999), a abordagem sócio-histórica do desenvolvimento humano, coloca nas interações sociais o mecanismo pelo qual o indivíduo constrói conhecimentos. Parte do princípio de que os indivíduos se constituem como tal no meio social em que vivem, sendo este meio, a cultura, que fornece os sistemas simbólicos de representação e, por meio deles, o universo de significados que permitem construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real. A autora coloca ainda que a atividade do sujeito não pode ser considerada no isolamento de sua relação com os objetos do mundo físico e sim, na interação primordialmente mediada pelos signos lingüísticos culturalmente construídos nas interações sociais.

Machado (1996) afirma que é na interação social que a criança entrará em contato e utilizará instrumentos mediadores. A vivência no meio humano, na atividade instrumental, na (e pela) interação com outros indivíduos, permitirá o desenvolvimento na criança de um novo e complexo sistema psicológico. Coloca ainda a autora que: “O crescimento e o desenvolvimento da criança estão, nesta perspectiva, intimamente articulados aos processos de apropriação do conhecimento disponível em sua cultura - portanto, ao meio físico e social – ou seja, aos processos de aprendizagem e ensino”.(MACHADO, 1996, P. 29)

Vygotsky (1998), discorrendo sobre aprendizagem e desenvolvimento afirma que ambos estão dialeticamente inter-relacionados, desde o primeiro dia de vida da criança. A aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, sendo esta um processo que vai produzindo transformações nos processos internos (no desenvolvimento). Atribui valor significativo à aprendizagem escolar que no seu dizer: [...] produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1998, P. 110). Este autor vê o aprendizado como um processo profundamente social, enfatiza o dialogo e as diversas formas da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado.

Ainda segundo o autor, para entender a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, devemos entender um conceito importante: a zona de desenvolvimento proximal. Sendo ela:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução, independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. ( VYGOTSKY, 1998, P. 112)

Soares (2001: 118) explicita que:

- Nível de desenvolvimento real: aquilo que a criança desempenha sozinha, aquilo que consegue produzir de forma independente.
- Nível de desenvolvimento potencial ou proximal: aquilo que a criança faz com a ajuda de outros parceiros mais experientes, aquilo que a criança consegue realizar com o auxílio de outras pessoas.
- Zona de Desenvolvimento Proximal: funções, habilidades que não estão de todo consolidadas, estão em processo de consolidação, funções que estão em processo de maturação. É uma zona cooperativa de conhecimento.

Sendo uma zona cooperativa de conhecimento, podemos falar que ela implica: “Complementariedade eu-outro: supõe um sujeito sempre à procura do domínio daquilo que ainda lhe é precário e um outro que atua na zona de desenvolvimento proximal, investe naquilo que ainda não está consolidado, oferecendo os recursos e instrumentos necessários para que isto ocorra”.(ROCHA, 1994, P.24)

No espaço escolar estes outros mediadores, podem ser o professor, outras crianças, livros, ambiente, etc, que possibilitam a aprendizagem e conseqüentemente o desenvolvimento e vice-versa.

O contato com outras crianças, com o professor, com outros adultos no espaço escolar, constitui uma experiência social freqüente e intensa dentro da creche, uma vez que ela passa a maior parte do tempo neste espaço. Nesta convivência entre as crianças, o papel de outros parceiros “criança” não deve ser negligenciado e sim reconhecido, pois a interação entre crianças e o papel do outro no processo de desenvolvimento e aprendizagem são de extrema relevância. A criança gosta de ficar sozinha, de ficar com adultos, mas do que ela mais gosta é de ficar com seus pares, brincando, imitando, reproduzindo e recriando. Neste convívio

há muitos encontros, desencontros, confrontos e conflitos, sendo que proporcionam troca, negociação entre as próprias crianças e entre as crianças e os adultos.

Nesta interação criança-criança, reconhece-se conforme estudos recentes, principalmente de Carvalho e Beraldo (1989), a ocorrência de processos constitutivos da identidade, da capacidade simbólica, da comunicação. Interagindo, as crianças criam e negociam regras, assumem e atribuem papéis, elaboram códigos comunicativos e partilham significados e conhecimentos.

A criança no seu contato social muitas vezes prefere a interação com outras crianças e desenvolve relações prolongadas e significativas com seus pares.

Carvalho e Beraldo (1989), afirmam que o fenômeno interação criança-criança tem dois aspectos de interesse para a criança: é uma atividade de alta prioridade e complexidade motivacional, pois o parceiro-criança não é um estímulo univalente: ele tem uma diversidade de significados potenciais, capazes, portanto, de despertar motivações ou impulsos diferentes, e até conflitantes.

O professor tem papel fundamental para atuar na zona de desenvolvimento proximal, uma vez que ele poderá ser o outro no processo de mediação pedagógica.

A mediação do educador neste processo de apropriação de conhecimentos e de competências internas da criança revela-se de forma fundamental.

A creche é o espaço socialmente constituído onde os profissionais podem por meio da mediação contribuir no processo de internalização de conhecimentos da criança, trabalhando nos níveis de desenvolvimento proximais, através da diversidade de atividades realizadas no espaço educativo, compartilhando com crianças e adultos muitos sentidos e significados. Neste processo os profissionais provocam desenvolvimento ao favorecer aprendizagens.

Desta forma, devemos propor atividades dentro de um espaçotempo trabalhando com a idéia de ajuda ajustada, uma vez que o ensino deve incidir na zona de desenvolvimento proximal para que gere motivação e portanto não estará acima e nem abaixo do nível de desenvolvimento, causando frustração. Temos que ter conhecimento do processo que a criança realiza mentalmente para atuarmos nesta zona e isto é fundamental em nossa prática cotidiana.

Nesta proposta de trabalho o papel do educador não é o de se colocar no centro do processo, que ensina para que as crianças passivamente aprendam, nem é o organizador de propostas que as crianças irão desenvolver sem que ele tenha que intervir. Na teoria sócio-interacionista, o papel do educador é de ser o agente

mediador do processo de aprendizagem da criança, devendo propor desafios, ajudando-a a resolvê-los, realizando com elas ou proporcionando atividades em grupo, em que aquelas que estiverem mais adiantadas poderão cooperar com as demais. Com suas intervenções estará contribuindo para o fortalecimento de funções ainda não consolidadas ou para a abertura de zonas de desenvolvimento proximal.

Segundo Rocha (1994), podemos falar em mediações cotidianas e pedagógicas sendo:

Mediações cotidianas: os processos cognitivos não são tomados como objeto de análise, as vivências cotidianas são mediadas socialmente, em contextos de situações imediatas e a permanecer centrada nestes.

Mediações pedagógicas: têm orientação deliberada e explícita no sentido da aquisição de conhecimentos sistematizados pela criança e de transformações de seus processos psicológicos.

Ambas produzem alterações diferenciadas na atividade mental cotidiana e sistematizada.

A autora coloca ainda que a mediação pedagógica deve possibilitar ao aluno:

“Seu desenvolvimento através do deslocamento do pensamento aderido a níveis sensíveis, empíricos, concretos, particularizados da realidade, para níveis cada vez mais generalizados, abstratos, de abrangência cada vez maior, inseridos em sistemas de complexidade crescentes; transformaria, assim, gradualmente, as possibilidades de compreensão e de representação da realidade, através da oportunidade para operar com o real de acordo com mediações simbólicas, utilizando apoios simbólicos.”  
(ROCHA, 1994, P.27)

Vygotsky (1998), discorre sobre o papel e a influência do brincar no desenvolvimento infantil, considerando que nos primeiros anos de vida, a brincadeira é a atividade predominante, que devemos considerar a singularidade do brincar como um forma de atividade, e que através dela a criança cria situações imaginárias, aprendendo a agir numa esfera cognitiva e a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento potencial, na qual a criança se comporta além do habitual. As

crianças descobrem, conhecem o mundo através da atividade do brincar, das relações com o ambiente, com os objetos, com outras crianças e adultos. Para ele:

“Uma compreensão plena do conceito de zona de desenvolvimento proximal deve levar à reavaliação do papel da imitação no aprendizado. [...] As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças. (VYGOTSKY, 1998, P.116)

Considerando que a creche é um dos possíveis contextos para o desenvolvimento infantil, a natureza do processo de aprendizagem da criança é um aspecto de vital importância para todos os educadores sendo preciso saber como ele ocorre e como proporcioná-lo.

A atividade lúdica tem sido reconhecida por muitos teóricos como importante para o desenvolvimento infantil.

Segundo Rocha (1994), com a psicologia sócio-histórica se reconhece o papel central da atividade lúdica no processo de formação dos sujeitos, atribuindo a ela a abertura de espaços para aquisições psicológicas que não encontram paralelos em quaisquer outras atividades da infância. Coloca ainda que quanto mais diversificado for o cotidiano, tanto maiores serão as possibilidades de criação e a diversidade de jogos, uma vez que é daí que se extrai os elementos necessários para seu imaginário.

Para Rossetti, Oliveira, Melo e Vitória (1992), o processo de aprendizagem da criança é basicamente lúdico, indo da fantasia para a realidade e vice-versa. Quantas vezes não escutamos: “A criança aprende brincando”. E nós adultos também, quando libertos de toda uma educação que nos enclausurou.

Vygotsky (1998), em seus estudos, diz que os brinquedos parecem ser inventados justamente quando as crianças começam a experimentar tendências irrealizáveis. Situa o começo da imaginação (que só pode ser humana), por volta do três anos e, afirma ainda que a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde seus desejos não realizáveis podem ser realizados e chama esse mundo de brinquedo. Coloca que a imaginação é um processo psicológico novo para a criança, que representa uma forma especificamente humana

de atividade consciente e que como todas as funções da consciência, surge da ação, sendo a imaginação o brinquedo sem ação. Sendo que: [...] “A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação”. (VYGOTSKY, 1998, P.127)

Coloca ainda o autor que a criação de situação imaginária pode ser considerada um meio para desenvolver o pensamento abstrato, transformando o brinquedo simbólico num complexo sistema de linguagem, pois a criança vai elaborando e expandindo suas habilidades conceituais e conhecimentos socialmente disponíveis que passará a se apropriar deles.

Segundo Henriques (2000), os gestos, os brinquedos simbólicos, o desenho e principalmente a linguagem falada se constituem em importantes linguagens que viabilizam formas cada vez mais complexas de pensamento.

Steiner e Souberman (1998), analisando as implicações educacionais da obra de Vygotsky, resumem que segundo o autor:

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento; com ele a criança começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias a sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. (STEINER E SOUBERMAN, 1998, P. 173)

Para que esse aprender brincando aconteça na Educação Infantil torna-se necessário que haja uma estruturação deste espaço/tempo. A estruturação ambiental e as interações sociais proporcionam o desenvolvimento infantil, servindo como suporte para a realização de explorações, brincadeiras, aventura e descobertas num contexto social e cultural.

De acordo com a perspectiva sóciointeracionista, o desenvolvimento infantil ocorre na, e através da interação social, sendo que a criança constrói conhecimentos e se constrói enquanto sujeito social, histórico e cultural. Nestas dinâmicas interativas sociais, que ocorrem no espaço/tempo da creche, a criança participa ativa e interativamente, através das relações com o ambiente, em especial, segundo Carvalho e Rubiano (1996) pelas suas interações com adultos e demais

crianças dentro deste contexto sócio-histórico específico e: “Nesse processo vão sendo construídos os conhecimentos, a linguagem e a própria individualidade dos vários parceiros em interação”. (ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 36)

Para compreender como a criança se constitui é necessário localizá-la em sua concretude de vida, vivendo segundo particularidades culturais, olhando cuidadosamente as formas sociais que participam neste processo de formação. Não podemos pensar na realidade cultural, social, econômica, ecológica como algo exterior a criança, estranho ao seu mundo psicológico. Para compreendê-lo temos que conhecer esta realidade.

Neste movimento de produção/constituição, profundamente enraizado nas condições concretas de vida e de trocas materiais e simbólicas, a criança singular e ao mesmo tempo universal vai se constituindo. Desta forma, Rossetti-Ferreira (2000), nos coloca que as crianças e os educadores estão imersos num mundo simbólico num processo contínuo de dar e criar sentidos em interações entre si e com o mundo, dentro do contexto sócio-histórico específico da creche, onde todos constroem seus significados, suas relações e a si próprios enquanto sujeitos.

Dentro desta perspectiva sociointeracionista, tanto a escola como o professor tem papel fundamental, pois:

Do ponto de vista sócio-histórico de desenvolvimento, as interações com parceiros constituem o indivíduo dentro de sua cultura, ou seja, levam as crianças a dominar formas de agir, pensar, sentir presentes em seu meio cultural, resultando disso um constante processo de elaboração de suas identidades. (OLIVEIRA, 2002, p. 203).

A organização ambiental em creches é muito importante e os profissionais que trabalham neste espaço devem considerar a perspectiva sociointeracionista como também, não só o coletivo infantil como um todo, mas as características individuais das crianças, pois elas nos dão sinais e pistas, quando observamos o jogo simbólico, a brincadeira, o faz de conta, a imitação e temos que pensar no que seja significativo para as crianças deste coletivo.

Nos estudos de Carvalho e Rubiano (1996), os ambientes devem atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, promovendo:

- **Identidade Pessoal:** Quando adultos e crianças personalizam seu ambiente de acordo com suas especificidades, desenvolve-se a individualidade e o sentimento de pertencimento e de identidade do grupo

e do lugar.

- **Competência:** Quando o ambiente é planejado e estruturado em função de que a criança seja ativa, que ela possa, por exemplo, pegar sua mochila, ter acesso aos brinquedos, a prateleiras, as roupas, a beber água. Desta forma podem ter domínio e controlar seu ambiente, além de construírem suas competências motoras, cognitivas, sensoriais.
- **Crescimento:** Quando o ambiente é estruturado e leva-se em consideração toda a movimentação corporal como andar, correr, pular, subir, etc., para estimular os órgãos dos sentidos.
- **Segurança e confiança:** Quando a criança exercita sua liberdade de explorar seu ambiente, de conhecê-lo, de participar de sua montagem.
- **Contato social e privacidade:** Quando o ambiente é estruturado em zonas circunscritas de vários tamanhos, a criança tem à sua disposição dentro de um mesmo espaço a oportunidade para o isolamento ou para atividades em pequenos grupos.

O arranjo espacial, ou seja, a maneira como móveis e equipamentos estão posicionados na sala e demais ambientes, deve ser pensado e estruturado a contemplar estas cinco funções, propiciando também, as interações sociais entre “crianças-crianças” e “adultos-crianças”.

Assim os ambientes em creches devem favorecer as interações, portanto, a preocupação com relação ao arranjo espacial deve permear o trabalho dos educadores.

Nesta estruturação ambiental, os educadores podem ir introduzindo aos poucos algo novo, ou rearranjando os móveis de acordo com as necessidades de sua turma.

Estudos recentes como o citado por Carvalho e Rubiano (1996), demonstram como o arranjo espacial serve de suporte para as interações entre crianças pequenas. Baseadas neste estudo citam três tipos de arranjo espacial:

- Arranjo semi-aberto: caracterizado pela presença de zonas circunscritas (são áreas espaciais, claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliário, parede, etc.), proporcionando à criança uma visão fácil de todo o campo de ação, incluindo a localização

do adulto e demais crianças. As crianças em subgrupos ocupam tais zonas onde ocorrem interações entre as crianças.

- Arranjo aberto: ausência de zonas circunscritas, geralmente havendo um espaço central vazio, onde as interações entre crianças são raras, e estas tendem a permanecer em volta do adulto.
- Arranjo fechado: presença de barreiras físicas dividindo o local em duas ou mais áreas, impedindo uma visão total da sala. As crianças tendem a permanecer em volta do adulto, havendo pouca interação entre as crianças.

A partir destas considerações, de estudos e de pesquisas realizadas e orientadas pela professora doutora Clotilde Rossetti-Ferreira em creches públicas de Ribeirão Preto, podemos entender e valorizar a estruturação ambiental através das zonas circunscritas que caracterizam o arranjo semi-aberto. Este tipo de suporte ambiental, ou seja, a organização de cantinhos, proporciona que, à totalidade das crianças de cada turma, se subdividam nesses cantos, permitindo:

1. Ao educador:

- Romper com o esquema de propor uma mesma atividade para todo o grupo de crianças;
- Coordenar melhor suas ações;
- Observar melhor as ações das crianças;
- Ter um contato mais individualizado com as crianças, percebendo suas particularidades;
- Dar mais atenção às crianças;
- Atender melhor as diferenças individuais;
- Dialogar mais com as crianças;
- Desenvolver atividades com um pequeno grupo de crianças ou individualmente.

2. A criança:

- Interagir com outras crianças em pequenos grupos;

- Coordenar melhor suas ações;
- Poder escolher entre uma atividade ou outra, entre um cantinho ou outro, entre um grupo, uma criança ou o isolamento;
- Ter sua individualidade respeitada;
- Seja ativa e interativa;
- Tenha mais atenção na atividade que está engajada.
- Criar um enredo comum na brincadeira, aumentando a troca e aperfeiçoando a linguagem, pois interagindo entre si, elas criam e negociam regras, assumem e atribuem papéis, elaboram códigos comunicativos e partilham significados e conhecimentos.

Desta forma uma mesma sala de aula pode abrigar diversas zonas circunscritas ou “cantos” e em cada sala/espço há uma diversidade de cantinhos, uma vez que cada turma estrutura esses cantos de acordo com a concretude de suas crianças e do que seja significativo para a turma.

A Creche busca criar ambientes físico-sociais interativos e historicamente elaborados, pois na relação família-criança-educador, todos se constroem ao construir ambientes de vivência e comunicação.

As vivências proporcionadas pela Creche colaboram para ampliar a compreensão que cada criança tem de si mesmo enquanto sujeito histórico único. Os espaços da creche propiciam momentos de interação entre as crianças, sendo um espaço de oportunidades para que elas ampliem suas experiências, considerando a criança autora de seu próprio conhecimento e como parceira de fundamental importância na interação social.

Ao embasar esta pesquisa na abordagem sócio-interacionista, pretendo demonstrar como a mediação pedagógica dos fazeres cotidianos da Creche Sabiá, com uma intencionalidade ecológica, propiciou a construção de conhecimentos, de valores, de todos os envolvidos, bem como a integração da escola com a comunidade, gerando orgulho, pertencimento, senso estético e princípios éticos.

A Creche Sabiá tendo a perspectiva ecológica e sóciointeracionista, fundamentando suas atividades, seus ambientes, sua forma de se relacionar com as crianças, com as famílias e com seu contexto social, cultural, acredita no conviver na

diversidade, heterogeneidade para o enriquecimento do universo infantil, dos educadores e de nossa comunidade. Nas atividades no espaçotempo da Creche há momentos de interação entre educador e crianças, entre crianças e crianças, entre crianças, educadores e familiares, sendo um espaço de experiências, brincadeiras, vivências, sentimentos, aprendizagens que pretendem contribuir na formação de gente grande com uma consciência ecológica.

### 3. AS ARTES DE FAZER E CRIAR!



**Figura 4:Girassol**  
**por Maria Emília Faria Alquezar Serafim.**

Acreditando que: [...] O cotidiano escolar tem uma história falada e escrita por seus diferentes sujeitos: professoras, alunos e alunas, funcionários e funcionárias, pais e mães. São estes tantos sujeitos os que criam e recriam o cotidiano escolar a cada novo dia. (ALVES e GARCIA, 2000, P.13).

Como pesquisadora eu deveria buscar um caminho, um movimento de pesquisa para captar este cotidiano. Desta maneira descrevo abaixo a fundamentação metodológica da pesquisa.

#### **3.1 Movimentos do Cotidiano.**

O meu olhar é nítido como um girassol,  
Tenho o costume de andar pelas estradas

Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem a criança, se ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo.

**Fernando Pessoa (apud DIAS, 1999, p.175)**

Vivendo uma história, nos últimos quatro anos, no espaçotempo da Creche Sabiá e querendo contá-la, por acreditar que é neste espaçotempo que se criam e recriam alternativas sociais, educacionais, ecológicas, culturais, econômicas, gerando dentro da gente uma paixão com as pessoas, com o lugar, dessa forma, ocasionando um crescente envolvimento político, social, ecológico.

Não posso deixar de entender que corro um risco quando me exponho como um dos sujeitos da própria pesquisa, que tenho relação com as pessoas onde se entrelaçam muitos e diferentes aspectos, mas quero tentar através dos movimentos do cotidiano de crianças, educadores, comunidade, procurar trazer à tona, fazer emergir as situações vividas por todos os envolvidos que expressam e traduzem a opção de se criar uma Educação Infantil ecologizada.

Acreditando que eu precisava movimentar-me para **olhar, explorar, manipular, escolher, criar e partilhar** as atividades de um fazer cotidiano na Creche Sabiá tive que me virar pelo avesso para descobrir as artes deste fazer, pois como diz a letra de Samuel Rosa e Chico Amaral na música do Conjunto Skank, *o caminho só existe quando você passa.*

**R**egistrar o cotidiano, de onde  
**E**mergem práticas alternativas que  
**G**eram conhecimentos, significados,  
**I**nstigando-nos a pensar nesses tantos  
**S**ujeitos que vivem, criam e recriam  
**T**áticas que  
**R**ompem com o  
**O**bvio, com as determinações e verdades ditas absolutas e nos fazem  
**S**entir e desta forma transformam-nos e também a si e aos outros.

Atualmente muitos autores dentre eles: Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Inês Barbosa de Oliveira, Marcos Reigota, Joanir Gomes de Azevedo, Luiz Carlos Siqueira Manhães, Carlos Eduardo Ferraço, Eleonora Barreto Taveira, Siomara Borba Leite, em diferentes espaçotempos no mundo acadêmico, vêm estudando e discorrendo sobre alternativas teórico-metodológicas referentes à importância e complexidade das práticas do cotidiano escolar, a diversidade dos saberes desses sujeitos, a multiplicidade dos seus fazeres, emergindo modos de fazer e criar conhecimentos que o pensamento hegemônico com seus saberes e poderes considera como senso comum e, portanto, sem importância para a pesquisa ou a elaboração do conhecimento científico. Não importa/importava saber o modo como vivem, convivem, criam conhecimentos os sujeitos da escola em sua prática no interior deste espaçotempo.

Alves e Garcia (2001) entendem que não se constrói conhecimentos, de maneira linear e hierarquizada como a modernidade pensou e acreditou. Baseadas em diversos autores, tais como: Deleuze, Guattari, Foucault, Lefreuve, Certeau, Latour, Boaventura Sousa Santos, Morin, discutem sobre o processo de criação de conhecimentos em todos os espaços/tempos do ser/fazer humano e, indicam que a criação do conhecimento segue caminhos variados, diferentes, não lineares, não obrigatórios e gerados pela complexidade social, além de admitirem as diferenças culturais sem hierarquias, o que abre múltiplas possibilidades ao ato humano de

conhecer. Ressaltam, que há alguns caminhos na construção desses conhecimentos que se identificam com o que vem indicando o espaçotempo do conhecimento criado no cotidiano como insubstituível no que se refere aos conhecimentos da prática, sendo espaçotempo da escola, onde os sujeitos na ação cotidiana vão criando e recriando conhecimentos e organizando múltiplas redes de sentido da escola. Desta forma devemos:

Pensar o cotidiano e erguê-lo à condição de espaço e tempo privilegiado de produção da existência e dos conhecimentos, crenças e valores que a ela dão sentido e direção, considerando-o de modo complexo e composto de elementos sempre e necessariamente articulados. (OLIVEIRA, 2001, p. 41).

Captando os movimentos da Creche Sabiá, com um olhar inquieto, curioso, minha intenção com esta investigação, era perceber neste espaçotempo, elementos que me indicassem as formas próprias das crianças, dos familiares, dos professores, dos funcionários, de criar e recriar conhecimentos no contexto do fazer da vida cotidiana, a fim de compreender quais eram as atividades tecidas e como foram se desenvolvendo e alicerçando uma prática ecológizada e conseqüentemente um Projeto Político Pedagógico pautado na perspectiva ecológica. Quais as atividades? Como foram desenvolvidas? Quais os conhecimentos que os educadores deveriam ter para uma prática pedagógica ecológizada? Enfim, quais os momentos fundantes deste processo na formação de crianças, educadores, familiares e comunidade, que vivem e convivem neste mundo vida creche?

Tentando descobrir esse caminho através dos registros do cotidiano da Creche Sabiá, a partir: das observações, dos relatos orais e escritos de crianças, educadores, familiares; das fotografias, dos documentos (cadernos de relatório das educadoras, das atividades em diferentes linguagens, desenhos, pinturas, teatros, músicas, etc.), busco revirar a trajetória trilhada para tentar encontrar não respostas, nem receitas prontas e sim apostar nas possibilidades criadas e reinventadas num processo contínuo da vida escolar, com uma intencionalidade ecológica.

Para pensar sobre este cotidiano, precisamos abrir a porta do pensamento que diz:

## Pensamento

Você precisa **saber o que passa aqui dentro**, eu vou falar pra você.  
Você vai entender a **força de um pensamento** pra nunca mais esquecer.

Pensamento é um momento que nos leva a **emoção**

Pensamento positivo que **faz bem ao coração**, o mal não, o mal não.  
Sempre que para você chegar, terá que **atravessar a fronteira do pensar**.

A fronteira do pensar,

E o pensamento é o **fundamento**, eu **ganho o mundo** sem sair do lugar

Eu fui para o Japão, com a força do pensar

Passei pelas ruínas e parei no Canadá

Subi o Imalaia, pra no alto cantar

Com a **imaginação** que faz, você **viajar**, todo mundo

Estou sem lenço e o documento, **meu passaporte** é visto em todo lugar

Acorda meu Brasil com o **lado bom** de pensar

Detone o pesadelo pois o bom ainda virá

Você precisa **saber o que passa aqui dentro**

Eu vou falar pra você, você vai **entender**

A **força** de um pensamento, pra nunca mais esquecer

**Custe o tempo que custar**, que esse dia virá

**Nunca pense em desistir**, não

Te aconselho a **prosseguir**

O **tempo voa** rapaz, pegue seu **sonho** rapaz

A melhor **hora** e o **momento**, É **você quem faz**

**Poesias e palavras** de um rei, **faça por onde** que eu te ajudarei

Recitem poesias e palavras de um rei

**Cidade Negra**

(Lazão, Ras Bernardo, Da Gama e Bino Farias)

### 3.2 Movimentos e trilhas de um pensamento

Para explicitar meu pensamento num movimento crescente descrevo a trilha percorrida:

### 3.2.1 Atividade 1: Olhar.

#### **Janela**

“Houve um tempo em que minha janela se abria para um chalé.

Houve um tempo em que minha janela dava para um canal

Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro.

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.

Outras vezes encontro nuvens espessas. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

***Cecília Meireles***

É preciso aprender a olhar este espaço construído na luta prática do dia a dia e que para pesquisá-lo é assim:

Um trabalho de busca de compreensão das táticas e usos que os professores desenvolvem no seu fazer pedagógico, penetrando astuciosamente e de modo peculiar a cada momento, no espaço do poder. Abdicando da busca de ‘ver’ a totalidade –objetivo e paradigma de uma ciência que traz, embutido em si mesma, um necessário esquecimento e desconhecimento das práticas cotidianas complexas, plurais, diversas – esta metodologia de pesquisa pretende assumir a complexidade das práticas com suas trajetórias, ações, corpo, alma, redes de fazeres em permanente movimento. O cotidiano das escolas, no qual os sujeitos tecem suas redes de fazeres, onde vivem, agem, sentem, sofrem, amam, os seus “praticantes ordinários” só existe onde cessa a busca da visibilidade ‘panóptica’ de uma escola abstrata, vista do alto. OLIVEIRA, (2001:49 e 50)

A Creche Sabiá é nosso território, nosso mundo vida, onde crianças, educadoras, familiares e comunidade, convivem diariamente e tecem através de diferentes linguagens seus modos, seus sentimentos, suas crenças que vão construindo e reconstruindo esse mundo vida creche.

Perceber a Creche Sabiá através do olhar é entender que ela pulsa intensamente e que devemos olhá-la com todos os sentidos, com atenção, com sensibilidade, com profundidade, pois enquanto pesquisadora tenho que estar desprovida de aprioris, de preconceitos e pré-conceitos, para que desta forma possa

captar as experiências do vivido/sentido neste espaçotempo. Mas o meu olhar é pessoal, subjetivo e o faço sob um ângulo que outros poderiam fazer de outra forma.

É um olhar de quem quer ver além, de quem quer perceber os detalhes, o inusitado, o diferente através das cores, das formas, dos materiais, dos gestos, das palavras, dos sentimentos, dos movimentos. E com isto um olhar de quem está sentindo, pulsando, vivendo, brincando neste cotidiano escolar da Creche Sabiá.

Nosso olhar sobre o mundo vida da creche, pretende descobrir suas sutilezas, captar sua alma. Buscar a sensibilização do olhar, do olfato, do tato, da audição pelo contato com o ambiente ao redor.

Segundo Alves, (2001) para compreender essa complexidade cotidiana no movimento de pesquisa, a qual chama de **sentimento de mundo** é preciso executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar e ir muito além do olhar que vê.

Considerando, a Creche Sabiá, como espaçotempo de criação de conhecimento, exigindo da pesquisadora um olhar, um sentir, cheirar, tatear, degustar, compreendendo que estou inteiramente imersa nesta realidade, me expondo e correndo riscos e todos os perigos que este mergulho significa, pois vivo [como diretora, pesquisadora, mulher, mãe] e que o trabalho a desenvolver exigirá o estabelecimento de múltiplas redes de relações: entre eu e os sujeitos dos contextos cotidianos referenciados; entre eu, esses sujeitos e outros sujeitos com os quais constroem espaçotempo cotidianos; entre eu e as atividades tecidas alicerçando uma prática e um projeto político pedagógico.

Captar esse cotidiano de uma maneira, diferente, radical, inovadora exige um olhar muito além da superficialidade, do que nos foi ensinado que poderíamos ver/entender. É estar atenta a todos os movimentos, às pessoas, às crianças, aos objetos, às experiências, aos sentimentos, às imagens e aos espaços. E como nesta simplicidade deste cotidiano da Creche Sabiá fomos brincando, sentindo, fazendo, pulsando, criando, imaginando, buscando, ouvindo, cheirando, degustando, contando, desenhando, expressando, ecologizando.

Esse sentimento de mundo tem que me levar a questionar e entender, a viver e conviver neste cotidiano do qual faço parte, do qual acredito profundamente como espaçotempo, entendido/sentido/narrado/descrito, de grande diversidade, preche de possibilidades utópicas, radicais, diferentes e demonstrando que esses sujeitos

deste cotidiano são autores/produtores/praticantes/criadores de um conhecimento de vida e de escola e necessários a própria vida.

Pois se não fizermos desta forma estaremos educando para uma morte em vida: a invisibilidade segundo a qual:

A gente olha mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaçotempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades.  
TRINDADE, (1999: 9)

### 3.2.2 Atividade 2: Escolher, Explorar e Manipular.

#### Não Olhe Pra Trás

Nem tudo é como você quer, nem tudo pode ser perfeito  
Pode ser fácil se você, **ver o mundo de outro jeito**  
Se o que é errado ficou certo, **as coisas são como elas são**  
Se a **inteligência** ficou **cega** de tanta **informação**  
Se não faz **sentido, discorde** comigo, não é nada de mais  
São águas passadas  
**Escolha uma estrada**, e não olhe, não olhe pra trás  
Você quer **encontrar** a solução, sem ter nenhum problema  
Insistir em se preocupar demais, **cada escolha** é um dilema  
Como sempre **estou mais do seu lado** que você  
Siga em frente em linha reta e não **procure** o que perdeu  
Se não faz sentido, discorde comigo, não é nada de mais  
São águas passadas  
**Escolha uma estrada, e não olhe, não olhe pra trás**

#### Capital Inicial

Para compreender este cotidiano é preciso realizar a atividade 2 que consiste em fazer escolhas, explorar e manipular. E para fazer isto recorro a dois movimentos em que devemos, segundo Alves (2001), **virar de ponta cabeça**, isto é, compreender que o conjunto de teorias, categorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na modernidade e que continuam

sendo um recurso indispensável, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido. E sendo limite devemos num dado momento sentir que o chão sumiu e que necessitamos criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas.

E desta forma assumir os riscos de iniciar este trabalho sobre o cotidiano ecologizado da Creche Sabiá, pensando como aí seus sujeitos tecem conhecimentos, sem as categorias, os conceitos, as noções e as idéias prévias, as quais temos que nos desapegar em nosso mergulho profundo neste cotidiano. Pois sendo o cotidiano tecido por questões complexas preciso inverter todo o processo, virar de ponta cabeça, e ao invés de dividir, classificar, selecionar, será preciso multiplicar as teorias, os conceitos, os fatos, as fontes, os métodos e estabelecer redes de múltiplas e também complexas relações. Preciso arriscar-me na composição, na junção e na criação de tecer o pensamento em rede, que exige múltiplos caminhos e inexistência de hierarquização.(ALVES, 2001)

E no outro movimento devemos **Beber em todas as fontes**, pois a noção de complexidade, diversidade, diferente e heterogêneo compõem-se em necessidades da pesquisa, uma vez que a partir deste mergulho vamos percebendo que podemos utilizar como fonte, experiências vividas, cadernos de relatório que deixam de ser cadernos de relatório para se comporem em registros de um cotidiano tecido/criado com sensibilidade pelos seus usuários, as músicas que tocaram no evento em homenagem às mulheres, o cantor/morador do bairro, a moradora Maria que vem cuidar da Creche, são histórias que nos contam ou que vivo cotidianamente nesta escola e que são tecidas de forma múltipla, complexa e que para podermos conhecê-las, percebê-las, temos que assumir os múltiplos usos dos tantos produtos aí existentes como fontes possíveis de conhecimento.

Diante disto temos que explorar e manipular todos os materiais possíveis, fazendo uma aventura em coletar imagens, palavras ditas escritas, significados, sentimentos, momentos. Entendendo que manipular é manusear, tatear, experimentar. Nesta exploração e manipulação podemos utilizar:

1. Nossos registros do cotidiano, onde escrevemos tudo o que vimos, ouvimos, experimentamos e pensamos;

2. Os registros do cotidiano dos educadores, pois segundo Bodgan & Biklen, (1994) *são fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram os materiais pensam acerca do seu mundo.*
3. As conversas do cotidiano com as educadoras, as crianças, seus familiares e sujeitos da comunidade, pois segundo Bodgan & Biklen, (1994), *se assemelha a uma conversa entre amigos, sendo que produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dessas pessoas.*
4. As imagens do cotidiano que podem ser produzidas pela pesquisadora ou por educadoras, crianças e demais sujeitos, através de fotografias, desenhos, pinturas, colagens, reprodução de obras de arte.

Esses tantos sujeitos singulares, diferentes produzem atos variados: são móveis, cartazes, cadernos, histórias, danças, teatros, músicas, imagens, desenhos. Possuem um significado, uma história, e que vale a pena ser contada.

### 3.2.3 Atividade 3: Criar e Partilhar

#### O fio da meada

“A gente cá vai andando com **os sentidos despertados**, lançando as **teias** dos nossos **quereres**, construindo a **trama** dos nossos **saberes**. **Fazendo o tecido** das nossas **vidas...**

As fitas deste tecido sucedem-se, ora mais tristes, ora mais alegres.

Começamos a **criar o hábito** de falar daquilo que para nós é importante, que nos faz **pensar**, temer, desejar, **sonhar** ... e a ser capazes de **partilhar** – por em comum – com os outros: **contar histórias** dos outros...

Aos poucos para que elas não se percam na memória dos tempos, **começamos a registrá-las**. É assim que nascem os livros!

E para que eles persistam, resistam aos tempos, **precisamos de lhes dar vida, de os conhecer e compreender, entender**. Não basta sermos capazes de os decodificar. Impõe-se, sobretudo que **saibamos relacionar conosco**, com a nossa vida, e assim nos enriquecermos.

Reinventar o livro é penetrar naquilo que acreditamos ser os importantes segredos que os Grandes dêtem, **conferindo-lhes uma dimensão onde a surpresa, o espanto, a aventura, o sonho, a poeticidade e a tranqüilidade constituam um verdadeiro prazer** (Um gozo).

E se **esta alegria fizer parte da nossa atitude perante as coisas e a vida**, então assim, **estaremos em condições de poder contar** as nossas histórias-com-pés-e-cabeça, sem-pés-nem-cabeça, só-com-pés, só-com-cabeça”.

**Manuela Ferreira**

Clarice Lispector nos dá uma lição importante sobre o ato de escrever dizendo: “Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quer dizer, entendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são”.

Segundo Alves (2001), é preciso **narrar a vida e literaturizar a ciência** sendo necessário uma outra escrita para além da já aprendida e desta forma para contá-las precisamos criar uma nova maneira de escrever. Vamos nos arriscar e correr muito mais perigo, mas creio que seremos capazes de aprender uma outra escritura, aquela que se expressa através de múltiplas linguagens seja a poesia, a fotografia, a escrita, os desenhos. Ilustrar, descrever, narrar esta vida cotidiana que pulsa incessante dentro da Creche Sabiá.

Quando li o texto de Miltom Hatoum: “Todo mundo já teve um dia de Bouvard e Pecúchet”, publicado em 26/08/01, no Caderno 2 do Jornal O Estado de São Paulo, onde teria que escrever sobre este texto como tarefa na disciplina que cursava com o professor Marcos Reigota, fiz uma analogia com a dissertação. Naquele momento li, entendi e me aliviei da tensão de ter que escrever, pois o autor nos coloca sobre o início do processo de escrever, da dificuldade de se escrever e fiquei pensando o quanto era verdadeiro para mim. E escrever: narrando, criando, descrevendo, desenhando, sentindo, imaginando, desvelando, percebendo se funde com a vontade, com o desejo em mim de levar para o espaço acadêmico, as experiências vividas no cotidiano da Creche Sabiá. Mas mesmo com esse alívio inicial, a tensão da escrita de uma dissertação é muito grande, principalmente por você se expor inteiramente nessa escritura.

Penso que o amadurecimento das idéias a partir das leituras, das cópias, das vivências, das trocas, vão nos capacitando a escrever. E essa realidade, a vida que pulsa intensamente neste cotidiano, assume um desafio como uma viagem narrativa das práticas nesta pesquisa.

E que incorporemos a idéia que ao narrar uma história, eu a faço e sou um narrador praticante, que ao tecer as redes dos múltiplos relatos, das observações, enfim do mergulho dado e profundo, sempre irei inserir o meu modo de contar esta história. Desta forma pratico a arte de contar histórias, tão importante para quem vive/sente/pulsa o cotidiano do aprender/ensinar.

Narrar essas histórias é falar da experiência humana, é expor idéias, sentimentos, experiências. Em síntese: “Contá-las é preciso, pois são elas que possibilitam entender a concretude da prática.” (Spink *apud* Reigota, 1999 p.11)

E na medida que conto essas histórias partilho as experiências humanas no tempo-espaço da Creche Sabiá onde o rigor está na disposição em torná-las públicas no espaço acadêmico, partilhando minhas percepções, dos educadores, das crianças, seus familiares, trazendo novas revelações, ampliando nosso repertório e dos outros, ampliando nossa compreensão e dos outros e com base em tudo isto vamos percebendo como as pessoas possuem histórias de vida próprias, interagem com o mundo de forma pessoal e isto demonstra que podemos nos assumir enquanto sujeito semelhante e diferente do outro, que trazemos a diversidade que há em cada ser único como riqueza que precisa estar assegurada em todos os lugares. E expandindo nossa compreensão, nosso entendimento, vamos construindo, reconstruindo, criando, recriando, formando e transformando as pessoas, as escolas, a sociedade e o mundo.

E quando partilhamos nossas histórias, voltamos a contemplá-las e como uma onda, recomeçamos o ciclo do olhar novamente: a busca incessante do olhar sensível.

## **4 Fragmentos e Narrativas do Cotidiano da Creche Sabiá: Buscando Ecologizar a Educação Infantil.**

### **Cena 1: Meu primeiro dia.**

Quando eu trabalhava como diretora no Centro de Educação Infantil do Parque São Bento, ao lado funcionava uma creche também da prefeitura. Nos primeiros dias de aula eu escutava durante todo o dia o choro das crianças. Em nossa escola, que atendia crianças de quatro e seis anos, havia alguns poucos choros, mas às crianças que, apresentavam uma maior dificuldade em se adaptar ao ambiente da escola, era permitido que a mãe ou outro familiar ficasse com ela, até ir se integrando ao grupo. No meu primeiro dia na Creche Sabiá, nem me lembrei desses acontecimentos e iniciamos o ano letivo. Fiquei extremamente sensibilizada em escutar uma orquestra de choros tanto das crianças que grudavam nas mães, como das mães que tinham seus filhos “arrancados” pelas educadoras. Em meio aquele turbilhão, perguntei a uma educadora se não seria melhor a mãe ficar com a criança um pouco e ela me respondeu que as mães não podiam ficar na sala, que em alguns dias o choro passava e que sendo creche as mães deveriam trabalhar e não ter tempo para ficar atrapalhando aqui na creche. Eu via um corre corre de funcionárias tentando acalmar a criança e estas pareciam bichos do mato amedrontados e acuados. Passaram-se dias e semanas e os choros cada vez menos freqüentes, mas aquilo ficou martelando na minha cabeça. Apesar de saber que as crianças têm um forte vínculo afetivo com as pessoas da família e que o ambiente da creche e o contato com pessoas que a criança nunca viu são fatores que as deixam mais inseguras, sendo o choro uma manifestação de seu desconforto, não consegui fazer nada. Na primeira oportunidade conversei com o grupo, refletimos e lemos o texto: Quando a criança começa a freqüentar a creche ou a pré-escola do livro: Os fazeres na educação infantil da professora Clotilde Rossetti-Ferreira. No ano seguinte iniciamos uma prática que incorporou-se em nosso fazer: antes da criança freqüentar a creche, fazemos uma reunião com os pais no período noturno para que possamos explicar como é o seu funcionamento em

relação aos aspectos administrativos, e pedagógicos, para tirar suas dúvidas e conhecer toda a creche. Neste dia todos os educadores estão presentes e as salas já estão preparadas para receber as crianças. Os pais e as crianças conhecem o espaço e os profissionais com os quais as crianças vão conviver diariamente. Neste dia inicia-se o primeiro contato, onde educadores e pais dialogam sobre o partilhamento da educação da criança. Falamos da necessidade de um familiar participar do processo de adaptação da criança ao ambiente da creche e deixamos bem claro que nos primeiros dias criança e familiares participam coletivamente de atividades previamente programadas pelas educadoras para facilitar a adaptação da criança, além de receberem folheto explicativo sobre o tema. No primeiro dia, desenvolvemos mais atividades recreativas na área externa para que nossas crianças brinquem com liberdade e vejam seus familiares, que também poderão participar.

Gradativamente vamos trazendo as crianças em atividades no espaço interno. Já tivemos montaria em pôneis, pintura de rosto, brincadeiras de quintal, pintura com guache, bichinhos como coelhos, porquinhos da índia, pintinhos para as crianças tocar, carregar e cuidar e muitas outras no decorrer desses anos. Através da fala de algumas pessoas podemos sentir como foi essa mudança:

“Em cinco anos, foi o primeiro ano mais calmo, foi mais fácil. As crianças se adaptaram rápido. As mães puderam conhecer a creche. Foi totalmente diferente”.  
Luzia Rodrigues Nazario (servente)

“Foi um período muito importante, as crianças tiveram e sentiram mais segurança com a presença dos pais. As crianças do Berçário, mini-grupo e Maternal e seus pais ficaram mais tranquilos”. Mônica Silvério Campos (professora)

“Foi prazerosa. Não houve choro constante e os pais adoraram curtir as novidades com seus filhos. As mães não queriam ir embora, ficavam brincando com os brinquedos”. Vanessa Alves Fonseca (agente infantil)

“Gostei de ficar com meu bebê na creche. Minha patroa não gostou porque atrasou o serviço, mas no dia seguinte mandei a Michele ficar com ele ai na creche. Ela adorou brincar e fica perguntando quando poderá ir de novo”. Rose, mãe do Leandro do Berçário 1

“O César iniciou na creche e eu estava segura e sabia que iriam cuidar bem dele, pois eu já tinha escutado falar bem da creche. Ele está tendo iniciativa, começou a comer sozinho, teve ânimo, começa a rir, está mais “feliz”, fica brincando mais sozinho. Ele tem uma tia de 10 meses e antes ele empurrava, apertava ela e agora ele está mais calmo, faz carinho nela. Ele está mais arteiro, mais bagunceiro e mais feliz. Acorda pela manhã, me chama, dá um beijo e quer já tomar banho para ir para a creche. A creche recebeu super bem, gostaram dele, eu sinto isto”. Claudineia, mãe do César, aluno com síndrome de down da turma do Maternal 1.

A inserção da criança na creche deve ser entendida como um processo de familiarização a uma nova dinâmica na vida da própria criança e de sua família. Quando a criança neste processo, ao invés de se ver sozinha, sente a presença de algum familiar, acompanhando-a, no convívio que se inicia, com pessoas e ambientes que lhes são estranhos, sente-se mais segura e acolhida no início desta nova etapa onde terá que estabelecer novas relações. A família conhecendo o local e o profissional, que irá “educar” sua criança e participando deste processo, também demonstra mais confiança em deixar sua criança na creche. A reunião noturna abre aos pais uma série de atividades coletivas que visam à integração tanto da criança como da família ao ambiente escolar. As atividades planejadas e organizadas previamente para este período inicial, com a participação familiar, visam melhor adaptação e ao longo desses anos tem-se mostrado estimuladoras e facilitadoras deste processo.

Rossetti-Ferreira (2000), salienta que o planejamento e a organização deste período promovem a confiança, o conhecimento mútuo, além de favorecer o vínculo afetivo entre crianças, famílias e educadores. É uma preocupação pertinente aos profissionais da Educação Infantil, buscar novas formas de integrar e acolher criança e família ao ambiente da creche. A experiência da criança e de sua família, em atividades lúdicas na área externa da Creche e com animais vivos, como pintinhos, coelhos, porquinhos da índia, pôneis, etc. mostrou-se uma proposta facilitadora deste processo, uma vez que criança e família sentiram-se atraídas e motivadas neste brincar e cuidar, estabelecendo um elo de ligação inicial positivo com a creche e seus profissionais.

## **Cena 2: A sala ainda pulsa.**

(Registro elaborado no dia 02 de maio de 2002)

Passei pela porta da sala do maternal 2 e neste momento as crianças estavam numa atividade na área externa. Quando passei, tive a impressão de vê-la em movimento, voltei e parei na porta. Olhei e percebi o quanto a sala tinha a marca das crianças e dos educadores. Ela estava totalmente decorada com fotos deles, móveis construídos em conjunto por crianças e adultos e atividades delas expostas pelas paredes. A sala estava alegre, tinha vida pulsando ali! Eu podia perceber e sentir. Sobre a decoração da sala, gostaria de fazer um comentário que acho pertinente, quando se tem a perspectiva sociointeracionista e ecológica embasando suas ações vemos a diferença entre a decoração comprada (geralmente da Disney e outros) e a confeccionada pelas crianças. Além de não comprarmos este tipo de decoração de isopor e com personagens como Mickey, Power Rangers, etc., as crianças são as próprias autoras da decoração, assim elas sentem suas produções sendo valorizadas. Na sala a decoração era:

Corpo Humano do Gabriel no papel craft, com caninho e saco plástico imitando o tubo digestivo. Fotos por todas as paredes mostrando o ciclo da vida de cada criança (elas trouxeram, sendo que os pais pediram o maior cuidado para não perdê-las). A professora plastificou todas as fotos, demonstrando respeito pela história de vida de cada criança. Tinha o Cantinho da Natureza: as crianças recolheram elementos da natureza que encontraram durante os passeios pelas áreas externas. Tinha pedaço de cupinzeiro, plantas, flores e folhas secas, um terrário com uma lagarta, um escargot. Havia um painel com as mãos e pés de cada criança. A criança coloca a mão/pé previamente pintado de guache no sulfite e depois os adultos recortaram. Canto da casinha: espaço mobiliado no início por adultos e que no transcorrer as crianças vão trazendo coisas de suas casas e incorporando neste espaço. Canto do Camarim: recheado de fantasias e roupas que todos os adultos e crianças da creche trazem de suas casas, o que proporciona identidade aos envolvidos e ao espaço, incentivando o faz de conta.



**Fotografia 8: a sala ainda pulsa**

Registros da professora Emilia de 23 a 26/04/02.

“As crianças chegaram notando as mudanças feitas na sala, os potes e as colheres da casinha, assim como a janelinha, foram sucessos garantidos, simples mudanças que fizeram a diferença. Foi muito divertido observá-las fazendo comidinha (arroz, feijão, salada, ovos), e servindo uns aos outros, depois a mamãe falando para os filhinhos senta pra comer tudinho e aí as brigas, eu não tenho lugar, ele sentou no meu lugar e depois a solução: senta aqui ó, mostrando o chão, disse a Laís e tudo se resolveu. Depois as cadeirinhas utilizadas como sala e os bichinhos de pelúcia como os filhinhos. As crianças preferiram o espelho na nova posição e várias param ao mesmo tempo para se ver, pois há mais espaço. O camarim está sendo mais explorado e algumas crianças que não se interessavam por ele agora passaram a brincar. O David e o Ricardo disputam os coletes e o chapéu de boiadeiro. Esses dias a mãe do Ricardo trouxe emprestado vários coletes para eles brincarem. As crianças me ajudaram a pintar o balcão e encontrar figuras da natureza para decorá-lo, pois será nosso “cantinho da natureza”, uma homenagem merecida a Geralda, que incentiva o amor pela natureza e despertou a paixão pelo caracol. E pensar que antigamente eu passava horas solitária confeccionando a decoração da sala e que valor tinha? Agora vejo com outros olhos e percebo o quanto é mais gostoso e produtivo confeccionarmos juntos e as crianças dão muito mais valor ao que produzem. No cantinho do livro veio a surpresa, pois todos adoram folhear e “ler” as histórias. A Geralda de início achou que não ia dar certo,

que iriam destruir os livros e ficou surpresa com o resultado: as crianças escolhem os livros e pedem pra gente ler.”

A sala de aula assim como todos os espaços escolares podem ter a marca da criança, de sua história. Nesta dinâmica a sala de aula não é mais território sagrado da professora, que detém o saber e o poder, que decide sozinha sobre o que ensinar, o que pendurar nas paredes, em que as crianças devem pensar, brincar e fazer. Apesar do poder de decidir sobre tudo, percebe-se que a professora se sentia solitária, questionando o valor e o significado do que ela própria produzia. Nesse processo estava implícito também, que se considerava a criança como um ser incapaz.

Decoração e estruturação ambiental estão implicitamente relacionados com a teoria educacional que embasa as ações de cada instituição e veiculam o modo como professoras e escola estruturam esse fazer pedagógico.

Em ambos os registros, denotam que se considera a criança como um ser capaz de brincar, de aprender, de cuidar, de interagir, de se expressar através de diferentes modos.

A decoração da sala de aula não é baseada só no aspecto ornamental e sim no aspeto mediador, na medida que está veiculando os conteúdos curriculares e de vida que estão sendo vivenciados e construídos pelas crianças e pela professora da sala. E esta decoração é muito singular e em cada sala, há uma forma particular de, crianças e adultos deixarem suas marcas, o seu modo próprio de viver, de aprender e de se relacionar. E quando nos deparamos com estas salas, temos a certeza que está mesmo num movimento de pulsar a vida vivida cotidianamente.

A decoração ambiental, a composição de espaços com cantinhos veiculam uma proposta pedagógica, pois as paredes, os objetos, as produções da criança, do educador, veiculam uma mensagem, um conteúdo, um significado, um estímulo e desta forma expressam a cultura da escola, das crianças, da família e da comunidade.

A sala de aula considerada como um espaço que contempla as produções das crianças, a história de vida delas, os materiais e objetos coletados na exploração ambiental e isto compõe o cenário de curiosidade, motivação e aprendizagem da criança e dos adultos.

O cuidado estético na organização dos ambientes está intimamente relacionado à intencionalidade educativa da mediação pedagógica, e no caso da Creche Sabiá é de caráter ecológico, cultural e social.

Conforme Carvalho e Rubiano (1996), estaremos com esse ambiente promovendo na criança sua identidade pessoal, seu pertencimento, sua competência, seu crescimento, sua confiança. E este ambiente estruturado em cantinhos ou zonas circunscritas, propiciam interação das crianças, o brincar, o cuidar e o aprender de forma relacionada e entrelaçada.

Na medida que brincam de casinha fazendo comidinha, no camarim de peão de boiadeiro, de policial e bandido, utilizam a linguagem do faz-de-conta, de um mundo imaginário, onde experimentarão diferentes papéis e diversas formas de se relacionar com o outro, com suas próprias emoções e seus medos.

### **Cena 3: O Verde do Nosso Pedaco.**

Criamos também, em parceria com a ONG ANIMA o “Cantinho do Sabiá”. Neste espaço composto por 6 canteiros, 1 viveiro de plantas e um gramado com um quiosque de 30 m<sup>2</sup> ao centro, as crianças têm espaço para plantar, cuidar de plantas e flores, de ervas medicinais próprias da cultura de seus familiares, além de poder correr, pular, subir em árvores, brincar de cabana, de pique-nique e muito mais. Os canteiros de ervas medicinais fazem parte do programa de extensão universitária da UNISO, coordenado pelo Prof. Dr. Nobel Penteado, que em parceria com a creche vem desenvolvendo, atividades de plantio, de identificação de ervas, etc., visando unir o saber popular com o científico na produção de alternativas para a saúde humana.

Registros da professora Edna Myir Alves da Rocha com sua turma da 1ª fase (crianças de 4 anos), a partir do dia 04 de setembro de 2001.

“Começamos conversando sobre o projeto no qual vamos trabalhar: “O Verde do Nosso Pedaco”. Para tirar das crianças o que sabem sobre a importância do verde em nossa vida, fomos fazer uma excursão pelo espaço da nossa escola e observar tudo o que tem de interessante e diferente. Não precisei nem perguntar se estavam vendo algo diferente, o Igor Henrique ficou maravilhado com a folhagem cor

de maravilha, chamando a atenção das outras crianças. O Tiago achou do lado de fora do alambrado um pé de feijão guandu e nos contou que a mamãe faz um virado e é muito gostoso. Colhi uma batinha e abri para que pudessem observar melhor, não demorou para que notassem que é diferente do feijão que costumamos comer, é bem redondinho. Expliquei que no Ceará se come muito feijão guandú. As meninas se interessaram pela flor amarela e delicada do pé do feijão guandu. No pé de boldo, o que chamou a atenção das crianças foi a flor azul, a Bárbara nos disse que boldo era remédio para dor de cabeça e que seu pai toma, o Sadraque disse que era para dor de estômago e que sua mãe toma. Quando chegamos perto da horta, o Vitor que é uma criança acanhada, mostrou um pé de hortelã e nos disse que é remédio para gripe. Já o Matheus Eduardo achou uma planta e disse que era fruta, pé de laranja. Pensei que era limão, mas a tia Neide falou que é mesmo laranja. Mostrei o espaço do Posto de Saúde e perguntei o que havia de diferente do nosso espaço, como sempre faço comparação das árvores de lá com as nossas. A maioria falou das árvores crescidas e das sombras. Chegamos perto das nossas e observamos que já estão nos dando alguma sombra. Notaram também que a sombra é muito pouca ainda. Quando íamos sentar no quiosque passamos perto das plantinhas que o tio Cláudio plantou e eles mesmo notaram algumas caídas no chão, aproveitei e pedi que precisamos cuidar para que elas cresçam, assim como as árvores. Neste momento como já estavam observando por conta própria, o Luiz me chamou para mostrar uma folha áspera, que ele chamou de esquisita. Expliquei o nome certo da textura que ele estava tocando e o nome da planta que é quaresmeira. Neste momento a Letícia Francisca apareceu com uns pauzinhos, que pensei que fosse picão, mas logo achamos de onde era. Nada mais era que sementes do pé de estrelinha, uma flor laranja, que vamos utilizar em nossa experiência da reprodução das plantas, pois cresce rápido. Aproveitei e mostrei os pés de ibiscos, que conhecemos como sapateira, expliquei que gosto muito de ganhar flores e fico muito contente, mas elas ficam muito mais bonitas e duram mais nos pés. Sentamos no quiosque para conversar e começaram a olhar o senhor que estava fazendo os buracos. Expliquei que ele vai construir um viveiro de mudas. Comecei a perguntar se havia algo de diferente em nosso espaço. Olharam e já falaram das plantas ao redor do alambrado, queriam saber qual o nome daquela planta. Como eu não sabia, chamei o senhor que estava trabalhando, perguntamos seu nome e se sabia o nome daquela planta. O senhor Benedito explicou que o

nome é iuca (IUCA) e serve como cerca viva. Retomando nossa conversa, perguntei às crianças o que era arborização. Pensaram, pensaram e a Nayara nos disse que são plantas, já o Igor Henrique e a Bárbara disse que são árvores. O Igor Antony disse que era ar e muito vento. Expliquei pras crianças que tem a ver com plantas, pois são muitas árvores plantadas num mesmo espaço. Achei bonito o Jonatham dizendo que o Posto de Saúde 'tem muito arborizado'. Perguntei para que serve as plantas. O Luciano falou que é remédio; o Igor Henrique que é para enfeitar; o Jonatan, Bárbara e Renata disseram que planta é comida. Observei que querem saber o porquê da maioria das plantas serem verdes, como cuidar, o que a planta come, se só nascem da semente, se podem comer todas. A partir disso vou montar minha rede sobre 'O Verde do nosso Pedaço'

Continuando, de 10 a 23 de setembro.

"As crianças estão muito interessadas em saber o que vai acontecer com as sementes da nossa primeira experiência. Dividimos a turma em três grupos para fazer os primeiros registros e vamos nos dividir todos os dias para molharmos as sementes. Deixei que folhassem a coleção de livros Plantas e Flores e notei o interesse e o cuidado com que manuseavam os livros e a riqueza de comentários. Conversamos sobre o ciclo de vida das plantas. Não pude deixar de comentar sobre a tragédia que aconteceu nos Estados Unidos com o atentado terrorista, pois eles comentaram e me fizeram perguntas. Procurei ter o cuidado em não aumentar, mas comentar o suficiente para matar a curiosidade, apesar de alguns confundirem realidade com ficção e pouco entendem o que realmente está acontecendo. Enviei a pesquisa para as famílias sobre plantas medicinais. Durante toda a semana trabalhamos em grupos em nossas experiências, as crianças observaram, discutiram e registraram à sua maneira tudo o que estava acontecendo, demonstrando muita criatividade e capricho em seus registros. Gostaram tanto da coleção Plantas e Flores que pediram novamente para ver. Fizeram pesquisa em revistas dos diferentes tipos de plantas e recortaram muita coisa, fizemos uma classificação para montarmos os painéis explicativos para seus familiares. Conversamos bastante sobre plantas que servem para remédio e estou lendo as pesquisas feitas pelos familiares conforme vão chegando. Estamos colocando as plantinhas que as mães mandaram nos locais onde falaram que faz bem. Fiz a leitura da poesia 'Árvore'. Levei para a sala o jornal Cruzeiro do Sul, onde foi publicada a foto de um Ipê amarelo, anunciando a chegada da primavera. Fizemos na cartolina um bem grande

com a técnica de papel crepom na ponta do lápis. O trabalho ficou maravilhoso e com igual oportunidade para todos. Como os momentos de pesquisas, observações e registros demoram, ficaram duas atividades para a próxima semana. As crianças estão amando trabalhar em grupos, demonstrando muita cooperação, amizade e capricho, o que me deixa muito feliz.”

Continuando de 24 a 28 de setembro:

“Conversamos sobre a exposição de sexta-feira, uma maneira de mostrar aos familiares nossos trabalhos, e a inauguração do ‘Cantinho do Sabiá’, onde teremos um Viveiro de Mudas e o nosso próprio canteiro para cuidarmos. As crianças estavam muito ansiosas para que a sexta-feira chegasse. Plantar as mudinhas foi muito bom e divertido, todos tiveram a oportunidade de plantar e acharam a experiência muito gostosa. Quando terminaram de plantar, foram buscar água em suas canequinhas e foi muito engraçado, pareciam formiguinhas trabalhando. Todos continuam no cuidado com as plantas das nossas experiências, sempre lembrando de molhá-las e isso está refletindo em casa também. Pois a mãe do João Mateus me contou que ele nunca ligou para as plantas e agora pede para cuidar. Como no primeiro semestre havíamos trabalhado o corpo humano, aproveitamos e fizemos um paralelo entre o ciclo de vida do ser humano e das plantas, como já sabíamos das necessidades do ser humano, foi muito fácil entender que a planta sendo um ser vivo, também necessita de cuidados, carinho, alimentação, luz, ar e água. No nosso cartaz do ‘Ciclo da vida’, utilizamos as fotos que os pais trouxeram deles bebês, maiores, dos pais com eles e de seus avôs. Ficou muito bom e muito fácil deles entenderem o ciclo da vida das plantas (nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer). E o mais charmoso é que se acharam tão importantes que não cansavam de olhar e comentar. A professora Silmara da 2ª fase foi até o bairro Colorau e tirou uma foto de um maravilhoso pé de Ipê amarelo para compararmos com o que fizemos e foi muito legal. Ficaram algumas atividades para a próxima semana, a quantidade de frutas na árvore, da clorofila, dos alimentos que podemos consumir ao natural e outros que necessitam de transformação para o consumo como café, arroz, trigo, etc. As mães da Renata, do Igor Antony, da Kemily e a avó do Edmilson, trouxeram os chás que foram servidos em nossa sala durante o evento. E a inauguração do ‘Cantinho do Sabiá’ sem comentários, ficou lindo demais. É muito bom saber que fazemos parte de tudo isso.”

Continuando de 01 a 05 de outubro:

Começamos a semana conversando sobre a nossa exposição e o que aconteceu na sexta-feira. Tudo ficou gravado na cabecinha deles, a presença de seus pais plantando mudas, assistindo a inauguração, olhando atentamente seus trabalhos e tomando chá na nossa sala. De todas as atividades que fizemos, conforme demonstraram em seus desenhos, as atividades que mais gostaram de fazer foram o pé de Ipê Amarelo e a experiência da germinação da semente e do feijão sem ar, sem luz e normal. Durante a semana, mesmo quando falávamos em outro assunto sempre alguém voltava a falar da exposição e das plantas. Fizemos a experiência da separação da clorofila (colhemos algumas folhas e colocamos no álcool) responsável pela fotossíntese e já na quarta-feira pudemos observar a coloração verde no álcool. Continuamos observando, cuidando e registrando tudo o que está acontecendo em nossas experiências. Resolvemos fazer um canteiro com sementes e quando estiverem no ponto de mudar, plantaremos nos vasos e cada um levará o seu para casa. Pedi que trouxessem garrafas pets vazias para confeccionarmos os vasos. Estamos pensando numa maneira de decorá-los...”

### **Escutando a Maria e outros**

Em 20/05/02, chega a Maria na creche e começa a falar:

“Esse pedaço é meu, eu cuido de tudo da creche. Você entrou e batalhou pela creche. Eu sou mais velha que você. Aqui tem pessoas de estimação: Alta, Pedro, eu, Antonio, Jamil, todos cuidam da creche. Eu e meu irmão que já morreu plantamos uma paineira lá no Paraná. É a coisa mais linda da vida. É o símbolo da natureza, que a gente tem que cuidar. Temos que estimar as coisas, você dá alegria, pois você estima a creche”.

“A creche virou um recanto”. Rogério de Assis Marques, tio do Luciano e do Lucas.

“Ela está nos ensinando a cuidar da planta e falou porque a flor morreu: tem que ter água” Luzia de Souza, mãe da Letícia de 4 anos.

Chegando de carro na creche vejo uma criança e sua mãe de mãos dadas indo em direção ao viveiro de plantas. Parei meu carro, desci e encontrei-me com eles que retornavam. Era o Marcelo e sua mãe, perguntei o que tinham ido fazer lá e a mãe toda orgulhosa falou:

- Ele foi mostrar sua planta, que logo que crescer mais vai levar para casa.

### **Ganhando árvores**

Um moço me deu sinal para parar meu carro quando passava pela rua de uma das entradas da vila, falou se a creche não queria um pé de pinhão ou pinheiro, não sabia dizer, mas que oferecia a creche. Eu aceitei com a condição que ele viesse plantar. Esse moço se chama Fábio e não tem criança na creche.

Um senhor, morador do Central Parque, veio até a creche, infelizmente não lembro seu nome e falou que leu a reportagem do jornal Cruzeiro do Sul sobre o plantio de árvores frutíferas nativas aqui na creche e que gostaria de doar uma muda de pitanga.

### **Carta ao coração**

Recebi esta carta da supervisora Mônica

“O mundo está nas mãos daqueles que tem coragem de sonhar e correr o risco de viver seus sonhos, cada qual com seu talento!!!”

“A equipe do CEI 78 - Vila Sabiá

Infelizmente não poderei compartilhar do final de mais este grande projeto, mas quero através dessas pequenas mudas me fazer presente neste jardim, demonstrando à vocês o quanto fico feliz e orgulhosa de saber que vocês estão atuando junto as crianças de maneira consciente, comprometida, prazerosa e transdisciplinar.

Que o colorido destas flores registre a alegria de cada pessoa que estiver presente e que a esperança num futuro melhor esteja no coração de todos.

Finalizo, desejando a você, Kátia, que comunga comigo dos princípios de transformação da educação, percorrendo o caminho de conflitos, de alegrias, descobertas e de fé, um abraço especialíssimo. Parabéns!

Um beijo especial no coração de cada criança da Vila Sabiá. Mônica”

Infelizmente nossa supervisora e amiga Mônica não pode participar, mas carinhosamente veio momentos antes da inauguração, com mudas de plantas a

serem plantadas e deixou este lindo bilhete.

A Mônica tem compartilhado todos os momentos da creche, é uma pessoa maravilhosa, além de contribuir, estimular e encorajar nosso trabalho.

### **Meninas-moças.**

A professora Silmara da 2ª fase arrebanhou para a pintura do muro do solário algumas adolescentes do bairro. Elas juntamente com as crianças pintaram um lindo jardim com flores, borboletas, joaninhas, utilizando a palma das mãos e os pincéis. Desse dia em diante sempre passam na creche e perguntam se tem algo para fazer. E aí entram passando a manhã ou tarde conosco, brincando com as crianças, confeccionando móveis e dando idéias. Nas festas adoram vir e dançar para o público. Elas tem espaço garantido em nossas atividades.

A metodologia da prática pedagógica na Educação Infantil pode ser baseada na Pedagogia de Projetos, como o projeto: O Verde do nosso pedaço se estruturou.

Conforme Reigota (1994), a Pedagogia de Projetos é uma forma de estruturar o trabalho pedagógico, de maneira interdisciplinar e coletiva, onde crianças, professoras, pais e comunidade, são envolvidos no estudo de um tema, ligando-o ao conhecimento científico e cotidiano e participando ativamente no processo pedagógico.

No início deste processo a professora quis **tirar das crianças o que sabiam**, demonstrando que o conhecimento prévio das crianças sobre o tema é o ponto de partida para propor atividades e experiências trabalhando na zona de desenvolvimento proximal, e fazendo com que os conceitos espontâneos das crianças se expandam na interação intencional educativa e orientada dos conceitos científicos. A formação de conceitos é um processo de construção mediado pelo outro. O signo mediador na formação de conceitos é a palavra. A linguagem dirige o processo de formação de conceitos, pois possibilita os processos de generalização e abstração. Os conceitos científicos levam os espontâneos em direção à consciência.

Não é porque são crianças de 0 a 6 anos que o professor não precisa fazer pesquisa, estudar, se informar para trazer esses conhecimentos para a sala de aula. A professora trabalhou com livros, revistas, jornais, fotografias, fez experiências, onde as crianças iam observando, registrando, debatendo entre si, com intervenções que subsidiavam a discussão, estando num processo de formação de conceitos.

Conseqüentemente a partir destas experiências concretas, do diálogo e da mediação foram abstraído, fazendo novas conexões e construindo novos conhecimentos.

A professora ao instigar as crianças a falar, a fazer comparações entre o espaço da creche e o do posto, entre o ciclo da vida humana e o vegetal, a realçar a descoberta que iam fazendo das cores nas plantas, as diferentes texturas, a utilização que seus familiares faziam na alimentação e no tratamento de doenças, a discussão em grupo, o registro através das observações e dos desenhos, o manuseio de livros, a confecção do ipê com técnicas artísticas, a montagem de painéis para socializar o conhecimento construído, a leitura das pesquisas com os familiares, de jornais, de poesia, o sabor dos diferentes chás, vai através dessas relações, conexões e comparações, capacitando a criança a abstrair e a construir muito mais conhecimentos,

De acordo com Oliveira (2001), são muitas as invenções cotidianas que alteram as propostas curriculares, redesenham as relações professor-aluno e enredam valores, saberes e possibilidades de intervenção, experiências e criação, potencializando aprendizagens de conteúdos, comportamentos e valores.

E tudo isto é muito mais significativo para a criança do que atividades mimeografadas com as etapas de germinação, partes da planta, etc. Não estou dizendo que estas atividades devam ser abolidas, mas que o processo vivenciado pela criança tem um significado muito maior em sua aprendizagem, pois a criança é encorajada a observar, a discutir, a classificar, a comparar, a registrar, e tudo isto vai possibilitando a criança o desenvolvimento de suas estruturas cognitivas cada vez mais complexas e o próprio conhecimento.

As crianças interagindo em pequenos grupos nas experiências demonstram a motivação, interesse, cooperação, amizade no processo educativo e em torno de um tema contextualizado com sua realidade social, cultural e ambiental.

O reflexo deste trabalho pedagógico pode ser constatado no ambiente familiar quando a mãe relata que seu filho nunca se importou com plantas e que passou a cuidar em sua casa. Quando outra mãe fala que sua **criança** de 4 anos **está ensinando sua família** a cuidar da planta, demonstra também que o conhecimento circula por todos os espaços da creche, da casa, da vila e por todas as pessoas sejam crianças, professores, funcionários da limpeza, da cozinha, pois todos estão se apropriando de novas formas de agir e pensar.

Um fato que merece destaque na análise é o assunto da tragédia do 11 de Setembro, que repercutiu nas conversas das crianças na sala de aula. A criança está interagindo com o mundo e sendo afetada por este mundo. O assunto não fazia parte da programação da professora, mas ela procurou comentá-lo o suficiente com suas crianças.

Esta situação retrata muito bem, quantas vezes, assuntos tão diversos surgem na sala de aula e pode-se a partir deles iniciar uma nova aprendizagem como foi o caso da borboleta trazida pela Yasmim relatada na Cena 13. E como a criança se sente motivada no processo de ensino e aprendizagem, quando detona um assunto e este é objeto de uma nova viagem de aprendizado de sua turma. O saber, o conhecimento é compartilhado, o professor é o mediador neste processo e a criança sente-se estimulada e encorajada no processo de ensinar e aprender.

**“É muito bom saber que fazemos parte de tudo isso.” “Esse pedaço é meu, eu cuido de tudo da Creche.”**

A professora, as crianças e os familiares sentem que fazem parte e dão vida à escola, são eles com suas invenções cotidianas que vão se apropriando do espaço, criando uma identidade, um pertencimento.

Outra questão que nos coloca o relato da professora diz respeito à sensibilização estética na Educação Infantil. Dias (1999), a respeito da formação da sensibilidade na criança de 0 a 6 anos, diz que podemos contribuir para esta formação incentivando e criando oportunidades para que elas se expressem com vivacidade e possam desenvolver, ampliar e enriquecer suas experiências sensíveis, aumentando as redes de entendimento e significação do mundo.

Desta forma as crianças foram encorajadas a olhar e perceber as diferentes cores das flores: amarela, azul, laranja; a degustar os diversos chás com seus sabores; a tocar e sentir as diferentes texturas das folhas; a sentir o cheiro da terra molhada, das plantas e flores; a contar o uso que se faz do feijão guandu na cultura nordestina, a produzir um quadro a partir da imagem do ipê amarelo publicado no jornal; a ouvir uma poesia. E a professora através dessas experiências, foi mediando todo este processo de formação estética, explorando o espaço da escola, estimulando o olhar curioso e sensível da criança.

E no Cantinho do Sabiá dá para sentir o vento, a sombra das árvores, o cheiro da terra, das plantas, pisar descalço na terra. Pode-se ouvir histórias, brincar

de correr, esconder atrás do viveiro, subir nas árvores, ver o colorido das flores. E este cantinho constitui mais um espaço a ser explorado, que nos remete a uma viagem de sentidos, imaginação, aventuras, aprendizagens e brincadeiras. E na fala do tio da criança: “**A creche virou um recanto.**”

#### **Cena 4: Visitas Domiciliares: trilhas de aventura e casas de emoção.**

A professora Emilia, a educadora Geralda e o educador Emerson, desenvolveram as visitas domiciliares, com 30 crianças de três anos (maternal 2), denominada - *Trilhas de Aventura, Casas de Emoção*. Neste projeto a cada semana as crianças, saíam pelas ruas do bairro até a casa de um/uma amigo/amiga da turma, visitas planejadas antecipadamente entre professoras e familiares. Sendo assim, as crianças conheciam a casa, suas dependências e como viviam a famílias.

A aventura começou com a roda de conversa, hábito da creche, crianças, educadoras e educador, sentam-se em roda no chão, este momento apresenta-se como uma excelente oportunidade para poder ouvir/conhecer/sentir/interagir com as crianças. A conversa gira em torno da família, moradia, gostos e costumes, surgindo daí a idéia de uma interação maior com as visitas.

A professora Emilia passou a conversar com os familiares sobre as possíveis visitas e a combinar data e horário.

Neste dia, a criança a ser visitada tinha por incumbência mostrar o percurso a ser trilhado da creche até sua casa (por segurança o endereço da criança era levado).

Todas as crianças visitadas mostraram corretamente o caminho a ser percorrido, demonstrando orientação espacial e conhecimento do próprio bairro. Durante o percurso, as crianças iam falando e mostrando tudo o que fazia parte de seu cotidiano: o mercadinho onde faziam compras, a igreja que freqüentavam, a escola onde os irmãos estudavam, as casas de parentes e pessoas conhecidas.

De início o percurso gerava nos adultos uma certa tensão, as ruas são estreitas, muitas vezes sem calçada e há muitos obstáculos como morros, escadas, rampas, buracos, barrancos, mas depois estes se transformaram numa grande aventura para todos, um ajudando o outro, solucionando os problemas que surgiam. Com o tempo os caminhos percorridos possibilitaram as descobertas de cores,

formas, números, paisagens, movimentos, imagens, sons, numa grande aventura por entre ruas, vielas, escadarias e barrancos.

Nesta paisagem de casas construídas beirando morros, os exploradores tiveram a oportunidade de conhecer, ler, sentir, manusear, andar, pular, e com isto enriquecer sua leitura de mundo.

Os familiares alegres com a oportunidade de compartilhar com os pequenos sua vida, contaram a história de muitos dos objetos que compunham aquele quadro, casa, e discorriam sobre o cotidiano das pessoas que ali habitavam, resgatando as fotos e contando seu trilhar. Além desse rico acervo de vidas, as famílias se preparavam para a visita, oferecendo lanche para as crianças e, o mais emocionante, os pais conversavam antecipadamente com seus patrões, explicando da visita e pedindo para entrarem no trabalho mais tarde para poder receber as amigas e amigos de seu/sua filho/filha. São vivências cheias de cores, cheiros, sabores, odores, significados, sentimentos e aprendizagens.

Relato elaborado pela professora Emilia:

### **Na casa do Stanley**

No caminho da residência do Stanley, paramos em um barzinho, a pedido das crianças, para comprar balas. Os papéis foram colocados em uma sacolinha para depois jogar no lixo, o Stanley foi logo dizendo: - Leva para jogar lá em casa que tem lixo. Quando estávamos subindo a sua rua, avistamos de longe a sua mãe e avó, nos esperando com sorrisos nos rostos. Ao entrar as crianças já começaram a se divertir, pois havia duas escadas para descer até chegar na casa dele. Fomos bem recepcionados. O Stanley mostrou sua casa para as crianças e seu videogame, elas ficaram encantadas com uma casinha feita de madeira, que estava em cima de um móvel. Um canto feito especialmente para as orações com uma bíblia aberta também despertou a curiosidade das crianças. A mãe dele segurou o cachorro para que todos pudessem olhar de perto a horta, onde um espantalho em tamanho natural despertou a curiosidade de todos, e logo a idéia de fazermos um igual para a creche. Nos deliciamos com bolo e refrigerante, que saboreamos sentados nas escadas, uma vez que a casa é bastante pequena. Sua avó insistia para que comêssemos mais e que as coisas foram compradas especialmente para nós. Um

enorme pé de manga também chamou a atenção das crianças e ao ouvir a avó dizer que no ano passado perdeu-se muitas mangas, o David logo foi dizendo: “Leva lá na creche para nós”. E todos riram muito.

A cortina feita de material reciclado chamou a minha atenção e de algumas crianças como a Yasmim, que foi logo dizendo: “Minha avó também faz igual a essa”. A avó do Stanley escutou atentamente a explicação de algumas crianças que falaram sobre os perigos da dengue, ao ver as plantas com pratos cheios de água. Na hora de partir, todos exploravam a garagem que fica sobre um porão, e o sobe e desce pelas escadas foi contínuo, e foi um tanto difícil convencê-los a retornar a creche. O Stanley e as crianças finalmente se despediram e então pudemos voltar.

### **Essas visitas tiveram uma repercussão em outra turma de crianças:**

Como acontece em todas as escolas, a reunião de pais é um momento no qual as educadoras dialogam com os familiares, mostram as atividades, dependendo do tema que estejam desenvolvendo em sala de aula, elaboram uma atividade para que os pais façam para mostrar as crianças. Durante uma reunião realizada no dia 26 de abril, na sala do Maternal 1 (crianças de dois anos), a Simone, mãe da Nataly falou:

-Eu gostaria que a turminha da Nataly fizesse o mesmo que a classe do Maternal 2. Eles estão indo visitar a casa das crianças e eu tenho algumas amigas que me contaram que é super legal e que as crianças gostam muito. Eu faço um bolo bem gostoso para as crianças.

A Vanessa explicou que neste primeiro semestre é difícil, eles estão ainda muito pequenos, mas que poderiam fazer um piquenique aqui na creche. Elas toparam no ato e combinaram a data do piquenique.

Foi legal ver todo mundo trazendo guloseimas para as crianças. O piquenique aconteceu no quiosque e a Vanessa não deixou as crianças verem seus familiares chegando. Prepararam uma toalha onde colocaram os bolos, salgados e refrigerantes dentro do quiosque. No gramado armaram três guarda-sóis.

A Vanessa conversou com as crianças e falou que aconteceria uma surpresa, como sempre ela cria o maior clima, motiva, estimula e faz o maior suspense. Foram caminhando e começaram a enxergar seus familiares, que estavam sentados no

chão em volta da toalha. Tirei fotos e demos o sinal para atacar. Foi muito bom ver o capricho das mães, os dotes culinários, a arrumação, o carinho em servir as crianças, o bate papo e o prazer em estar ao lado de sua criança nesta grande convivência alegre e prazerosa.



**Fotografia 9: Piquenique**

Após o piquenique conversei com a Vanessa e sugeri que da próxima vez podemos estimular que o piquenique aconteça com frutas, lanche natural e suco. Ela gostou da idéia. Falei também que comentaria na próxima reunião com a equipe o ocorrido ressaltando o que vem acontecendo conosco, pois as mães manifestaram seus desejos e este aspecto é muito importante, revela o quanto o nosso diálogo esta sendo aberto e o quanto a relação está sendo horizontal. As mães se abriram, querem que visitemos suas casas. É abrir as portas e o coração, é o orgulho de querer receber a creche em sua casa. Nós da creche nos abrimos e os familiares fizeram o mesmo. A relação é de uma convivência gostosa, alegre, estamos partilhando nossas vidas.

O percurso da casa até a escola, a própria casa da criança com seus objetos, o modo de vida de sua família, são cenários que constituem fonte de significados e conteúdos, que vão sendo veículos na interação da escola com a família.

Muniz (1999), diz que o que dá sentido e significado aos conteúdos trabalhos na escola e mesmo ao desenvolvimento da criança em todas as suas potencialidades, é a cultura da qual ela faz parte.

E quando a escola se dispõe a conhecer as formas peculiares de existência, exercita o conhecimento da diversidade desses modos e conseqüentemente o

enriquecimento do repertório da criança. E este repertório é de vida, não está nos livros, em receituários.

A mãe que na reunião manifestou desejo de receber em casa, a turma de crianças da classe de sua filha, demonstra que este convívio entre as crianças faz surgir um laço muito mais forte entre eles e a escola: amizade, partilha da vida. Escola assume uma postura de escuta, de respeito, de convívio que as vezes pode não ser harmonioso, pois as tensões nas relações existem, mas quando se tem por princípio o diálogo e o respeito, o convívio com a família é um compartilhar de emoções, de educação, de conhecimentos e de muitas aprendizagens.

Quando temos respeito à história de vida da criança, de sua família e estabelecemos uma relação de dialogo e não de poder de conhecimento, sentimos e praticamos uma educação onde as crianças, as professoras, a família aprendem e ensinam numa roda sempre aberta.

### **Cena 5: Sorocaba Indígena.**

Conheci a Geralda em 1996, ela era balconista-vendedora na livraria Pedagógica. Como estávamos montando nossa biblioteca na escola onde eu trabalhava, investíamos muito na aquisição de livros. Neste sentido ia com muita frequência nesta livraria e adorava ser atendida por ela, porquê ela indicava e explicava sobre os livros, falava sobre o autor, tudo isso porque ela lia muito e sabia falar sobre eles. Ela era uma balconista-vendedora, mas acima de tudo uma intelectual com muita vivência, que deixava transparecer nos contatos que tínhamos. Eu me sentia muito atraída com suas conversas, com o folhear dos livros e ficava de duas a três horas, conversando.

Durante os anos de 96 a 99 frequentei muito a livraria e só aceitava ser atendida por ela, lá dentro literalmente eu esquecia do mundo, ela era muito falante, discursava sobre todos os assuntos, um puxava o outro e não tinha mais fim. Sua preocupação não era vender livros e sim que você encontrasse uma boa leitura e uma viagem a novos conhecimentos. Em junho de 99 afastei-me por licença maternidade e só fui retornar em fevereiro de 2000, já na Creche Sabiá, onde mergulhei no trabalho e perdi o contato.

Reencontrei-a no ginásio de esportes da escola “Achilles de Almeida”, num processo de atribuição ao cargo de auxiliar de educação para as creches da prefeitura, pois as estagiárias do curso de Magistério e Pedagogia não podiam mais continuar trabalhando nas creches por motivos de ordem legal e fiscal.

Fiquei muito feliz em reencontrá-la e falei que se ela quisesse e tivesse a oportunidade que escolhesse trabalhar na creche da vila Sabiá, que eu teria muito gosto em tê-la como profissional. E ela escolheu nossa creche. Em agosto de 2001 ela e outros profissionais iniciaram suas atividades na creche, foi um período muito difícil, de despedida das estagiárias e do início dos novos profissionais em creche: auxiliares de educação. Este período de troca de profissionais foi muito difícil e doloroso para as crianças e para os poucos profissionais que permaneceram. Mas o tempo vai tecendo novas relações e as crianças foram descobrindo os novos educadores e fomos nos conhecendo melhor e novas amizades foram surgindo.

No início do ano 2002, quando a equipe estava toda reunida, discutíamos sobre quais temas iríamos trabalhar e assim quais os projetos que a escola desenvolveria. A Geralda foi logo dizendo que gostaria de explorar o tema índio, e que ficaria responsável pela elaboração e coordenação do projeto e assim surgiu o Sorocaba Indígena onde ela escreveu:

“Justificativa:

2002 será um ano dedicado aos Povos Indígenas do Brasil, através da Campanha da Fraternidade, promovida pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, com o tema “Por uma terra sem males”.

Esse profetismo tupi-guarani, como afirma Hélene Clastres no livro “Terra sem Mal” (1978), era representado pelas migrações de grupos de família tupi-guarani em busca da terra sem mal: “...antes de tudo um lugar de abundância, uma terra livre, sem prescrições, sem proscricões, a plenitude da liberdade...”

Precisamos trabalhar de muitas formas visando atingir todos os setores de nossa sociedade. Precisamos descobrir que a terra sem males existe e é possível buscá-la, mas para isso, precisamos nos conhecer, conhecer a formação de nossa sociedade e, principalmente, saber da existência de uma diversidade étnica em nosso país.

Os índios sempre fizeram parte de nossa história, mas ao contrário de todos os males dirigidos a essa parcela da população brasileira, eles continuam a fazer parte de nosso presente e, com o aumento das agressões a vida no planeta, o

nosso futuro dependerá da compreensão do conhecimento daqueles que sempre buscaram uma terra sem males.

Este projeto foi desenvolvido por todos os profissionais da creche, do Berçário até a 3ª fase, e contou com a orientação da educadora Geralda e de seu marido Márcio Castro, que trabalhou como indigenista, em várias reservas indígenas do Brasil, tendo ambos, uma rica experiência e conhecimento sobre o tema. Tendo por objetivo propiciar às crianças e adultos a descoberta do conhecimento, vivência e valorização da cultura indígena, desenvolvemos diversas atividades, histórias foram contadas e muito se conversou e vivenciou sobre os hábitos, rituais, costumes, as danças, e também todos ouviram as músicas da Marlui Miranda, também construímos uma oca para as crianças vivenciarem, ainda que parcialmente o cotidiano dos índios brasileiros.

O indigenista Marcio Castro contribuiu mostrando para as crianças, a cultura desta parcela étnica do povo brasileiro, além de ceder peças indígenas para a exposição montada posteriormente. O Museu Histórico Sorocabano também cedeu algumas peças, expostas em conjunto com as obras feitas pelas crianças sobre o tema. Trabalhar a diversidade cultural e étnica de nosso país é uma necessidade para respeitarmos e valorizarmos o diferente.

O que algumas pessoas sentiram e escreveram:

“Esse ano foi possível trabalhar o índio como realmente merece ser trabalhado. Decidi que não queria mais o famoso colar de macarrão, afinal índio não confecciona colar de macarrão e sim com coisas da natureza. Escolhi então sementes e comecei a procurar por elas para ver qual seria melhor. Como temos a colaboração do Sr. Antonio (avô do caíque Leonardo), que sempre que é possível me ajuda, perguntei onde poderíamos encontrar algumas sementes aqui na vila e ele ficou de averiguar. Passado alguns dias, lá veio o Seu Antônio com um sabugo na mão e me disse:

-Esse não dá para fazer?

Fiquei olhando para ele, pensando e me perguntando, do que será que ele estava falando e percebendo minha cara de dúvida, continuou:

-Fui procurar as sementes em alguns lugares da vila e até no brejo perto da fábrica da Dixie, mas as que eu conheço estão verdes. Porque não fazemos de sabugo, dá para cortar em rodela e depois é só furar.

Fiquei surpresa, lá estava o Seu Antônio com toda a sua simplicidade me ensinando a confeccionar um lindo colar e pulseira com os sabugos de milho.

As crianças em volta dele, observaram-no cortando as rodela e depois empolgadas, pintando e montando os colares e as pulseiras (braceletes).

Como ele trouxe também várias palhas de milho, as crianças tiveram oportunidade de usar esse material pela primeira vez para fazer pintura sobre as palhas. Produzimos tintas de urucum e açafrão. Foi um momento mágico, onde afagaram as palhas, sentiram sua textura, seu barulho e a viram mudar de cor.

Ao montarmos nossa cabana com a ajuda de nosso amigo Antônio, as crianças se sentiram úteis e puderam mais uma vez ter contato com os elementos da natureza e depois num grande faz-de-conta brincaram aprendendo.

Eu também aprendi muito, principalmente com as atividades que aconteceram com nossa turma e com as outras.

Tivemos a oportunidade de vivenciar com o Marcio tudo sobre a cultura indígena, ele explicou, mostrou as peças, sendo que as crianças puderam observar cada detalhe, saber de que material eram confeccionadas, além de conhecerem os rituais e dançarem músicas indígenas verídicas.

A experiência dele em aldeias tornou cada momento real e cheio de riquezas. E a exposição que montamos para os familiares chamou a atenção e muitas mães comentaram e trouxeram outras pessoas para ver. Foi um aprendizado inesquecível para todo mundo.

A Geralda me contou que no período da tarde, as crianças escutaram a história: Terra rasgada e Lavoura Kaiapó embaixo das árvores. Ela sentiu que eles se encantaram com as histórias, com o vento e a sombra da árvore, ficaram mais calmos e concentrados.

Combinamos que contaremos mais histórias embaixo das árvores e até pensaremos no que poderemos fazer mais lá. A Silmara deu a idéia de montarmos uma cabana com as cortinas velhas da creche, falou que vai costurar e fazer mais duas cabanas". Professora Emília.



**Fotografia 10: vivência indígena**

Na Educação Infantil geralmente se pinta o rosto da criança com guache, faz-se um colar de macarrão, um cocar de cartolina, come-se milho cozido, mandioca frita, canta a música: 1, 2, 3, Indiozinhos e dança a música da Xuxa: Brincar de Índio.

Trazer para o espaço da Creche, pessoas que com seus conhecimentos e suas experiências de vida, seja no âmbito pessoal ou profissional, colaboram, para enriquecer e ampliar o conhecimento da criança e das professoras. A auxiliar de educação Geralda e seu marido Márcio através das atividades desenvolvidas e vivenciadas, colaboraram neste aprendizado. Além de pessoas podemos trazer para o espaço da escola, o trabalho de outras instituições como o Museu, o Zôo, a Universidade, o Posto de Saúde, a Zoonoses, que vão contribuindo no fazer pedagógico e no processo de construção de conhecimentos.

Curtis (1999), ressalta o potencial educativo do museu ao proporcionar contato direto com as expressões materiais da cultura e suas relações com o ambiente.

Os objetos indígenas, a escuta de músicas da Marlui Miranda, a vivência cultural indígena podem e devem mediar o processo de ensino. Novos elementos podem ser introduzidos. Há muita diversidade de materiais que podem fazer parte do cotidiano escolar na Educação Infantil e o contato e manuseio com elementos da natureza como: urucum, açafraão, sementes, espigas de milho, folhas de bananeiras, bambu, folhas secas, argilas, palhas, ampliam as possibilidades de expressão e conhecimento da criança.

E também, pessoas simples da comunidade, como o Sr. Antonio, podem ensinar e dar idéias. A professora aprende com essas pessoas e enxergar esta possibilidade em seu cotidiano é libertar-se de um pretensão poder de conhecimento. E ainda mais fazê-lo circular para além dos muros da escola quando: **“Muitas mães comentaram e trouxeram outras pessoas para ver. Foi um aprendizado inesquecível para todo mundo.”**

O trabalho teve uma repercussão para além dos muros da Creche, pois as mães das crianças trouxeram outras pessoas para apreciar a exposição indígena.

Na fala da professora foi: **“Trabalhar o índio como realmente merece ser trabalhado.”**

#### **Cena 6: Re-formando a creche.**

Cheguei à creche pela manhã e lá vieram a Neusa e a Luzia em minha direção dizendo:

- O pessoal da construtora vai cortar as árvores que estão encostadas no alambrado, falaram que tem que cortar, pois o muro vai passar bem onde elas estão. Converse com eles, falamos que as crianças adoram subir nas árvores, que as professoras contam histórias na sombra delas, que fazem cabanas e eles falaram que são ordens do engenheiro.

Fui conversar com um senhor que não me lembro o nome e que era o mestre de obras e responsável pela reforma da creche, argumentei que o muro poderia ser construído onde já havia o alambrado e ele respondeu que o pessoal da prefeitura e o engenheiro da construtora já haviam estado no local e decidido onde o muro seria construído e que o corte era necessário e que cumpriria as ordens das chefias. Falei que ele não podia cortar as árvores enquanto eu não conversasse com o engenheiro Sérgio da construtora. Liguei pra ele e escutei que não havia outro jeito que não fosse o corte das árvores, novamente argumentei que tal atitude era contrária a nossa filosofia de trabalho e que eu iria conversar com um amigo, que é engenheiro agrônomo, para ele analisar a possibilidade de transferí-las para outro local da creche, pois todos os funcionários e eu estávamos indignados.

Elas levaram tantos anos para crescer e nossas árvores mais frondosas seriam arrancadas. Concordou em esperar, ressaltando que não havia tempo para demoras, pois o alicerce de toda a extensão do muro seria feito num só dia e isto já estava agendado no cronograma da obra bem como os caminhões de concretos a serem utilizados.

A Vanessa, Silmara e Emília entram na minha sala ansiosas e revoltadas falando que preferiam ficar sem o muro a perder nossas árvores, que iriam ficar agarradas nelas, que fariam um movimento tipo Greenpeace da vila Sabiá.

Enquanto falavam, eu ia discando o número do telefone do Clebson, engenheiro agrônomo da prefeitura de Sorocaba e amigo do Rony. Relatei o que estava acontecendo e pedi sua ajuda urgente, pois o engenheiro da construtora não ia ficar esperando. Respondeu com seu jeito calmo e sereno que:

- Daqui a pouco, vou até aí e vejo o que podemos fazer.

Conversei com as funcionárias que estavam agitadas, acreditando na idéia de continuarmos com nossas árvores só que em outro ponto da creche. Elas já começaram a pensar onde seria o melhor local, foram estudar e discutir na área externa qual seria o melhor local. Neste vai e vem chega o Clebson e todas vamos acompanhá-lo. Ele percorre o espaço, olha as árvores, fica em silêncio, anda mais um pouco olhando, pára e diz ser impossível mudá-las de local, uma vez que o solo de toda esta região não é propício a este procedimento e que isto ocasionaria a morte delas. Andou mais um pouco, olhou como quem contempla todo o nosso Cantinho do Sabiá e diz:

-O muro tem que ser construído, todas as escolas que estão passando por reformas, estão sendo muradas, mas o muro pode fazer um desvio em cada árvore pelo lado externo, ficando a creche com suas árvores.

Todas vibramos com a idéia e lá fui eu correndo, agitada como sempre, ligar para o engenheiro Sérgio que escutou e me disse que entraria em contato com a chefia da prefeitura para saber se concordariam também. Respondi que aguardaria. Mal desliguei o telefone, liguei para o Alexandre, responsável pelas reformas dos próprios municipais vinculados a Secretaria de Educação e Cultura. Expliquei o que estava acontecendo, ressaltei que não poderíamos perder nossas árvores, que o engenheiro Clebson havia dado seu parecer/idéia que contemplava a permanência de nossas árvores e que neste momento precisávamos de sua ajuda dando uma parecer favorável. Fiquei orgulhosa de sua resposta:

-Conhecendo bem o que você faz e o trabalho ecológico que vocês fazem com essas crianças e com a comunidade não tenho argumento contrário.

Aproveitei a oportunidade e expliquei-lhe que vínhamos desenvolvendo em parceria com os professores Nobel Freitas e Nivaldo do Núcleo de Estudos Ambientais da UNISO, um projeto comunitário sobre ervas medicinais e horta. (ANEXO B, p. 178) Que o espaço de nossa horta estava pequeno, pois cada turma de crianças desde o berçário até a 3ª fase vinha estudando, pesquisando, plantando, juntamente com a comunidade e gostaríamos de ampliar o espaço construindo mais canteiros. Ele me respondeu que não podia dar a mão que eu já queria o braço ou o corpo inteiro. Defendi que este projeto estava contribuindo efetivamente na vida da comunidade, proporcionando a mudança de hábitos alimentares equivocados e beneficiando nossas crianças. Pedi que viesse até a creche para mostrar-lhe o espaço de ampliação de nossa horta. Acreditava que aquele era o momento certo, tendo a creche os trabalhadores da construtora e o material. Respondeu-me que a reforma tem uma planilha de custos, que não poderia gastar nenhum centavo a mais, mas que faria uma visita e estudaria o caso e marcou que viria na sexta-feira logo pela manhã.

Imediatamente entrei em contato com o professor Nobel explicando-lhe que haveria uma possibilidade, talvez remota, mas havia, de que a prefeitura construísse os canteiros da horta e que viriam na sexta-feira pela manhã ver o local. Coloquei que eu não tinha elementos técnicos suficientes para discutir o assunto e ele prontamente se dispôs a vir até a creche. No dia seguinte lá estava ele com o professor Nivaldo e começamos a percorrer toda a área externa. Nossa horta era num espaço pequeno, daria para ampliar mais um pouco, mas quando se sonha, voamos alto e queríamos um espaço muito maior. Eles deram a idéia de mudar radicalmente o lugar da horta e utilizar o espaço onde ficavam os aparelhos recreativos (escorregador, balança, gira-gira, gangorra). Discutimos, andamos, medimos, pensamos, voltamos a discutir e chegamos a um consenso, respeitando o espaço de recreação das crianças. Teríamos que reorganizar os aparelhos recreativos de um lado e do outro faríamos os canteiros da horta. Decidido o espaço, o Nobel disse:

-Agora precisamos desenhar a planta da horta e de tudo o que será necessário como ponto e reservatório de água, casinha para ferramentas e carrinho.

E eu afobada e ansiosa como sempre falei:

-Hoje é quarta-feira, eles estarão aqui na sexta-feira pela manhã e eu acho importante ter esta planta em mãos para que eles vejam a seriedade de nosso trabalho, além de terem a real dimensão do que será necessário.

O Nobel, acho que posso chamá-lo assim sem os títulos de doutor, é uma pessoa séria, calma e muito comprometido com seu trabalho, respondeu que não haveria problema algum e que me traria o projeto na sexta-feira bem cedinho.

Fomos andando e passamos pelo bebedouro externo da creche, onde as crianças bebem água, lavam as mãos e escovam os dentes, e o Nivaldo deu a idéia de captar essa água e também a água da chuva e levar até o reservatório na horta para que utilizássemos lá. Achei a idéia fantástica e comentei que tínhamos também a lavanderia da creche, que utiliza muita água na lavagem de lençóis, babadores, toalhas de banho e de mesa e que não via dificuldades em fazer um sistema para captar toda essa água e reutilizá-la.

Eles foram embora e deixaram minha cabeça fervilhando, sonhando com toda a dimensão desta horta. Confesso que fiquei apreensiva se eu teria o projeto em mãos para mostrar na sexta-feira, pois sei muito bem que o Nobel tem muitos compromissos como professor e coordenador na UNISO e seu horário é bem corrido. Mas no dia lá estava ele exatamente às 7:10 da manhã com a planta em mãos, torcendo para que desse certo. Explicou-me tudo por duas vezes nos mínimos detalhes e se despediu desejando boa sorte para todos nós.

As horas começaram a passar e minha ansiedade natural foi aumentando cada vez mais, até que às 11:30 o Alexandre chegou juntamente com o Ronaldo, também funcionário da prefeitura e com um homem que eu nunca tinha visto. Apresentou-me a ele dizendo que ele era o diretor da construtora e responsável pela parte financeira e que se eu queria algo a mais a ser executado teria que lhe explicar. Infelizmente não me lembro seu nome mais ele foi logo dizendo:

-Diretora tudo já foi planejado e orçado, não podemos gastar um centavo a mais, além do que a prefeitura está cortando tudo, tem escolas que vão ficar paradas, pois o orçamento deles não pode estourar.

Quem me conhece, sabe de minha determinação e convicção e que não costumo desistir e nem me intimidar diante de um não inicial. Respirei fundo e pensei comigo, tenho que ter calma e serenidade o suficiente para explicar-lhe tudo o que vem acontecendo e a importância de viabilizar nossa futura horta.

Levei-os primeiramente ao Cantinho do Sabiá onde já tínhamos sete canteiros e o viveiro de mudas, expliquei que a construção deste espaço ocorreu há dois anos e foi viabilizado através de um trabalho em parceria com as pessoas da comunidade que trabalharam no local, da ONG Anima que projetou e doou uma grande parte do material, além de orientar a execução, do Clube de Campo Pró-Vida através de seu diretor Plínio que doou todas as plantas ornamentais, da própria prefeitura que cedeu três funcionários para que construíssem o viveiro e o portal de entrada e do vereador Carlinhos da Farmácia que doou toda a terra e grama. E que posteriormente o professor Nobel da UNISO, veio colaborar, orientar e iniciar um trabalho com produção de ervas medicinais para nossa comunidade. Ressaltei que neste espaço as educadoras e crianças realizavam o plantio de flores, ervas e que posteriormente levavam para suas casas e que também familiares de nossas crianças e outras pessoas da comunidade ajudavam-nos a cultivar as plantas e a cuidar do local. Percebi que ele ficou surpreso e encantado com este espaço, pois realmente é muito bonito.

Fomos em seguida à horta, mostrei o portão de madeira todo despencando, o alambrado remendado e falei que mesmo naquele estado e num espaço tão pequeno, as crianças plantavam verdura e tínhamos verduras fresquinhas para comer. Mas este espaço já não era mais suficiente, pois até o pessoal do Centro de Saúde que faz tratamento de hipertensão queria também participar de nossa horta. A enfermeira Mazé que coordenava e orientava os hipertensos da comunidade veio nos pedir para que eles pudessem plantar na horta, pois muitos alegavam que não tinham dinheiro para comprar verduras e cultivando a horta teriam verduras para sua alimentação. Como costumo me empolgar com aquilo que defendo não me lembro de ter escutado sua fala, apenas o Alexandre e o Ronaldo falando que: “essa diretora trabalha e consegue mobilizar todo mundo e desde que ela está aqui e vem realizando esse trabalho não há depredação nem roubo. Ela se entende bem com esse povo daqui”.

Chegou o momento de mostrar o projeto, ressaltai que tinha sido elaborado pelos professores da UNISO e que seria um programa de extensão universitária, que visava unir o saber popular de nossa comunidade com o saber científico da universidade objetivando a melhoria da qualidade de vida das crianças e da comunidade. Escutei:

-Diretora é um trabalho bonito, mas de onde vou tirar o dinheiro?

Respondi que ele era o homem dos números e cifras e que se a prefeitura não pagaria pela construção da horta, a construtora poderia diminuir seu lucro ou mesmo doar a mão de obra e o material necessário. Acrescentei também que havia o projeto de captação da água de chuva, dos bebedouros e da lavanderia para abastecer o reservatório de água da horta. E que a reutilização da água, a produção de verduras para as crianças e comunidade dentro de um projeto educativo de educação alimentar, tinham um valor imensurável tanto em relação à saúde, a educação e ao meio ambiente.

Olhando para a dupla da prefeitura falou:

-Ela não desiste?

E o Alexandre respondeu:

-Você já está com o pessoal aqui na obra, tem os blocos de cimento do muro, é só aumentar a quantidade e atender nossa amiga. Veja o que pode fazer vale a pena.

Balançou a cabeça, deu um sorriso e fez uma ligação de seu celular onde escutamos:

-Sérgio, estou aqui no CEI 78 com a diretora e ela tem em mãos uma planta de uma horta, pegue com ela e execute, haverá a necessidade de remanejar os brinquedos das crianças, veja onde ela quer que coloque. É somente isto e mais nada.

Argumentei que estava se esquecendo da captação da água, mas não pude nem continuar, pois ele foi logo dizendo:

-Diretora sua horta vai sair, é muito interessante mas não tenho como viabilizar mais nada, quem sabe os professores da UNISO consigam ou a própria prefeitura. Foi um prazer, tchau.

Conseguimos uma parte e até hoje batalhamos para viabilizar a reutilização da água. Temos que acreditar e persistir.

Após umas duas semanas, meu marido recebeu a visita de seu amigo Mauricio. Ele mora em Recife, é um empresário no ramo de transportes de cargas e tem uma paixão especial por aves. Ficaria na cidade por dois ou três dias para visitar um criadouro de aves silvestres na região e o zoológico de Itatiba. Encontrei-me com eles num restaurante para almoçarmos juntos, pois como eu estava num frenesi total com a finalização da reforma da creche, não teria tempo para acompanhá-los no sábado na visita ao zoológico. Conversamos alegremente sobre muitos assuntos e

despedi-me dele e de meu marido, voltando para a creche. À noite quando meu marido chegou em casa me disse que antes de viajar com seu amigo no dia seguinte, gostaria de levá-lo até a creche para que ele pudesse conhecê-la, uma vez que sua empresa mantinha uma creche na periferia do Recife.

Ele visitou a creche e percorreu todos os espaços, ficando encantando com tudo o que via. Fez muitas perguntas sobre o mobiliário e a decoração, que para ele parecia que estava numa escola particular e não da rede pública. Expliquei que era o resultado do trabalho dos profissionais da creche, inclusive que uma das educadoras, a Janicéia, antes de trabalhar na creche, era costureira e que confeccionou todas as cortinas, almofadas de bichos brasileiros, do sol, e outros elementos da natureza e também de pessoas da comunidade e de outros parceiros que contribuíram e muito para que a creche se transformasse, além do que a prefeitura estava finalizando uma reforma no prédio. Meu marido falou que só faltavam as cerquinhas de eucalipto tratado nos cantinhos externos para ficar mais bonito ainda. Elogiou muito e nos despedimos, combinando que iríamos jantar juntos a noite, pois ele iria embora no dia seguinte logo pela manhã.

Durante o jantar ele olhou bem pra mim e disse:

-Gostei muito de sua creche e quero doar todo o eucalipto tratado para você poder fazer as cerquinhas na creche. As crianças vão adorar. Veja quanto vai custar que eu pago.

Fiquei muito feliz em sentir o quanto ele havia gostado da creche e ainda mais ter colaborado para que as cerquinhas fossem viabilizadas.

Reiniciamos as aulas e fomos informados que haveria uma solenidade de reinauguração com a presença do prefeito, da secretária de educação e demais autoridades. Recebi de meu marido, dias antes desta solenidade, a poesia:

### **Creche Sabiá**

Quem nasce em Sorocaba  
Talvez nem saiba que há  
Um local muito querido  
Que se chama Vila Sabiá

Começou com uma invasão,  
Quem não tinha onde morar

Sabiá, Zacarias e João Romão  
Eles escolheram para ficar

Lentamente foi crescendo  
Por muito tempo ignorada  
Foi bom que entenderam  
Era o começo da jornada

Chegaram as benfeitorias  
Água, luz, esgoto e asfalto  
O povo humilde já surgia  
O bairro falava mais alto

Depois chegou a saúde,  
Também a nossa creche  
A cidade ainda não sabe  
O que por aqui acontece

Estudar na creche do Sabiá  
Que grande prazer nos dá  
Tem uma equipe que ensina  
Parentes, menino e menina

Trabalhar na creche Sabiá  
É sempre grande emoção  
Não sabem o prazer que dá  
Nossa vida tem mais razão

Na creche da Vila Sabiá  
A regra é sempre alegria  
Querendo saber o que há  
Participe sim desta magia

A creche era esquecida

Está agora um encanto  
Queremos a vizinhança  
Fazendo dela seu canto

As pessoas lá da cidade  
Não imaginam nosso zelo  
Pois só nós é que sabemos  
Nossa creche é o modelo

Resumindo toda euforia  
Que prazer a creche dá  
Nós temos o privilégio  
De morar na Vila Sabiá.

**Rony Puglia**

Li esta poesia no mesmo dia para as educadoras e funcionárias da creche e percebi o quanto elas se emocionaram, pois algumas delas moravam no bairro desde sua formação há uns 27 anos e sempre me contavam das lutas. Uma delas para conseguir água, pois tinham que atravessar a rodovia Raposo Tavares com baldes para pegar água da mina na vila Colorau. Quantas crianças, mulheres e homens não haviam morrido nesta travessia, até conseguirem através de lutas e reivindicações o saneamento básico que foi chegando aos poucos.

Diante da emoção demonstrada por elas montei um painel para o dia da reinauguração com fotos de crianças, da creche e do bairro ao longo dos anos e chegado o dia, quis ler a poesia na solenidade. A pessoa responsável pelo cerimonial quando falei que leria uma poesia para a comunidade e que as crianças da professora Edna cantariam a música: Meu mundinho, respondeu ser impossível, havia um protocolo a ser seguido, sendo que o prefeito estava numa outra inauguração e saindo da nossa, iria a outra, sendo tudo organizado em função da agenda do prefeito e do estabelecido pela assessoria. Começaram a chegar amigas diretoras, professoras de outras escolas, bem como supervisoras, vereadores, juntamente com as pessoas do bairro e foram se aglomerando no pátio da creche. Pedi ao vereador que estava presente Carlinhos da Farmácia, um conhecido e amigo, que sempre prestigiava os eventos de nossa creche, inclusive enviando

fotografo nesses momentos, que intercedesse junto à assessoria para que eu pudesse ler uma poesia e para as crianças cantarem. A creche estava ficando pequena para tanta gente, pois havíamos convidado toda a comunidade. O prefeito Renato Amary chega acompanhado de assessores e guarda-costas e vejo o amigo Carlinhos conversando com ele e ele fazendo sinal afirmativo com a cabeça. Em meio aos discursos as crianças tiveram seu momento para cantar e eu para ler a poesia que tão bem retratava a vila e a creche.

Quando as funcionárias da limpeza Neusa e Luzia, a professora Emilia, a agente infantil Vanessa e a auxiliar de educação Silmara demonstram sua indignação com o fato de ter que cortar as árvores para a construção do muro, evidenciaram um pensamento ecológico alicerçado num processo educativo que acontece com todas as pessoas na Creche, independentemente de direta ou indiretamente trabalharem com as crianças. Nesta postura, elas deixam transparecer a coerência e a postura ecológica incorporada, além de terem os argumentos sobre o que as árvores propiciavam as crianças.

A rede de relações de cada pessoa da escola vai trazendo para o espaço educativo, novos parceiros e alianças que contribuem efetivamente na consolidação dessas práticas, como se nota na participação: do engenheiro agrônomo Clebson, do professor Nobel, do empresário Mauricio, do veterinário Rony, e tantas outras pessoas que colaboraram com este fazer.

A horta é considerada espaço de educação tanto da criança quanto da família, e este trabalho repercute no bem estar dos envolvidos e até na quantidade consumida de hortifruti de nossa Creche. A supervisora da empresa Coan Pampas, Ana Paula já me disse que o maior per capita de consumo de hortifruti de creche da Prefeitura é o nosso, tanto que no dia do teste da implantação do lanche self-service, o pessoal da empresa e da Seção de Merenda da Prefeitura, ficou espantado com a quantidade de cenoura ralada e alface picado, que as crianças de 4 e 5 anos comeram com o pão.

## **Cena 7: Dia das Mães na Creche Sabiá.**

Comemorar o Dia das Mães de uma forma diferenciada, sempre foi um desafio, levando-se em consideração a diversidade familiar. Muitas crianças são criadas por avós, tias, irmãs, pai. Contemplar essa diversidade, buscando conhecer as pessoas que desempenham esse papel e desta forma valorizar a família como um todo, sem estereótipos estabelecidos é uma necessidade nos dias de hoje. A comemoração deste dia geralmente é carregada de verdades absolutas como, por exemplo, “mãe – rainha do lar, que faz tudo pelos seus rebentos”. Embora, em sua maioria esse conceito seja verdadeiro, sabemos também que a data é um incentivo ao consumo, para agradá-las temos que comprar um presente. Baseadas em nossa realidade, ao longo desses quatro anos, a creche comemorou esta data, inovando, fazendo com que as crianças e os educadores fossem os autores/artistas na confecção e produção de seus presentes. E mais, o presente podia ser uma música, um livro, um quadro, uma poesia, um vaso de flor, ou seja, o que crianças e educadoras pudessem expressar através da arte. Dessa forma, as homenagens eram fruto de um trabalho contextualizado com atividades diversificadas inseridas nos projetos que estavam acontecendo. Em 2000 as crianças estavam conhecendo e explorando as emoções através da música e o evento aos familiares foi feito pelo cantor João que com a ajuda de sua mãe, criava seu filho Júnior, aluno de nossa creche. Cantou músicas de Milton Nascimento Maria Maria e Roberto Carlos Como é grande o meu amor por você, com as crianças da classe de seu filho. Em 2001 cada turma elaborou seu livro de histórias, a partir da trajetória de vida dessas mulheres. Em 2002 vínhamos trabalhando o projeto O Sabiá e o artista, onde a expressão artística com as obras de Ettore Marangoni e dos nossos pequenos foram o presente aos familiares. (ANEXO A, p. 172)

Em 2003 a declamação de uma poesia da Cecília Meireles, a música Velha Infância, dos Tribalistas e cada turma confeccionando o seu presente priorizando a expressão plástica das crianças e a utilização de elementos naturais. Em 2004 um espetáculo musical com nossa educadora Adriane, que é cantora e trabalha também em um conjunto musical, fez todo mundo dançar numa grande festa.

## Cena 8: O Sabiá e o Artista



Fotografia 11: Reprodução de quadros

A neta do Ettore Marangoni, Rosana Fátima Marangoni Xavier recebeu-me em sua casa, mostrando-se muito interessada em contribuir com a pesquisa que nossa escola estava iniciando para conhecer mais sobre a vida e a obra do artista Ettore Marangoni, que era seu avô. Sua casa estava repleta de quadros de seu avô e dos dela também, e foi me contando a história deles. Falou-me que ele gostava muito de ir a diferentes pontos de Sorocaba e de Votorantim, acompanhado sempre de sua avó, para pintar seus quadros retratando o modo de vida das pessoas simples e humildes. Gostava de observar, conversar e ter contato com essas pessoas, pois dizia que aprendia muito retratando o cotidiano vivido através dos modos e dos costumes dessas pessoas. Uma curiosidade que contou é que na maioria de seus quadros ele gostava de pintar um cachorro. Quando realizamos uma exposição com os quadros do artista no espaço da creche ouvi o comentário da Rosana diante da comunidade que apreciava as obras com interesse: “Meu avô gostava de estar com pessoas como estas, simples e humildes e seu interesse era retratá-las em seus quadros”.

A professora Edna Miyr Alves da Rocha com seus alunos e alunas de 6 anos aprofundaram mais este trabalho, contando a história deste grande pintor, de seus quadros, para tanto, fizeram uma visita à Biblioteca Infantil de Sorocaba onde estava acontecendo a exposição de alguns quadros do Ettore Marangoni. Eles puderam observar, apreciar, conhecer um pouco da vida cotidiana dos sorocabanos, retratados pelo artista. Após a visita, como atividade, as crianças reproduziram os

quadros em sala de aula. E ainda, nos dias 15, 16 e 17 de maio de 2002 a creche abriu espaço para a Exposição de alguns quadros de “Ettore Marangoni”, são eles:

- As Pontes do Rio Sorocaba.
- Os Coletores também amam.
- Cervejaria Garibaldi.
- Lageado: O Córrego do Batismo.
- Pátio do Mosteiro São Bento.
- Capela do Bairro Itavuvu.
- Catequese Indígena em Sorocaba.
- Fundos do Casarão da Chácara Quinzinho de Barros.
- Marco do Bairro do Itavuvu.

Registros da professora Edna Myr Alves da Rocha:

“Conversei bastante com as crianças antes de sairmos. Expliquei que a biblioteca é um lugar público, onde as pessoas vão para retirar livros e fazer leituras, e que o silêncio é muito importante nesse ambiente. Falei também que não podemos colocar as mãos nas obras de arte para evitar acidentes e estragar as telas. Apesar dos atropelos ocorridos na saída, devido a ansiedade das crianças, tudo correu muito bem. Uma senhora que trabalha na biblioteca nos aguardava e nos mostrou todos os espaços, explicando cada um deles. O que mais chamou a atenção das crianças, pois nunca estiveram em uma biblioteca pública, foi a ‘Gibiteca’ com prateleiras coloridas, num tamanho adequado às crianças e repletas de gibis e revistas infantis, um espaço muito bonito e aconchegante onde se sentiram muito a vontade. A seguir fomos apreciar a exposição dos quadros do ‘Ettore Marangoni’, enquanto eu filmava e fotografava, a diretora Kátia ia explicando cada quadro, do que se tratava e a época em que foram pintados. Num momento de descontração ela leu para as crianças a história do Pavão, num espaço reservado aos livros de histórias infantis. Terminamos nosso passeio e voltamos para a escola satisfeitos com tudo o que vimos e conhecemos. Depois desse passeio, ficamos cinco dias sem aulas, pois houve a reforma dos encanamentos de gás. No dia 18 de março, quando retornamos, na hora da roda, fiz questão de parabenizá-los pelo comportamento

durante o passeio e principalmente no interior da biblioteca. Começamos a conversar sobre a importância de uma biblioteca e de uma exposição de artes. Mas as crianças estavam curiosas para assistir a fita do nosso passeio e decidimos fazer os comentários enquanto estivéssemos assistindo. Assim os amigos que não foram poderiam entender sobre o que estávamos falando, como a Bárbara, uma menina inteligente e observadora e que por motivos de saúde não pode ir. Quando coloquei a fita na hora de voltá-la não consegui desligar a imagem e foi uma algazarra só quando se viram andando de costas e rapidinho. Foi um momento de gargalhadas. Passado o momento de descontração começamos a recordar tudo o que vimos e aprendemos. Eles falaram bastante durante o filme, mas quando perguntei sobre qual quadro da exposição mais gostaram, responderam com firmeza que era o 'Casarão do Quinzinho'. Os meninos, o Andrei, Israel e Wolfgan fizeram algum comentário sobre o quadro da praça 'Coronel Fernando Prestes', onde aparece a catedral e alguns cavalos, mas deu para perceber que o interesse era pelos cavalos.

Voltamos para a sala e fomos fazer o desenho individual e o coletivo do nosso passeio, pois registramos tudo o que acontecia através de desenhos, filmagens e fotos. O que mais apareceu nos desenhos foi o quadro do 'Casarão do Quinzinho', talvez por ser familiar a eles, pois já estiveram no local, quando em visita ao zoológico e em todos os desenhos apareceu o ônibus que nos levou até lá. A atividade de desenhar o que é vivenciado é demorada, pois apesar de terem assistido a fita, já havia passado alguns dias e tiveram que puxar da memória.

Conversamos bastante sobre os desenhos, principalmente sobre o cavalete de madeira, que apareceu em quase todos os desenhos. Expliquei que o cavalete não faz parte dos quadros, são apenas apoio, pois os quadros costumam ficar expostos no museu do zoológico. Achei interessante quando a Talita mostrou seu desenho ao Andrei e este perguntou pelos cavaletes, que chamavam de madeirinhas. Com a maior naturalidade ela respondeu que seu quadro estava na parede. Em alguns desenhos apareceram molduras nos quadros, observei na fita, que apenas um quadro da exposição não tinha moldura.

Os desenhos ficaram lindos mas eu não estava satisfeita, tinha algo a completar. Durante a última semana de março íamos até o 'Cantinho do Sabiá' e eu fazia a leitura sobre a vida do Ettore Marangoni, de onde veio, onde estudou, morou, inclusive ficamos sabendo que ele morou um tempo de sua vida na rua Professor Toledo, onde tem na área da frente da residência uma obra esculpida pelo artista,

pois além da pintura também esculpia peças em pedra sabão vindas de Minas Gerais.

Na segunda-feira dia 1º de abril eu levei para a sala a revista UP, um suplemento que vinha no jornal Cruzeiro do Sul, que apresentava uma reportagem sobre o caderno que era distribuído antigamente nas escolas de Sorocaba, que tinha na capa um dos quadros do Ettore Marangoni e que era 'Elevação de Sorocaba a Vila, que viram na exposição da biblioteca. O primeiro a folhear a revista foi o Allyson, parou na página que tinha a foto do quadro, esboçou um sorriso, mas não fez comentários. Já a Bárbara folheou a revista e passou pela reportagem sem notar, pois ela não foi ao passeio. O Bruno, Wolfgang, Andrei e Laura Liz, falaram do quadro, de onde viram e até o nome do artista. O Jean quando viu deu um grito e espalhou para todos: "Olha o quadro que a gente viu".

Quando perguntei o que achavam desse quadro, falaram das cores e alguns ousaram falar dos tons. Mostrei as fotos do passeio e a cada quadro que aparecia eles ficavam encantados e conversavam entre si. Expliquei que todas as telas eram de Sorocaba antiga. Quando falei que íamos reproduzir, copiar as pinturas, foi decepcionante, num coro só eu ouvia: "eu não sei, eu não consigo, é muito difícil". Não desisti, chamei-os para perto da mesa onde estavam as cartolinas brancas e as tintas guaches. Pedi que observassem as fotos e me falassem as cores que estavam vendo no quadro e o que mais viam. O Marlon falou do marrom dos cavalos, da terra, do tronco das árvores. Foi interessante quando o Wolfgang e a Bárbara falaram que o chão era um marrom mais claro, na mesma hora o Andrei pegou o pote de guache marrom e mandou colocar um pouco do branco e foi o que fizemos. Conforme eles iam falando das cores alguns iam pegando, separando, misturando até conseguirem as cores que queriam. Depois das tintas preparadas, perguntei quem queria começar, ninguém tomava iniciativa. Dividi a turma em grupos e pedi que os grupos escolhessem a foto do quadro que mais agradava. Mesmo eu falando que ia ficar ao lado, orientando, demorou um pouco para alguém tomar coragem. Até que o Wolfgang, pegou o pincel, olhou a foto do quadro 'Elevação de Sorocaba a Vila e falou que ia pintar o chão, depois todos queriam fazer algo, assim foi com o grupo das meninas que pintaram o 'Casarão do Quinzinho' e foi uma disputa entre a Bárbara e a Laura para ver quem ia dar início.

Eles se empenharam tanto nas reproduções e fizeram com tanto prazer que as reproduções ficaram lindas. Colamos as cartolinas em alguns quadros de

propaganda. Quando colocamos no corredor, a maioria das funcionárias, professoras, merendeiras vinham na sala parabenizá-los. Então escrevi na lousa e li para eles: 'O impossível é aquilo que ninguém tentou ainda fazer'.

Conseguimos mais material sobre a vida do artista e de suas esculturas em pedra sabão, foi quando o Bruno querendo saber mais sobre esculturas perguntou se eram parecidas com o boneco lítico que moldaram no barro, durante as atividades indígenas. Expliquei que esculpir é pegar algum material duro como a pedra ou madeira e ir lascando até tomar a forma desejada. Já moldar um boneco com barro, é dar forma a um material mole. Procuramos a Suíça no mapa mundi, depois a curiosidade foi parar no Japão, onde seria a Copa do Mundo e a história do Ettore ficou esquecida.

Quando o pessoal da UNISO ( professoras Cristina, Gislaine e Eni) veio nos fazer uma visita e participar de nossas atividades, mostraram os quadros reproduzidos, contaram a história do Ettore e explicaram com detalhes como fizeram as pinturas. Fiquei muito feliz e orgulhosa, pois demonstraram com muita espontaneidade que aprenderam realmente tudo o que havíamos conversado em nossas rodas de conversas, nos passeios, na observação dos quadros.

E o mais importante, ensinaram na prática para os adolescentes da vila João Romão, Sabiá e Zacarias, que vieram com as professoras da Uniso, a técnica que utilizaram para pintar os vasos de material de garrafa pet, que iam presentear suas mães. Nesse momento do nosso projeto, a Aline, nossa amiguinha, uma criança especial, pois tem síndrome de down, já estava fazendo suas artes também. Para fechar o projeto: O Sabiá e o artista, sobre as artes e nosso patrono, a diretora Kátia conseguiu com o museu algumas obras do artista plástico 'Ettore Marangini' para serem expostas, juntamente com as reproduções das crianças e das produções das outras crianças de todas as turmas. Uma oportunidade para os pais conhecerem um pouco da obra e vida do nosso patrono. (ANEXO C, p. 180).

Foi um sucesso, os pais vinham e ficavam tempo olhando, observando e apreciando tanto as obras do artista como as dos seus filhos. O ponto alto da nossa exposição que já estava nos dando muito orgulho e felicidade as crianças, foi a visita do filho e da neta do Ettore Marangoni, que ficaram orgulhosos da exposição e do carinho das crianças".



**Fotografia 12: Reprodução de quadros**

Através do registro da professora podemos perceber que as crianças, de diferentes maneiras, puderam conhecer uma obra de arte. Foram à Biblioteca Infantil, apreciaram os quadros, conheceram sua história como a do artista Ettore Marangoni e foram encorajadas a reproduzir os quadros, através das fotografias tiradas pela professora.

Esta exploração das variações de tons da própria natureza, da pintura dos quadros, dos traços, das formas, dos detalhes, de sua história, vai ampliando cada vez mais as percepções imediatas da criança e expandindo-as, na medida que contemplam, manuseiam as tintas, experimentam, misturam, tentam, discutem entre si e com a professora.

A professora incentivando as crianças a reproduzirem os quadros, trabalhando na zona de desenvolvimento proximal, conseguiu que seus alunos e alunas passassem de contempladores para reprodutores do quadro.

Segundo Dias (1999), promovendo a aproximação com obras de artistas plásticos, estaremos permitindo o prazer da apreciação, o interesse pelo conhecimento e o incentivo à criação.

As crianças de toda a creche foram incentivadas a desenhar, a pintar, expressando seus sentimentos, suas percepções. E a exposição de suas produções aos pais e a comunidade, bem como os quadros do artista estudado proporcionaram

apreciação e contemplação. Podemos trazer para nosso cotidiano, obras de arte e enriquecer a construção e a formação estética de todos.

As crianças ensinando aos adolescentes demonstraram que se apropriaram desses conhecimentos e estão circulando-os novamente e dividindo com outras pessoas que entram em contato com a Creche.

A arte tem espaço na prática cotidiana de nossa creche e incentivamos profissionais, crianças, familiares a se expressarem com linhas, cores, gestos, sons, movimentos, pois acreditamos que com isto ampliamos a capacidade de leitura de mundo, seja das crianças e dos adultos [nós os profissionais da creche e os familiares], e desta forma abrimos caminho para o encantamento, a imaginação.

Com a arte também fazemos uma leitura interior de nós mesmos, das pessoas e do mundo. Quando trabalhamos com nossas histórias, com nosso expressar humano, com nosso interior, estamos valorizando um mundo interior que se choca com um mundo de aparências, consumista, sem significado. Nesse resgate valoriza-se o SER e não o TER que o mundo capitalista em todos os lugares, paisagens e imagens tentam nos impor.

Queremos o diálogo, a sensibilidade, a essência, os sentimentos, a arte mexendo e remexendo no processo de construção e formação de nossas vidas, queremos o estranhamento de sentir, de pensar e de sonhar. E tudo isto é ecológico!!!!!!

### **Cena 09: Maria Mulher**

Maria José Camilo de Oliveira, não nasceu em Tijucoapapo, mas carrega consigo a luta de quem vive na pobreza, não de idéias, sentimentos, coragem e vontade. Mulher valente, destemida, que enfrenta todo mundo, pois a vida lhe ensinou que tem de lutar contra todos pra conseguir sobreviver com alegria e dignidade.

Ah, essa Maria, sempre surge na minha frente, seja nas ruas e vielas da Vila Sabiá, seja dentro da creche andando de um lado a outro, e como um imã logo me sinto atraída por esta mulher tão simples, louca e sábia.

Esses dias, não foi diferente, eram mais ou menos dez horas da manhã e eu estava em minha mesa na creche, atolada com documentos burocráticos, quando levantei os olhos e enxerguei a Maria vindo na direção da minha sala, vinha andando, bailando, falando, gingando, resmungando. Recebi-a com um sorriso e falei: Maria aceitou meu convite e veio almoçar comigo, né?!!! Vamos conversar.

A minha vontade de conversar com ela nunca é saciada, ela se atrapalha e se perde contando suas histórias, algumas vezes se esquece, não termina e começa outra, mas me sinto atraída pela vida tecida num emaranhado de histórias construídas por esta mulher.

Em 1954, na cidade de Ribeirão do Pinhal nasceu à menina Maria. Morava na roça numa casa de madeira com muito barro vermelho, ela é pé vermelho com muito orgulho. Sua mãe e seu pai estão doentes e internados no Hospital, causa de sua aflição constante nesses últimos tempos.

Começamos a conversar e fui instigando-a a puxar os fios da memória, para que me contasse sobre sua infância em Ribeirão do Pinhal:

-É Maria você tem cara de não ter sido flor que se cheirasse, ein?!!!!

O sorriso misturado com lágrimas e vem à boca as palavras que contam a história das crianças de Ribeirão, que brincavam muito nas águas como ela diz, pescavam com vara, pedaço de galhos ou faziam o que mais gostavam: enfiavam as mãos nas locas de pedras e tiravam os bagres e diz:

-Era um sorriso só, hoje a gente vai jantar bem, falavam um para o outro.

Esta infância era trabalhar na plantação de milho, arroz, algodão e brincar com a natureza, seja nos riachos, lagos, nas pedras, matas, barrancos de barro vermelho, vermelho. E isto me faz lembrar Risia<sup>5</sup>, deslizando por ladeiras de barro e montes de areia e me faz lembrar minha mãe contando sobre seus mergulhos em montes de palha de arroz e as pisas ou coças que ambas levavam de seus pais.

Era inventar brincadeira com as árvores, no lago, nos montes de areia, nos pés de fruta, nas ruas de barro, na plantação, na molhação, na colheita, na arrumação.

Ela lembra com brilho nos olhos de seu primeiro passeio, foi pra cidade Vila Velha, que era todinha de pedra, nunca se esqueceu e após muitos anos voltou lá com sua família pra relembrar.

---

<sup>5</sup> Risia era a personagem do livro: As Mulheres de Tijucopapo de Marilene Felinto.

Quando Armando Panunzio era prefeito de Sorocaba, Maria chegou aqui. Logo foi trabalhar na padaria Real e depois na casa do dono do Motel Las Vegas. Quando saiu deste emprego ficou muito nervosa e confusa. Foi mais ou menos quando conheceu o Paulo, ambos estavam internados no Teixeira Lima, hospital psiquiátrico. Foi amor à primeira vista como ela diz. Quem disse que não se ama no hospício? O amor é louco, doido, crazy!!!!!!!!!!!!!! Ela saiu de lá antes que o Paulo e logo que ele saiu de lá veio procurá-la e começaram a namorar.

Ela descobriu como ela diz, que ele tem dinheiro e eu falei pra ela que bom que você gostou dele pobre. Quem disse que pobre não ama e ainda é muito feliz??????? Um tem pelo outro verdadeira adoração e o Paulo é muito religioso e um pai amoroso.

Ele não bebe cachaça e reza bastante, Maria lembra que seu pai nos finais de semana em Ribeirão bebia e judiava das duas filhas e dos quatro filhos. Mas como ela gosta de salientar, ele nunca deixou faltar o pão e o que comer.

Outro dia chegou brava na creche, toda enfezada dizendo que alguns moradores mal educados estão jogando lixo e entulho no muro dos fundos da creche e que eu tinha que tomar providências, pois esses moradores não têm filho na creche e não aprenderam com as crianças que lixo vai “chamar” os ratos e que é perigoso para as crianças e para todo mundo, além da viela ficar suja, não dá para a ambulância chegar até a sua casa. Como é que ela vai fazer se o Paulo precisar, ele está muito doente, tem tonturas e se precisar ir até o Hospital Regional.

Fomos até lá e vi restos de um sofá queimado, entulhos, restos de comida e lixo. Uma moradora veio em minha direção pedindo ajuda também, pois tinha visto já vários ratos e estava receosa. Falei que tomaria providências. Liguei para a Seção de Zoonoses, expliquei o que estava acontecendo e como já conheciam e já haviam desenvolvido várias atividades conosco, orientaram a solicitar a limpeza pela prefeitura e enviariam alguns funcionários para visitar o local e conversar com os moradores. Sugeri que como já trabalhamos o tema com as crianças e seus familiares, iria pedir as professoras da creche que juntamente com as crianças confeccionassem folhetos informativos e distribuíssem aos moradores, convidando-os a assistir a peça teatral: Lixo atrai bicho que a Seção da Zoonoses promove nas escolas. Esse trabalho sabemos é longo, mas se acontecem fatos negativos temos os bons exemplos também. Temos o pai do Julio, Tales e Thiago que moram bem no fundo da creche, atrás do viveiro de plantas, e nos tem ajudado muito na

manutenção dos canteiros e viveiro. Temos o seu Jamil que cuida do nosso lixo nos finais de semana, colocando nossa lixeira no dia da coleta. Temos o seu Antônio, avô do Caique que cuida da horta, plantando de tudo e dividindo seus conhecimentos com as crianças e professoras. Temos o Leandro, filho de seu Antônio e pai do Caique, que nos finais de semana em que não trabalha vem molhar o gramado. Estamos caminhando e aprendendo.

A vida dos anônimos, suas artes de fazer, suas táticas para sobreviver, fazem parte do cotidiano de vida da Creche. Essas pessoas humildes, simples compõem o cenário da vila e da Creche e também colaboram no processo de construção de conhecimentos.

Essas pessoas com suas histórias, suas experiências e conhecimento contribuem neste fazer da creche, uma vez que tem espaço e são ouvidas, sentem-se responsáveis pelas crianças, pelo espaço.

A comunidade, com suas pessoas, têm muito a participar e oferecer para a educação que acontece na escola.

### **Cena 10: Vamos cirandar no Natal?**



**Fotografia 13: Cirandando na rua**

Nossas crianças participaram da atividade Curtindo a Bica com o Sítio do Pica Pau Amarelo, no Parque da Biquinha. Acompanhando as crianças e professoras

durante o passeio assisti as atividades e conheci a artista Elaine Buzato. As crianças encantaram-se com sua flauta doce, suas cantigas, seus gestos e brincadeiras. Na saída, conversando com a Lélia, diretora do parque, contei do encantamento das crianças, das professoras e perguntei-lhe sobre a possibilidade e os custos de levar a trupe para uma atividade na creche. Ela apresentou-me a Elaine, conversamos, e eu ressaltai que o espetáculo seria aberto à comunidade. Gostando da idéia de iniciar na rua e adentrar no espaço da creche, solicitei equipamento de som apropriado e passou os custos. Como não tinha dinheiro para viabilizar, elaborei o projeto ao Fundo de Assistência a Cultura e Educação do município, que aprovou e custeou o evento. Então no dia 15/12/01, orgulhosamente apresentamos nas ruas e no espaço da creche histórias e cantigas tecidas pelo tempo. Foram momentos em que adultos viajaram através dos tempos e recordaram as cantigas, as histórias adormecidas em suas memórias, relembrou as festas populares tradicionais, as cantigas de roda, as brincadeiras, as lendas de nosso rico folclore brasileiro e fizeram deste dia um marco referencial para o natal dos anos seguintes e para o nosso trabalho pedagógico com as crianças e com a comunidade. (ANEXO A, p.174, 175)

### **Novamente uma Carta ao coração de nossa amiga Mônica:**

“...quem sabe faz a hora, não espera acontecer.” (Geraldo Vandré)

Kátia me permita dizer a você, que essa frase dessa musica expressa muito a sua forma de viver: ousada, corajosa, determinada! E isso faz de você um ser humano que transborda alegria, mostrando que sempre existe algo mais a fazer! A cada dia aprendo a admirá-la ainda mais. Parabéns por mais um ano de belíssimo trabalho na creche da Vila Sabiá. Você faz a diferença”

“... tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” ( Saint – Exupéry). Essa frase do livro “O pequeno príncipe” , tem um significado muito grande na nossa amizade, pois você com certeza foi um referencial muito positivo nas ultimas decisões que tomei na minha vida. Você sempre teve sensibilidade para perceber os momentos que eu precisava de uma palavra amiga .Nossa amizade foi cativada a cada dia e você soube cultivá-la, oferecendo-me apoio e força quando necessário. Amizade sem interesse, sem compromisso... Amizade por querer bem, por gostar,

por admirar!!!Só tenho que lhe agradecer e desejar-lhe que o amor, a harmonia e a saúde continuem presentes na sua vida e de seus familiares. Um beijo, no coração.  
Mônica – dez. 2001.

“Os amigos fiéis são como o sol, que não precisa aparecer todos os dias, para saber que ele existe”. (Noé Bonfim).

A mediação pedagógica utilizada na Creche Sabiá para explorar os temas como Natal, Dia das Mães, Folclore, demonstraram uma preocupação em resgatar o significado das mesmas e propor através de diferentes linguagens e formas uma nova maneira de vivenciá-las. Anexo C, p.173.

O teatro, a exposição de arte, a dança, o espetáculo musical, a contação de histórias, vão trilhando um novo caminho na medida que promovem e valorizam o contato com a arte em todas as suas manifestações.

A veiculação da produção cultural e artística do ser humano na Creche Sabiá, vai alicerçando sua intencionalidade educativa ecológica, que valoriza esse tipo de produção e não o incentivo ao consumismo desenfreado que a mídia massivamente tenta inculcar na cabeça das crianças.

O presente que a criança ou a mãe recebe, pode ser a apresentação de um espetáculo teatral, musical, uma exposição de arte. Desta forma a criança pode experimentar outras formas que não seja comprar ou ganhar um presente. Tentar com essa proposta desfocar o consumismo destas datas que nos últimos tempos parecem ter esse único significado.

E na medida, por exemplo, que a criança confecciona um presente para sua mãe, coloca todo o seu sentimento, sua expressividade num objeto que está sendo construído por ela própria e que terá um significado muito particular, sendo essa produção única e exclusiva da criança, não estando a venda em nenhum lugar.

Essa sustentabilidade, vivenciada na horta, na produção de um quadro, nas diferentes manifestações artísticas que a criança experimenta vai fazendo com que crianças e adultos exercitando essa sustentabilidade e não o consumismo comercial, no futuro tenham-na como uma ferramenta cognitiva para suas intervenções no mundo.

## Cena 11: Corre cutia que o saci vem aí: xô Haloowen



Fotografia 14 – Boi bumbá pelas ruas

Neste dia de outubro de 2001, retornei de minha licença, após um mês afastada. Estava ansiosa para retornar e morrendo de saudades de todos: crianças, funcionárias, mães. Haveria uma surpresa para mim e eu deveria ficar fora da creche das 11:00 às 13: hs. Obedeci, quando retornei no horário combinado, a creche estava toda enfeitada de bruxas, fantasmas e todo mundo estava no pátio, os bebês nos cadeirões, carrinhos, crianças, professoras, educadoras, todas de preto e roxo, com capas, chapéu, perucas. Era o Halloween que iria acontecer. Tudo o que eu pensava sobre comemorar este evento cultural americano, eu não poderia falar naquele momento, mas levei um susto, sorri e me entreguei às brincadeiras que aconteceram. Todos foram prá rua, que já estava fechada, os bebês e as crianças menores ficaram na sombra das árvores, pois fazia muito calor e o sol das 13:30 era muito forte. Eu estava emocionada em ver as crianças espalhadas andando na calçada e na rua. Cada turma foi em uma direção, batendo nas casas e pedindo doces. Comecei a ver os moradores saindo das casas com sacos de balas, pirulitos, tinha um casal bem velhinho que estava com uma sacola e dentro dela muitos saquinhos com balas, pirulitos, chicletes e iam distribuindo às crianças que gritavam, sorriam, pulavam. Perguntei a uma das funcionárias, que me respondeu que há uma semana a Vanessa e a Edilene, haviam batido de porta em porta pelas casas da rua

da creche e explicado que iriam comemorar o Halloween e que conforme a tradição os moradores poderiam dar guloseimas às crianças e quem quisesse participar poderia colaborar dando doces e brincando com as crianças. A avó da Larissa gritou prá mim:

-Tem pirulito prá você, viu diretora, vem cá pegar.

E lá fui eu até a casa e o bar, emocionada em ver a excitação das crianças pelas ruas, tentava acompanhar, mas as crianças eufóricas iam em todas as direções.

As crianças retornaram para o espaço da creche e eu junto com elas, percebendo que haveria mais surpresas. A Edilene organizou a primeira turma a entrar numa das salas que estava com a porta fechada, e eu como uma criança, participei deste primeiro grupo a entrar na sala. Entramos e ela fechou a porta, estava escuro, pois haviam colocado os cobertores das crianças tampando as janelas, mas víamos três colchões com algo em cima encoberto, a Edilene começou a criar o maior clima e as crianças com os olhos arregalados, gostando do suspense e do medo, ela indaga as crianças: Será que tem alguma coisa aí?

Os cobertores começam a se mexer e surgem três monstros correndo e assustando as crianças. Eram as funcionárias da limpeza, que vestidas de múmias, tentavam aterrorizar as crianças que adoraram a brincadeira. Fomos para a sala seguinte e lá encontramos três bruxas com seus panelões mexendo uma sopa que diziam estar preparando para comermos. Era uma caldo preto com rato, aranha, etc (tudo de plástico). Na saída ouvi uma criança falando: “essa sopa eu não como, mas a comida que elas fazem, hummmm...”

As bruxas eram nossas merendeiras, e pela primeira vez as crianças recusaram a comida delas. Continuando nosso percurso, entramos na última sala, onde tínhamos que enfiar a mão dentro de várias caixas e adivinhar o que havia dentro. A Edilene tentava colocar medo, fazer suspense, perguntando quem teria coragem de enfiar a mão na caixa e as crianças como sempre curiosas e participativas foram descobrindo que havia em cada caixa: bombril, macarrão espaguete cozido, babosa e outros bichos de plástico.

Este dia refletiu muito o quanto todos os funcionários (merendeiras, serventes, professoras, estagiárias) estão unidos e envolvidos no trabalho com as crianças.

Não comentei minha opinião ao comemorar um evento da cultura americana,

pois fiquei extremamente encantada quando vi as crianças se divertindo, os moradores envolvidos na brincadeira, bem como o envolvimento das funcionárias que não trabalhavam diretamente com as crianças.

Comentei com o professor Marcos Reigota sobre o evento e como sempre muito otimista, respondeu-me: “A gente desconstroi isso”.

E com certeza as tramas e redes que vamos tecendo nos levam a novos conhecimentos, a descobertas de novas pessoas, de novos caminhos fazendo-nos enveredar pela arte e pela cultura popular brasileira e daí fomos descobrindo que nossas crianças e nossos educadores e funcionários somos todos artistas e adoramos nos aventurar através destas viagens artísticas, lúdicas e culturais.

E a viagem pelo folclore brasileiro em 2004, foi uma festa com bumba meu boi, iara, boto rosa, saci e outros onde realizamos um trabalho de verdadeiro resgate de nossa cultura. E toda equipe se empenhou bastante e reproduziu em sua sala o cenário referente ao seu personagem. Costumo chamar nossas educadoras de artistas glocais. Esses dias apresentaram na Hora Social o casamento do Girassol com o Espantalho:



**Fotografia 15 – O casamento do Girassol com o Espantalho**

Nesta brincadeira alguns aspectos merecem ser discutidos. A participação das funcionárias da limpeza e da cozinha demonstra que estas pessoas, que não trabalham diretamente com a criança, podem fazer parte do processo educativo. Os adultos unem-se através da brincadeira que querem proporcionar as crianças.

Essa união e envolvimento de todos da escola evidencia o caráter de abertura e de diálogo com todas as pessoas de dentro e de fora da escola.

Outro aspecto é sair do espaço creche e ganhar o espaço da rua, da vila. Ver as crianças andando espalhadas pelas ruas do bairro, brincando, conversando com os moradores, demonstra que a Creche Sabiá não está enclausurada em seus muros e gosta de estar com as pessoas da comunidade.

Em relação à comemoração do Halloween, não estou dizendo radicalmente que não se deva comemorá-lo, mas temos que analisar a sua pertinência em relação ao que pretendemos ensinar.

Temos uma riqueza de histórias, brincadeiras, músicas, usos e costumes de nosso folclore, que podem ser exploradas e resgatadas com nossas crianças e seus familiares.

Parte da escola, saber o que quer veicular e valorizar. Devemos ter consciência do que estamos oferecendo as nossas crianças.

## **Cena 12: O Grande rabanete na Hora Social!**

Ao longo desses anos se consolidou na creche a chamada Hora Social, ela é um momento onde todas as turmas se reúnem no pátio, de início colocavam algumas músicas, geralmente da Xuxa, Eliana e dançavam com as crianças. Em outros momentos havia gincanas, shows com mágicos, grupos de danças. Esse encontro semanal coletivo propiciava a interação das crianças menores com as maiores e o contato maior entre irmãos e com os demais adultos da creche. Porém as crianças se dispersavam rapidamente, apesar do divertimento inicial.

As educadoras começaram a realizar peças teatrais e musicais com um tema referente ao que estava sendo trabalhado na creche e percebemos que as crianças passaram a se interessar mais. Com esses momentos percebíamos a atenção e a viagem que a criança fazia ficando com seus olhos vidrados nos movimentos, nas histórias e músicas.

Certo dia a Laura, uma aluna muito ativa, extrovertida e falante, não se conteve e começou a imitar o que a personagem principal acabava de fazer, foi a partir daí que as crianças começaram a participar ativamente, ora representando a

peça já encenada pelos adultos, ou como um dos personagens. A expectativa pela Hora Social que acontece toda sexta-feira às 9:30 e às 14:00 é tanto das crianças como dos adultos, pois é um momento de uma grande roda cultural, onde crianças e adultos nos surpreendem com suas falas, gestos, movimentos, histórias e canções. A cada semana uma turma apresenta o seu espetáculo e a equipe passou a se entusiasmar cada vez mais, confeccionando fantasias, roupas, cenários, criando novas histórias para adaptar ao tema que estavam explorando com as crianças, além de reinventarem histórias já conhecidas. As educadoras ficaram mais unidas e as serventes e merendeiras passaram a participar também.

Quando nossa nova horta ficou pronta, conversei com o Nobel e decidimos que ele e o professor Nivaldo, a exemplo do que já haviam feito com pessoas da comunidade sobre os canteiros de ervas medicinais, iriam ensinar às crianças e às educadoras sobre o preparo dos canteiros e o plantio das sementes. De início os professores ficaram receosos, colocando dificuldade de como passar para nossas crianças, algumas tão pequenas, conceitos, cuidados, composição do solo, sementes, etc. A prática deles era voltada para adultos da universidade, mas como fazê-los para crianças tão pequenas e todas ao mesmo tempo?

Faríamos uma grande roda na hora social e apresentaríamos as verduras e legumes, que antecipadamente eu compraria na feira e só depois as crianças participariam da atividade na horta. Cada turma escolheu o que iria plantar, sendo que o Berçário 1 ficou com a couve, o Berçário 2 e a 1ª fase ficaram com o rabanete, o Maternal 1 ficou com o tomate cereja, o Maternal 2 e a 3ª fase com o alface, a 2ª fase com a cenoura. Neste dia os professores Nobel e Nivaldo viram como as educadoras apresentaram ludicamente e teatralmente o seu legume ou verdura.

A história do rabanete (Adaptação do livro: O Grande Rabanete, de Tatiana Belinsky) foi contada pela Silmara e encenada pelas crianças de sua turma e ficou assim:



**Fotografia 16 – Crianças encenando o Grande Rabanete**

“Era uma vez o vovô Horácio, ele morava na vila Sabiá e gostava muito de plantar. Nesta vila havia uma creche com uma horta com muitos canteiros vazios e decidiu ir até lá e cuidar desses canteiros para que as crianças da creche tivessem verduras fresquinhas, naturais e gostosas. Sua netinha estudava lá também e ficava muito contente em ver seu avô mexendo com a terra. Ele plantou sementes de rabanete e cuidava todo dia com a ajuda das crianças e de sua netinha. Passado um tempo seus rabanetes cresceram e ele foi colhê-los. Mas ele não conseguia arrancá-los. Foi pedir ajuda a sua esposa e lá se foram os dois e nada, chamaram a neta, depois o cachorro, a gata e enfim conseguiram arrancar os rabanetes grandões que foram saboreados por todas as crianças”.

E cada turma, utilizando-se de uma história, apresentou na roda o que iria plantar. A Ligia e a Daniela vestidas de verdes, dançaram e apresentaram a couve, a Vanessa e o Ronaldo levaram uma caixa bem grande de papelão ao centro da roda e começaram a brincar de adivinhar o que tinha lá dentro. Foram dando dicas, as crianças falando, perguntando e o clima de suspense era geral, até que a Salina saiu de dentro da caixa, toda vestida de vermelho com uma peruca da mesma cor e os três cantaram a música do tomatinho que virou catchup com a ajuda das crianças fazendo gestos e no final saborearam o tomate cereja. A Helara e a Carol contaram a história da menina que não comia alface de jeito nenhum, até o dia em que sua mãe levou-a para conhecer a Horta do Sabiá e ver como as crianças da creche cultivavam suas verduras e as comiam bem gostoso.



**Fotografia 17 – Educadoras encenando**

Após uma semana, os familiares das crianças estavam pela manhã na creche para revolver a terra dos canteiros e plantar as sementes sob a orientação e explicação dos professores Nobel e Nivaldo, com a participação das crianças. E as crianças iam registrando a cada semana o que observavam em seu canteiro. Confeccionaram um livro sobre o seu legume e verdura, onde colocaram curiosidades, informações e fizeram as ilustrações.

Quando chegou o momento de colher, foi muito bom ver a empolgação das crianças e dos adultos.

A Micaely de 2 anos vibrava, o Gabriel falava: 'baneti' e as crianças iam arrancando e dando risada com a terra que se espalhava por todas as direções. No almoço vê-las mastigando, escutando os estalos, mostrando as merendeiras o seu 'baneti', pedindo mais, foi muito mais estimulador para nós adultos que nos lembramos de nossa professora Emilia que certo dia nos falou que: 'Alimentar-se nos dias de hoje corretamente está se tornando um desafio, uns porque não têm o que comer, outros porque tendo, escolhem as piores opções'.



**Fotografia 18 – Colhendo rabanetes**

As crianças levaram para suas casas o rabanete na sacola plástica, e a mãe do Gabriel no dia seguinte, toda orgulhosa, veio nos contar que ele não largava a sacolinha e quando chegou em casa foi arrastando uma cadeira até a pia para lavar o seu 'baneti'. Quando seus irmãos chegaram da escola e o pai do trabalho ele corria falar que iam comer o seu 'baneti'. E no jantar todos comeram o rabanete da creche plantado pelo irmãozinho de 2 anos.

Outra história da horta brotou das idéias dos professores Nivaldo e Nobel que sentindo nosso desejo de arborizar cada vez mais nosso pedaço, sugeriram plantar árvores frutíferas nativas. Adoramos a idéia, combinamos que seria num sábado e dividimos as tarefas. No dia começam a chegar os familiares com suas crianças. (ANEXO A, p. 173)

A professora Edilaine e a educadora Silmara eram das mais animadas. A Silmara trouxe seu sogro que adora cultivar plantas e assim que ele completar a idade para andar de ônibus sem pagar virá para a creche nos ajudar na horta. Ela sempre vem caminhando ao trabalho e gosta de ir observando, contemplando as árvores, flores e coletando folhas, sementes, flores que vai encontrando pelo caminho caídas ao chão. Esses dias eu ganhei dela, uma poesia escrita numa folha de chapéu de praia, outro dia ganhei um cartão com uma foto do girassol em flor de nossa horta com umas palavras muito bonitas.

A forma que os educadores criam ou recriam histórias, a partir de temas que estão explorando, apresentando através de encenações, músicas alguns conteúdos

que pretendem ensinar, tem se mostrado um caminho facilitador do processo de aprendizagem da criança.

A brincadeira, a imaginação, o faz-de-conta, a capacidade de criar e recriar, fazem parte do universo infantil e nós profissionais da Educação Infantil devemos estimular, através de diversas experiências a ampliação da criatividade e da imaginação da criança.

Esta Hora Social, assim como as rodas de almoço, consolidaram-se como atividades permanentes no dia a dia da creche.

### **Cena 13: Borboletas e outros bichos: descobertas de vida!!!!!!!!!!!!!!**

As rodas de conversa na creche rolam todos os dias e as crianças falam, perguntam, contam as novidades, demonstram os assuntos que têm interesse e num dia desses a aluna Yasmim trouxe para a roda uma borboleta morta que encontrou na rua. A borboleta se tornou o interesse das crianças e a professora Edna e a educadora Silmara conhecendo o fascínio desta turma por bichos, resolveram montar um projeto de estudo: uma exploração investigativa deste inseto, relacioná-lo com a vida das crianças e dar continuidade ao trabalho realizado no ano anterior pela educadora Geralda, que iniciou-os como pesquisadores mirins da natureza, ligando o tema ao conhecimento científico e ao cotidiano de forma lúdica e artística.

A seguir registros da professora Edna Myir Alves da Rocha:

“Partindo da curiosidade das crianças surgida no momento em que a Yasmim trouxe para a sala de aula a borboleta morta, resolvemos sair a campo e pesquisar as borboletas do nosso espaço da escola, dando início ao nosso projeto. Primeiro quis saber o que as crianças sabiam sobre as borboletas e como eu poderia montar esse projeto partindo do que elas já sabiam. Diante deste levantamento prévio, fui em busca de bibliografia sobre o tema para enriquecer nossas aulas, além de subsidiar novas atividades a serem desenvolvidas com o grupo de crianças. Instituí “A hora da curiosidade”, momentos onde subsidiada pelas pesquisas em livros específicos, converso com as crianças, levo livros, explico sobre o tema, conto histórias, mostro figuras, etc. e assim descobrimos, entre várias coisas, que a

borboleta põe o ovo numa folha, vai embora e o ovo fica lá até nascerem as lagartas. Para vivenciarmos isso, voltamos com as nossas pesquisas e fomos até a horta da escola e lá descobrimos folhas de couve com ovos e algumas com as lagartas. Resolvemos levá-los para a sala de aula, onde pudéssemos observá-los. Isso foi muito interessante para as crianças, começamos então a pesquisar do que as lagartas se alimentavam e as várias espécies de lagartas. Utilizamos vários livros, entre eles: “De mãos dadas com a natureza” (insetos); “As incríveis borboletas e mariposas”; “O fascinante mundo das borboletas”. Montamos o Cantinho das Experiências dentro da sala de aula para abrigar esses pequenos seres vivos e poder acompanhar todo o processo de transformação! Chegavam pela manhã, iam direto ao cantinho das experiências para observar nos potes e ver o que estava acontecendo. Durante nossas rodas de conversa, trazíamos os potes para uma melhor observação. Com o auxílio da lupa, procurávamos ver as características das lagartas, as cores, etc. As crianças mediam as lagartas, alimentavam-nas com folhas de couve que traziam de casa ou pegavam da horta. Nessas rodas aconteciam vários questionamentos, como por exemplo o dia em que a lagarta começou a se pendurar para virar pupa (casulo). Após as observações, as crianças sentavam em grupos pequenos e registravam através do desenho. Eu solicitava às crianças que descrevessem oralmente o que observavam e assim manifestando suas opiniões, levantavam perguntas, desenhavam o que viam e buscavam respostas às suas dúvidas através deste diálogo e de tudo o que foi acontecendo. Durante o tempo de espera, para que as lagartas se transformassem em pupas e a seguir em borboletas, trabalhei com as crianças a música “A metamorfose das borboletas” do CD “Gigantes da Floresta” da Turma do Cocórico, é muito linda e as crianças aprenderam com a maior facilidade, cantavam e faziam os gestos. Ela conta a história toda da metamorfose ajudando as crianças a compreendê-la melhor.

Contei várias histórias de livros infantis tais como: “A Risoleta Borboleta”, “Bobline, A Borboleta”, “A Borboleta que estava presa no livro”. As crianças começaram a ensaiar a dramatização da música ‘A metamorfose das borboletas’ e cada uma foi escolhendo o que queria ser. O projeto começou a se espalhar pela escola e todos que tinham livros, textos, músicas, desenhos, sobre borboleta traziam para nós. As mães chegavam de manhã e perguntavam sobre as borboletas, pois estavam interessadíssimas sobre o assunto. Quando as borboletas nasceram, foi uma festa! Fotografamos, pensávamos que seria o ponto final. Mas as crianças

foram novamente até a horta e trouxeram novas folhas com ovinhos e como diz a música: começou tudo de novo...A curiosidade aumentou mais ainda quando a educadora Jane, da turma do Berçário 2, foi para o Paraná fazer uma visita aos seus familiares e nos trouxe alguns casulos do bicho-da-seda, meu marido confeccionou uma caixa de madeira para acomodarmos os casulos. No livro "O fascinante mundo das borboletas" descobrimos mais sobre este inseto. Eles nascem, em número de seis; fazíamos as mesmas observações e registros como na experiência da borboleta, mas infelizmente morreram. Estamos aguardando a Jane voltar ao Paraná para nos trazer mais casulos e informações necessárias para uma reprodução adequada. Aproveitamos a morte dos insetos e trabalhamos o sentimento de perda com as crianças. Como o projeto passou a ser de interesse geral, um dia a servente da limpeza Neusa nos trouxe uma lagarta verde, a qual cuidamos, alimentamos até que virasse casulo e se transformasse em uma borboleta noturna, ou seja, mariposa.

A partir daí, tudo que se parece com lagarta as crianças nos trazem, como por exemplo, uma taturana, que até hoje ainda não virou pupa, mas vive trocando de pele. Confeccionamos um quadro em pratinhos de isopor reutilizados para presentear as mães, as crianças fizeram uma pintura e uma colagem com o tema borboleta. Colamos como moldura uma trança de barbante, sugestão da Silmara, que sempre tem idéias legais. As mães gostaram muito de ganhar esse presente e as crianças vem contar onde elas penduraram o quadro em suas casas". Professora Edna.

As crianças em geral, tem um fascínio especial por bichos, desde bebês, junto com as palavras papai e mamãe já falam au au, miau, muuu, para cachorro, gato, vaca. E esse interesse e curiosidade em relação aos bichos é estimulado através de músicas, histórias e do próprio contato com o animal. A cada dia tem um bicho diferente na creche. É pintinho, cachorro, gato, porco, galinha, sapo, passarinho, caracol, e muitos outros. Esses dias a Frederica, mãe da Amanda trouxe seu bichinho de estimação: a cobra Giaconga, uma jibóia que ela criou desde filhote. Ela é bióloga, dá aula na rede estadual e já trabalhou como educadora ambiental. Tudo isso porque a professora Meire fez uma pesquisa sobre os problemas do bairro em relação ao lixo e as famílias responderam que atraia bichos como baratas, ratos, escorpiões, cobras. E um fio vai puxando o outro e parece não ter mais fim, pois com o lixo iniciaram a conversa da reciclagem e se colocaram a estudar e a implantar a reciclagem na creche, explicando a todas as turmas como deveríamos

fazer. Houve uma reunião com os pais e todos os dias têm sempre alguém da família da criança que traz para a creche garrafa pet, latinha de alumínio e outros materiais recicláveis e a creche vai conseguindo dinheiro com a venda desse material. Já tivemos cama elástica, balão pula pula e tobogã o dia todo para as crianças, com o dinheiro arrecadado na reciclagem. Esses dias a mãe da Giovanna do Maternal 1 trouxe uma reportagem do jornal falando sobre reciclagem, a educadora Silmara colocou no painel mostrando as outras turmas e familiares a colaboração e o interesse da mãe no assunto. E com esse aprendizado da reciclagem, a professora Meire confeccionou todos os brinquedos de infância na pesquisa de nosso folclore com material reciclado.

Os animais são altamente atrativos para as crianças e as interações com estes bichos podem desencadear muitas aprendizagens. Perceber o fascínio que as crianças demonstraram ao acompanhar o processo de metamorfose da lagarta, é sentir o quanto estas crianças se apaixonaram e aprenderam com as borboletas.

Neste trabalho específico com a borboleta, como com outros animais que já habitaram ou habitam a Creche Sabiá, fica evidenciado que a experiência direta de cuidar de um animal, acompanhar seu crescimento, sua transformação, são fontes de um conhecer interativo, lúdico e artístico.

Para enriquecer suas atividades, a professora não se restringiu a identificação e conhecimento da borboleta através de livros e atividades mimeografadas pois os educadores promovem a interação do tema com conhecimento científico, a ludicidade, o expressar artístico e o contato direto com alguns animais.

## **Cena 14: Siriri é daqui!**

**S**erá que este menino que,  
**I**rrompe pelas ruas sorrindo e brincando  
**R**esistirá à marginalidade que  
**I**nfelizmente entra na vida dessas crianças?  
**R**iscos ele corre todos os dias, mas qual suas táticas, seus percursos para se,  
**I**ncluir na vila, na escola, na creche que teimam em excluí-lo?

Você conhece o SIRIRI?

Ele é daqui!

Menino das ruas do Sabiá.

Seu nome é Fabiano, um menino de 7 anos de idade, que vive sorrindo e brincando pelas ruas da vila Sabiá. Sua mãe tem mais 8 filhos e vive da ajuda dos próprios moradores e de recolher papelão, latinhas de alumínio, etc pelas ruas da cidade.

Será ele mais uma criança a viver perambulando pelas ruas no abandono a que é submetida um contingente de crianças em todas os lugares do mundo, principalmente nas periferias das cidades?

Essas crianças são filhos/filhas de famílias pobres, em diferentes composições, que não se baseiam mais no modelo nuclear (mãe, pai e filhos/as). Passam a maior parte do dia e um pouco da noite nas ruas e o que fazem essas crianças?

A LDB n° 9394 de 1996 preconiza o acesso e a permanência das crianças na escola, bem como a obrigatoriedade do Estado em oferecer este acesso. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente no qual defende os direitos do menor, diz que é direito da criança freqüentar a escola. Como ficam as crianças desses bairros diante de uma política que não possibilita a efetivação de seus direitos de cidadã no cotidiano de vida de cada uma destas milhares de crianças que vemos pelas ruas em todos os lugares do mundo?

O que faz durante o dia e à noite diante da exclusão educacional, social a que são submetidas? Como vivem, como brincam, quais são suas táticas, seus percursos?

Quando na apresentação do livro “Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental”, de Marcos Reigota, Raquel Possas e Adalberto Ribeiro, nos falam para trazer à tona outros fragmentos da história vivida e construída pelos anônimos, não consigo não pensar na presença deste menino que, a todo o momento, aparece no portão da creche, chama meu nome e pede para entrar, brincar, me abraça, quer carinho, beijos e atenção.

Em muitas atividades que a Creche Sabiá oferece à comunidade como teatro, apresentação musical, manhã de lazer, festa das mães, exposições, os portões ficam abertos à participação comunitária.

O Fabiano é presença garantida em todas essas atividades, ele senta-se e você percebe que ele adora estar ali, viaja com as músicas, com o teatro, corre brincar nos aparelhos recreativos, quer aproveitar tudo antes que acabe. Em muitos momentos em que desenvolvemos atividades internas, só para nossas crianças, lá está ele no portão pedindo para entrar, e não consigo dizer não, pois vê-lo brincar, gargalhando com nossas crianças, com seu irmão menor me faz ver e sentir o quanto ele se faz feliz em estar conosco.

## **Cena 15: Quadro de Sementes**

### **Registros da educadora Silmara Hugler Ferreira**

“Dentro da proposta pedagógica da creche com atividades ambientais, utilizando a arte com sucata e elementos da natureza, nossa turma da 1ª fase se encarregou de alguns, dos quais foram pensados de acordo com a realidade e vivência em nossa creche”.

“Sabendo do prazer que sentiam em colher feijões, que germinam em toda extensão do alambrado, estando entrelaçados aos montes, escolhi trabalhar com sementes. Primeiramente só pensei nas sementes existentes na creche, conversei com as crianças como aconteceria e juntos planejamos nossa rotina. A primeira atividade que escolheram logicamente, foi a coleta dos feijões, que já conheciam (feijão guandu e carioquinha). Foi incrível vê-los colhendo, e depois da ansiedade em debulhar as vagens para tirar os feijões. Mas não parou por aí, aproveitando a curiosidade e a vontade de aprender das crianças, começamos a pesquisar quantas sementes diferentes existiam no ambiente da creche. Fizemos uma caminhada pela creche em busca das sementes; como nossa creche é privilegiada pela natureza pudemos encontrar vários tipos de sementes (de árvores e flores). O foco maior foi a construção do quadro, por isso a pesquisa se delimitou em apenas conhecer o nome das árvores, flor ou alimento dos quais recebemos as sementes.”

“Separamos todas as sementes recolhidas, nas rodas de conversa, levei ao conhecimento das crianças os nomes das quais eu já sabia, as outras foram pesquisadas através de livros, de conversas com pessoas que trabalham na creche

(porteiro Cláudio e outras). A partir daí deslanchamos, na maioria das vezes depois do almoço, tem fruta de sobremesa na creche, e as frutas que tinham sementes não passavam em branco para as crianças, pediam que eu guardasse para colar no quadro, e o legal é que as crianças se envolveram de tal forma, que, a coleta de sementes, atingiu a família. Elas começaram a trazer de casa todas as sementes de frutas que chupavam, até de legumes (abóbora, que a mãe havia preparado no almoço), então conversei com as mães e outras pessoas da família para estarem ajudando suas crianças a guardar as sementes e trazer para a creche. Houve uma reciprocidade tão grande e tão carinhosa em relação ao trabalho desenvolvido, que, as sementes eram trazidas pelas crianças, dentro de sacos plásticos com etiquetas com seus respectivos nomes”.

“As crianças ficaram empolgadas com esta atividade, o que causou uma grande curiosidade em conhecer os nomes de todas as sementes, e com a participação da família, rapidamente conseguimos juntar muitas sementes, podendo assim, passar para outra etapa: a arte de construir o quadro. Enquanto as sementes continuavam a chegar, nós começamos a montar o nosso quadro, realizamos esta atividade com a colagem na madeira com cola branca. As crianças foram divididas em pequenos grupos, a participação delas foi na colocação das sementes, primeiramente, cada criança teve a oportunidade de colar as suas sementes trazidas de casa e, depois, todas as crianças colaram as sementes coletadas em nossa creche”.

“Com o desenrolar da confecção, vimos que o quadro precisaria de mais sementes do que havíamos imaginado, então, iniciei a busca por sementes. Em minhas caminhadas de ir e vir ao trabalho, meus olhos percorriam as ruas e casas no intuito de encontrá-las. E sempre que, paramos para observar encontramos aquilo que buscamos, e algo muito mais importante é reconhecer que existem inúmeras coisas que desconhecemos. Em especial, para mim, também foi à descoberta de várias árvores e flores que tem sementes, sendo algumas muito interessantes. Lá estava eu recolhendo as sementes das árvores e flores que tinham nas ruas e de casas. Eu pedia aos moradores e alguns souberam me informar os nomes, outros não. Para me ajudar à professora Edna trouxe algumas sementes e livros para pesquisar, mas não bastou, tive que envolver minha família nesta arte, como eu cresci em meio à natureza e a paixão de minha mãe Mercedes é plantar e

lidar com a terra, não foi difícil descobrir todos os nomes e ela me deu um saco de sementes.”

“Acrescentou uma beleza histórica ao quadro e aumentou tanto o meu conhecimento como o das crianças. Depois dessa busca, desse aprendizado, conseguimos dar um ponto final na nossa arte, colamos todas as sementes, e para dar o acabamento final, eu passei verniz com brilho, aumentando sua durabilidade. As crianças amaram e se surpreenderam ao vê-lo pronto, os olhinhos brilharam”.

“E a grande satisfação e valorização se dão em ver a obra terminada depois de muito empenho e dedicação de cada um, que de uma certa forma pôs a mão e o coração nesta deliciosa brincadeira de fazer arte.”

## **Cena 16: É roda, é roda! Roda de Almoço**

### **Roda com Fantasia:**

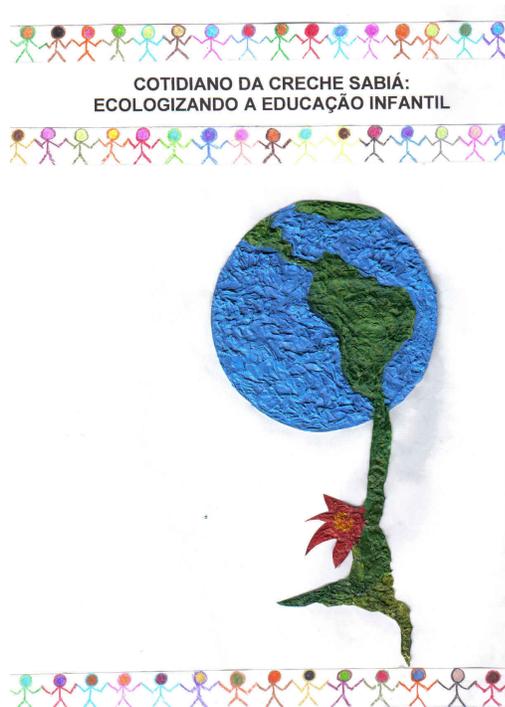
“Comecei a semana me transformando em galinha e a sensação foi muito boa, nunca fui tão requisitada, as crianças me chamavam o tempo todo:

- Galinha, vem cá..

Na sala do maternal 1 e 2, a galinha se fez presente e contou a história do pintinho amarelinho, cantando e botando ovo ( o cocorico foi corrigido por alguns), falou sobre e incentivou a alimentação. Durante o almoço todos queriam comer os ovos mexidos que a galinha tinha deixado na cozinha para as merendeiras fazerem. Quando tirei a fantasia voltei junto da turma e perguntei quem veio visitá-los e as crianças responderam animadas: \_ A galinha!

A Laís que o tempo todo me chamou de galinha disse rapidamente: \_ Era você!

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Figura 5: Ecologizando:**  
por Silmara Hugller Ferreira e Maria Emília Faria Alquezar Serafim.

Livro sobre Nada

**A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
mas não pode medir seus encantos.**

**A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem  
nos encantos de um sabiá.**

**Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.**

**Os sabiás divinam.**

**Manoel de Barros**

Analisando o cotidiano da Creche Sabiá, busco compartilhar os resultados de um trabalho que não foi imposto de cima ou de fora e sim construído num movimento crescente, complexo, não linear, com seus altos e baixos, acertos e erros, e que pode abrir um caminho na possibilidade de contribuir na construção do conhecimento sobre a Educação Ambiental na Educação Infantil.

A respeito deste tema, poucos são os trabalhos desenvolvidos com crianças desta faixa etária, mas como Ferrazo (2001) ressalta, na pesquisa do cotidiano escolar, o conhecimento que criamos, que inventamos, revela, em parte, quem somos e que as verdades que produzimos são fragmentos de nossas verdades, de nossa identidade. Uma identidade construída e tecida na relação com o outro, com o mundo, com a cultura e relacionada ao desejo de melhorar a maneira como as crianças vivem suas infâncias nas creches públicas.

Este texto final apresenta algumas conclusões sobre como é possível “ecologizar” a Educação Infantil.

Este ecologizar se refere às diferentes formas como a Educação Ambiental e a Arte podem contribuir nas maneiras de agir, de pensar, de sentir, de educar, de conviver, de brincar, de conhecer, de fazer das crianças e dos educadores da Creche Sabiá, bem como na repercussão deste processo educativo e ecológico sobre a vida da comunidade.

Este ecologizar é:

- Explorar diferentes materiais;
- Abrir espaço para as pessoas da comunidade partilharem seus conhecimentos;
- Conhecer o contexto físico, cultural, econômico e ecológico da escola;
- Conhecer e valorizar a produção da criança;
- Valorizar nossa cultura brasileira;
- Interligar os conhecimentos das diferentes áreas;
- Estruturar seus espaços;
- Saber o que as crianças pensam;
- Trabalhar na zona de desenvolvimento proximal;
- Respeitar o que a criança quer conhecer e conversar, encorajando-a a ser autora de uma nova aprendizagem;

- Propiciar o contato com animais e plantas;
- Pesquisar em livros, revistas, jornais, etc. trazendo esses conhecimentos para a criança;
- Contextualizar o tema do ensino com a realidade social, ambiental e cultural da criança;
- Vivenciar diversas experiências;
- Brincar de faz de conta;
- Imaginar e expressar;
- Incentivar o olhar curioso sentindo o ambiente ao seu redor;
- Conhecer e respeitar o modo de vida da criança;
- Trazer profissionais de diferentes áreas dividindo seus conhecimentos;
- Trazer o trabalho de outras instituições;
- Considerar espaços como horta, viveiro, Cantinho do Sabiá como espaços de educação;
- Promover o acesso a outros espaços como Museu, Biblioteca, Zoológico;
- Fazer com que as crianças compartilhem seus conhecimentos com outras pessoas;
- Utilizar materiais reciclados;
- Ouvir as pessoas da comunidade e
- Promover o acesso de todos aos eventos culturais.

Este “ecologizar” tem pertinência, na medida que está voltado para alimentar a qualidade das interações sociais no ambiente escolar.

As escolas não devem ficar fechadas em si mesmas, podem criar e estabelecer redes de interação de conhecimentos com outros espaços e tempos de educação e com sua comunidade local. Podem dialogar e interagir com o Zôo, Museu, Biblioteca, Universidade, Seção de Zoonoses, Centro de Saúde, Associação Amigos de bairro, com outras escolas, com as pessoas da comunidade, etc. enriquecendo e ampliando as vivências, o fazer pedagógico, os conhecimentos, bem como estruturando novas formas de agir, pensar, sentir, imaginar.

Em relação à interação da escola com a comunidade, merece importância o resultado alcançado com as atividades desenvolvidas, uma vez que propiciou a circulação de conhecimentos pelos espaços da vila, a apropriação do espaço da

creche como espaço público da comunidade, gerando amor e orgulho pela creche e pela vila Sabiá.

Outro aspecto positivo a destacar, é que a creche ampliou sua visão em relação a sua comunidade, captando a “belezura” e a riqueza existente.

Na medida que o trabalho foi se desenvolvendo houve a transformação da creche, que deixou de ser um depósito de crianças que ficavam guardadas em ambientes estéreis, num espaço educativo, acolhedor, afetivo, de experiências sensíveis, estéticas, ecológicas, promovendo conhecimentos, sendo realmente um contexto para o desenvolvimento infantil. E a contribuição da perspectiva sócio-interacionista mostrou-se importante para esta transformação.

A Creche transformou-se num espaço de vivências, onde a Educação Ambiental e a Arte permearam as atividades, promovendo uma interação mais efetiva e qualitativa, num processo de ensino e aprendizagem que promoveu o questionamento, o diálogo, a troca, a participação, a cooperação, a solidariedade, a sensibilização estética, a conscientização ambiental, o respeito e o envolvimento das crianças e da comunidade.

Tornou-se evidente que com a inclusão da Educação Ambiental na Creche Sabiá houve uma melhora na qualidade do ensino/aprendizagem, das relações da Creche com a comunidade e da própria qualidade de vida dos envolvidos. O estudo do meio e o envolvimento da comunidade na resolução de seus problemas e nas alternativas que vão criando, possibilitaram um elo de ligação e pertencimento, gerando respeito, cooperação, participação e cidadania.

Muitas das atividades desenvolvidas têm a participação da comunidade, que por este motivo valoriza mais as ações e os trabalhos dos educadores e da própria creche.

Esta interação com as crianças e com a comunidade, através de todas as atividades desenvolvidas, despertaram nas crianças e nos adultos um elo de ligação, fazendo com que se apropriem deste espaço de maneira afetiva. Isto criou laços efetivos de cumplicidade, de empatia, de confiança, fazendo com que crianças e adultos se sintam mais envolvidos e motivados a participar.

Há prazer em querer estar na creche, pois todos sentem que fazem parte da Creche e que seus saberes, sua cultura são respeitados e valorizados.

E como nosso grande educador Paulo Freire dizia, este processo educativo é um ato político, pautado no conhecimento e respeito à cultura e saber de nossas crianças e de nossa comunidade.

Onde a dialogicidade desses saberes e os da escola se misturam fazendo com que todos avancem em sua leitura de mundo, em suas participações escolares e comunitárias. Compartilhando o desejo de construir uma creche mais sensível, ecológica, artística, cultural, popular, comunitária e humana. Desta forma uma escola que não escolarize para a dominação e para a reprodução e sim para a transformação e recriação.

E esta transformação pode ser percebida também nos espaços da Creche, que abrigaram diversas zonas circunscritas: cantos, cantinhos ou recantos. Evoco Bachelard (1978), em sua poética do espaço, onde compara esses espaços como refúgios de nosso interior, que constituem nossa intimidade, que expressam nossos valores e também nossa imaginação, nosso ser. Descreve os cantos como espaços que proporcionam experiências concretas, imaginativas, agradáveis, que nos levam a sonhar, a imaginar, a sair de si e a voltar.

Bachelard (1978), lembra que Leonardo da Vinci aconselhava aos pintores, com deficiência de imaginação diante da natureza, que contemplassem com olho sonhador as fissuras numa velha parede.

E esses cantos podem ser a porta estreita que abre um mundo de experiências, imaginações para a criança com seu olhar sonhador que se põe a todo instante a encantar-se com os pequenos detalhes, os objetos, as coisas, os bichinhos, os sons, etc.

Esses cantos são como ninhos e refúgios para que nossas crianças possam experimentar imagens, sons, cheiros, tamanhos, contos, brincadeiras, sonhos, e fazer destes espaços uma viagem para o mundo exterior e interior, delineando o espaço de seu ser.

E as salas de aula constituem-se como ninhos, mobiliadas com móveis como sofá, mesa, fogão, armário, pia, geladeira, cama, etc., tudo em tamanho pequeno, formando muitos cantos que levam a criança ao mundo do faz de conta, a sonhar, a imaginar.

Porque também não dizer que os espaços da Creche Sabiá nos remetem ao ser que ela é, e denotam os valores vividos por todos nestes espaços. O que realmente eles proporcionam: vivências educativas, ecológicas, imaginativas e de

muitas brincadeiras. Criados para que possamos pensar, sonhar e viver numa Creche com cantos encantados, mágicos e alegres. E quando essas crianças forem adultas poderão recordar suas experiências como os poetas de Bachelard:

Os poetas terão muito a dizer sobre a vida nos cantos, sobre o próprio universo dobrado a um canto, com um sonhador voltado para si próprio. Não hesitarão em dar a esse devaneio toda a sua atualidade. (BACHELARD, 1978 p. 288).

As crianças terão muito a dizer sobre a vida nos cantos da Creche Sabiá. Cantos encantados de aventuras, cheiros, sensações, imaginações e muitas brincadeiras.



Fotografia 19 – Cantinho do Sabiá

Coloco aqui também a importância das experiências vivenciadas no cotidiano escolar através da produção de verduras e legumes na horta, na confecção de um quadro, na produção de diferentes brinquedos, na composição estética do ambiente, na utilização de materiais alternativos, coletados no ambiente, que foram descartados pelo homem. Estas atividades promovem a apropriação do conceito de sustentabilidade, pois a produção de alimentos para seu consumo, o expressar através de diferentes linguagens e o aproveitamento de materiais diversificados, constitui uma oposição ao desperdício e ao consumismo. E também isto promove a

confiança e a auto-estima da criança que expressa todos seus sentimentos e imaginações nestas produções.

E para finalizar, um aspecto que merece ser discutido e que não foi o objeto desta pesquisa, mas que é de fundamental importância diz respeito à formação do educador de creche. A grande rotatividade e os diferentes níveis de escolarização dos profissionais são fatores que influenciam a qualidade no atendimento educativo.

Há necessidade de investimento na formação deste profissional e as políticas públicas devem voltar sua atenção para esta formação tão necessária à promoção da qualidade do trabalho nas creches.

Acredito que a Educação Ambiental e a Arte podem contribuir na formação desses profissionais e deixo aqui um novo caminho a ser trilhado por outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. Movimento Raimundo. Caderno do Instituto Brasil de Educação Ambiental. Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. N. **O Espaço Escolar e suas Marcas:** O Espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

\_\_\_\_\_. Espaço e tempo de ensinar e aprender. In: CANDAU, V. M. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** ENDIPE – Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 21-34

\_\_\_\_\_; GARCIA, R. L. (Orgs.). **A invenção da Escola a cada dia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. A formação da professora e o uso de multimeios como direito. In: FILÉ, Valter (Org.). **Batuques, fragmentos e fluxos:** zapeando pela linguagem audiovisual escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 25-40.

\_\_\_\_\_; Garcia, R. L. (Orgs.). **O sentido da Escola.** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

AURICCHIO, A. L. R. **Potencial da Educação Ambiental nos Zoológicos Brasileiros.** Publicações Avulsas do Instituto Pau Brasil de História Natural. São Paulo, n. 1, p. 1-46, mar. 1999.

AZEVEDO, G. C. Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula. In REIGOTA, M.(Org.) **Verde**

**Cotidiano:** o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 67 – 82.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARROS, M. **Livro sobre Nada**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Record,

BELINSKY, T. **O Grande Rabanete**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Moderna, 1991

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo:Cortez, 2001. p. 15-35.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial Curricular na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEI, 1997.

BRASIL. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 9. ed.

CARONE, M. **Resumo de Ana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAMPOS, M. M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1993.

CAMPOS, M. M; Rosemberg, F. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças**.Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.

CARVALHO, A. M. A.; BERALDO, K. E. A. **Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 71, p. 55-61, nov. 1989.

CARVALHO, M. I. C; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. R. [Org.] **Educação Infantil: muitos olhares.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 107-130.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRIVELLARO, C. et. al.. **Ondas Que Te Quero Mar: Educação Ambiental para comunidades costeiras. Mentalidade Marítima: Relato de uma Experiência.** Porto Alegre: Gestal, 2001.

CURTIS, M. O. Museu, um tesouro a ser descoberto. In: REIGOTA, M. [Org.] **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 83-94.

DEPRESBITERIS, L. Educação Ambiental – algumas considerações sobre interdisciplinaridade e transversalidade. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L., (Orgs.) **Tendências da educação ambiental brasileira.** 2. ed. Santa cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 129 – 146.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas.** 7. ed. São Paulo: Gaia, 2001.

DIAS, K. S. Formação Estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, S. et al. **Infância e Educação Infantil.** Campinas: Papyrus, 1999. p. 175-202.

FELINTO, Marilene. **As mulheres de Tijucoapapo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91-108.

FERREIRA, Manoela. **O Fio da Meada**. Edições ASA, Portugal, 1989.

FILHO, A. L. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, R. L. e FILHO, A. L. [Orgs.] **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-58.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. E. Paz e Terra. 9. ed. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Escola**. Disponível em: [http:// www.paulofreire.org/escola](http://www.paulofreire.org/escola) Acesso em: 25 jan. 2004.

GARCIA, R. L. [Org.] **Revisitando a Pré-Escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOES, Maria C. R. As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos. In: GOES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. (Orgs.). **A significação nos espaços educacionais**: interação social e subjetivação. Campinas: Papyrus, 1997. p. 11-28.

GOYA, E. M. M. **Desvelando a História da Educação Ambiental em Sorocaba**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2000.

HADDAD, L. **A creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1993.

HENRIQUES, E. M. O debate Piaget/Vygotsky: uma contribuição para a questão do conhecimento na pré-escola. In: GARCIA, R. L. **Revisitando a pré-escola**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 108-122.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. s.n.t. 1 CD-ROM.

Jornal Cruzeiro do Sul. Sorocaba, 12/01/2004: A-5.

KRAMER, S et. al. **Infância e Educação Infantil** – Campinas: Papyrus, 1999.

LANGE, B.; RATTO, V. Fundamentação Político-Pedagógica para a Formação de Técnicos em Meio Ambiente. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L., (Orgs.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 29 – 36.

LAYRARGUES, P. P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, M.(Org.) **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 131 – 148.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

LUFT, L. **Mar de dentro**. São Paulo: Arx, 2002.

MACHADO, M. L. Educação Infantil e Sócio-Interacionismo. In: Oliveira, Z. M. R. Educação Infantil: muitos olhares. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 25-50.

MEDINA N. M. Breve Histórico da Educação Ambiental. In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Orgs.) **Educação Ambiental Caminhos Trilhados no Brasil**. Apoio Fundo Nacional do Meio Ambiente, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto de Pesquisas Ecológicas. Brasília, 1997. p. 257-270.

MERGULHÃO, M. C. Zoológico: uma sala de aula viva. In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Orgs.) **Educação Ambiental Caminhos Trilhados no Brasil**. Apoio Fundo Nacional do Meio Ambiente, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto de Pesquisas Ecológicas. Brasília, 1997. p. 103-200.

\_\_\_\_\_, **Zoológico: uma sala de aula viva**. Tese de dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_; VASAKI, B. N. G. **Educando para a conservação da Natureza: sugestões de atividades em Educação Ambiental**. São Paulo: EDUC, 1998.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, E. C. A Construção do Conhecimento Integrado Diante do Desafio Ambiental: Uma Estratégia Educacional. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L., (Orgs.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 37 -56.

MUNIZ, L. Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural. In: KRAMER, S. et al. **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papirus, 1999. p. 243-268.

**Ninhal**. ALBARUS S/A INDUSTRIA E COMÉRCIO, 1987.

OLIVEIRA, Z. R. **O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.87, p. 62-70, nov. 1993.

\_\_\_\_\_.(Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Criança e seu Desenvolvimento-** perspectivas para se discutir a educação infantil. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, I. B. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. [Orgs.] **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.p. 39-54.

PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Orgs.) **Educação Ambiental Caminhos Trilhados no Brasil.** Apoio Fundo Nacional do Meio Ambiente, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto de Pesquisas Ecológicas. Brasília, 1997.

PAULA, E. M. A. T.; OLIVEIRA, Z. R. Comida, diversão e arte: o coletivo infantil no almoço na creche. In:OLIVEIRA, Z. R. **A Criança e seu Desenvolvimento-** perspectivas para se discutir a educação infantil. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PEDRINI, A. G. (Org.). **Educação Ambiental:** Reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Lev S. Vigotski. Educação & Sociedade, Campinas, n. 71, p. 45-78, out. 2000.

PUGLIA, L. R. R.J ornal **MURIQUI.** Publicação da Diretoria de Divulgação da Associação Brasileira de Veterinários de Animais Selvagens – ABRAVAS, São Paulo, Abril de 1999.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Floresta e a Escola:** por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_, **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 1999.

\_\_\_\_\_, Educação Ambiental: Fragmentos de sua História no Brasil. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L., (Orgs.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 13-28.

\_\_\_\_\_. Sou neto do Tomé! In: CANDAU, V. M. (Org.). **Cultura, Linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 111-134.

\_\_\_\_\_. **Meio Ambiente e Representação Social**. 4. ed. São Paulo.:Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_; POSSAS, R.; RIBEIRO, A.. **Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A 2003. p. 9-18.

ROCHA, M. S. P. M. L. **A Constituição social do brincar**: modos de abordagem do real e do imaginário no trabalho pedagógico. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1994.

RODRIGUES, V. R. (Org.) **Muda o mundo, Raimundo. Educação ambiental no Ensino Básico do Brasil**. Brasília: WWF-MMA, 1997.

ROSSETTI-FERREIRA, C. et. al. **Creches: Crianças, Faz de Conta & cia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992

ROSSETTI-FERREIRA, C. et.al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Série de Manuais sobre creche: **Espaço Físico**, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Brasília, 1988.

STEINER, V.; SOUBERMAN, E. Posfácio. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 161-179.

SILVA, R. L. F. **A Educação Ambiental nos Cursos de Licenciatura do Estado de São Paulo – análise dos programas de ensino e representações sociais dos(as) professores(as)**. Tese de dissertação de mestrado, Universidade de Guarulhos, 2000.

SOARES, M. L. A. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico**. 1ª ed. Sorocaba: PM – Linc, 2001.

SOROCABA, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Pedagógicas da Secretaria da Educação e Cultura para a Gestão Democrática da Escola, Ideário da SEC**. Sorocaba, 1999.

\_\_\_\_\_, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Organização, Funcionamento e Espaço Físico do CEI-Integral**. Sorocaba, 1997.

TIRIBA, L. Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias. In: GARCIA, R. L. e FILHO, A. L. [Orgs.] **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 59-80

TRINDADE, A. L. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, A. L.; SANTOS, R. (Orgs.) **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.7-16

TOKITAKA, S. M. M. **Educação Ambiental, Escola e Pré-Escola: Conceito e Experiência**. Tese de dissertação de mestrado, PUC – São Paulo, 1997.

VEET Vivarta (Coord.) **Cidadania antes dos 7 anos: a educação infantil e os meios de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003. Ministério da Educação, Instituto Ayrton Senna.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

# ANEXOS

## ANEXO A – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

### **Domingueira levou diversão e orientações sobre saúde na Vila Sabiá**

*Na Creche da Vila Sabiá, crianças e familiares brincaram e receberam informações sobre prevenção de doenças*



*A menina Renata Firmino e Rafael aproveitaram a manhã para pintar o rosto*

Durante toda a manhã do último domingo, a Creche Municipal da Vila Sabiá esteve aberta à comunidade dos bairros Vila Sabiá, João Romão e Zacharias. As crianças e seus familiares desfrutaram de uma manhã de lazer com muita informação sobre saúde. O presidente da Câmara, Antônio Carlos Ferreira dos Santos, participou daquelas atividades. Na sua opinião, “a integração escolarmoradores faz com que a comunidade valorize aquele local não apenas como espaço de educação de seus filhos mas também como sendo um espaço para a sua própria atividade. E quando a comunidade se reconhece dona do espaço público, está exercendo um ato de cidadania”.

Além de inúmeras ativi-

des de lazer, os participantes tiveram orientações de profissionais e agentes de saúde e da zoonoses. Por conta da chegada do frio, funcionários do posto de saúde estiveram orientando pais e crianças sobre a forma de evitar e/ou tratar a gripe. E ensinaram as mães a preparar chás e xaropes caseiros para combater gripes e resfriados.

Outra atividade que despertou a atenção de mães e crianças foi a prática de exercícios para auxiliar na prevenção das doenças respiratórias. Os exercícios foram realizados sob a orientação da fisioterapeuta do posto de saúde do bairro, Rosemeire Garcia Rodrigues.

Funcionários da Zoonoses estiveram dando informações sobre as formas de prevenir as

doenças transmitidas por animais, sobre o combate à dengue etc. A Secretaria de Esportes, outra parceira no evento, colocou funcionários organizando o lazer das crianças. As alunas do curso de Terapia Ocupacional da Uniso, Adriana Santos Públio e Gleise Gomes Carvalheiro, que desenvolvem seus estágios auxiliando pessoas deficientes físicas do bairro, lá estiveram para manter contato com familiares.

Para a diretora da creche, Kátia Regina Pereira, “essas atividades são fundamentais para aproximar os moradores da comunidade escolar e promover uma verdadeira integração, valorizando a escola como espaço de convivência, aprendizado e de respeito à cidadania”.

Jornal A TRIBUNA de SOROCABA

08/05/2001

# Creche da V. Sabiá inaugura viveiro e canteiros de plantas

A Creche Municipal da Vila Sabiá inaugurou um Viveiro de Plantas e canteiros para a plantação de mudas, como parte do desenvolvimento de um projeto de educação ambiental denominado "O Verde de Nosso Pedraço". Cada grupo de alunos, em diferentes fases, tem o seu próprio canteiro. Todo o trabalho contou com a participação dos alunos, seus pais e pessoas da comunidade.

Depois, as plantas serão utilizadas pela escola e por todo o bairro. Conforme disse a diretora daquela Creche, Kátia Regina Pereira, "esse é um projeto que envolve aspectos pedagógicos, ambientais, conscientização comunitária e elevação da auto-estima dos moradores, pois as plantas interferem positivamente em seu local de moradia por meio do embelezamento e da melhora



*Mães e alunos se envolveram na plantação das mudas*

de sua qualidade de vida." O viveiro, denominado "Viveiro do Sabiá", e os canteiros foram construídos com doações da comunidade e da Organização Não Governamental (ONG) Anima - Educação Socio-Ambiental e do presidente da Câmara, vereador Antônio Carlos Ferreira dos Santos, Carlinhos da Farmá-

repercussão nos familiares dos alunos e, conseqüentemente, na comunidade.

Quando as mudas já estiverem em condições tais que permitam a retirada do viveiro com o fim de serem transportadas para jardins, os alunos poderão levá-las para suas casas, de familiares ou amigos.

Uma das moradoras daquele bairro que se envolveu com o projeto é Maria José Cordeiro. "Ela é uma gigante para trabalhar; está sempre ajudando a gente" - comentou a diretora Kátia. Maria conta que seu filho já deixou a escola. Apesar disso, ela não deixa de colaborar: "seu trabalho é uma constante", disse Kátia, que completou: "a mobilização das mulheres para a confecção de vasos de argila, papel-jornal, coco, etc., foi fantástica. Todo mundo adentrou à idéia com entusiasmo."

# ROLA NA



## Creche 78 mostra respeito pela natureza

No mês de setembro aconteceu o projeto "Verde do Nosso Pedacço", na Creche 78 da Vila Sabiá. O mini-grupo, com o projeto "Verde Que Te Quero Verde", preparou mudas de girassol. Junto com a professora Zenilda e as auxiliares de educação Geralda e Ana Paula, visitou o jardim do Posto de Saúde do bairro. O grupo fez uma árvore para decorar a sala de aula. O projeto teve o objetivo de

despertar nas crianças e na comunidade a consciência sobre a importância do plantio de árvores no bairro e o valor de se respeitar a natureza.

A seguir, foi inaugurado o "Viveiro de Mudas", que poderá ser usado pela comunidade. Vários pais e mães participaram da construção desse espaço, onde se realizou a exposição dos trabalhos feitos por toda a escola.

Suplemento Infantil do Jornal CRUZEIRO DO SUL

11/11/2001

# Homenagem ao Patrono

A importância dos alunos conhecerem um pouco da vida do patrono da escola que frequentam, seus trabalhos e realizações, motivou os professores da creche "Ettore Marangoni" a realizarem o projeto "Ettore Marangoni e a Creche do Sabiá", desenvolvido com as crianças de zero a 6 anos.

Para a realização do trabalho foi feito um resgate da história de Sorocaba, retratada nas obras do

patrono da creche. Os alunos da 3ª fase, orientados pela professora Edna Myr Alves da Rocha, fizeram a reprodução de algumas das obras deixadas por Marangoni.

Na finalização do projeto, as comunidades das Vilas Sabiá, Zacarias e João Romão puderam conferir uma exposição, que teve a visita especial de Ezzi, filho de Ettore Marangoni e de Rosana, sua neta.

A professora Edna mostra as obras de Marangoni às crianças



Alunos reproduzem quadro do artista

As crianças mostram, felizes, os resultados dos trabalhos



CRUZEIRINHO



Suplemento Infantil do Jornal CRUZEIRO DO SUL

11/08/2002



Criança em plena atividade lúdico-educativa: plantar uma árvore

## CEI 78 inicia plantio de um pomar

Pais e alunos do Centro de Educação Infantil (CEI) 78 "Ettore Marangoni", na Vila Sabiá, iniciaram na manhã de ontem o plantio do pomar da creche, que atende 180 crianças de 3 meses a 6 anos de idade, em período integral. Ontem foram plantadas mudas de árvores frutíferas nativas como pitanga, jabuticaba, amora e carambola. **Pág. A-4**

## Família quer o fim do segredo no caso de Celso Daniel

Página A-6

## PF apreendeu 9t de maconha na cidade este ano

Página A-7

## Natal sem Fome arrecada 11t de alimentos

Página A-4



Ontem foram plantadas mudas de árvores frutíferas

## Pais e alunos iniciam um pomar na CEI da V. Sabiá

Pais e alunos do Centro de Educação Infantil (CEI) 78 "Ettore Marangoni", na Vila Sabiá, iniciaram na manhã de ontem o plantio do pomar da creche que atende 180 crianças de 3 meses a 6 anos de idade em período integral. O plantio do pomar faz parte do projeto Horta do Sabiá, realizado desde setembro deste ano na unidade.

Ontem foram plantadas mudas de árvores frutíferas nativas como pitanga, jabuticaba, amora e carambola. Além disso, pais e alunos também acresceram a horta composta de salsa, cebolinha, tomate, rabanete, rúcula, alface, espinafre, cenoura e coque, de mudinhas de tomate cereja e alface. "Depois que as plantas crescem, as crianças as experimentam aqui na creche e depois levam para casa tudo o que foi colhido", contou a diretora Kátia Regina

Pereira, coordenadora do projeto. Desenvolvido em parceria

com o curso de Gestão Ambiental da Universidade de Sorocaba (Uniso), o projeto Horta do Sabiá tem como objetivo ensinar crianças e comunidade sobre a importância da consciência ecológica, além de incentivar a prática da alimentação natural e o desenvolvimento do ser ecológico. A Uniso participa do projeto por meio da orientação na escolha e plantio das mudas produzidas no viveiro do núcleo de estudos ambientais. Todos as turmas da CEI 78 ainda desenvolveram livros sobre os alimentos plantados, contendo explicações sobre origem e propriedades de cada um, também orientados por profissionais da Uniso. "O envolvimento da comunidade e das crianças tem sido bastante proveitoso, atingindo o objetivo do projeto. O mais interessante é que os pais contam que até em casa os hábitos alimentares das crianças e de toda família estão mudando desde o início do projeto", ressaltou a diretora.



# NOITE FELIZ! É ANIVERSÁRIO DE JESUS

O **Cruzeirinho** de hoje vem com gosto de Natal! Jesus Cristo - nascido no dia 25 de dezembro - é o motivo das comemorações. Que tal uma festa? Veja como, nas páginas 4 e 5! Na página 6, leia o belo conto "O Natal que foi de Verdade".

Na foto da capa, destaque para os trabalhos feitos pelos alunos e professores do Centro Educacional Infantil 78 (CEI) "Ettore Marangoni", da Vila Sabiá. Dedicção e criatividade para falar do aniversário de Jesus.

Boa leitura e um ótimo Natal, recheado de amigos e de muita paz.



Suplemento Infantil do Jornal CRUZEIRO DO SUL

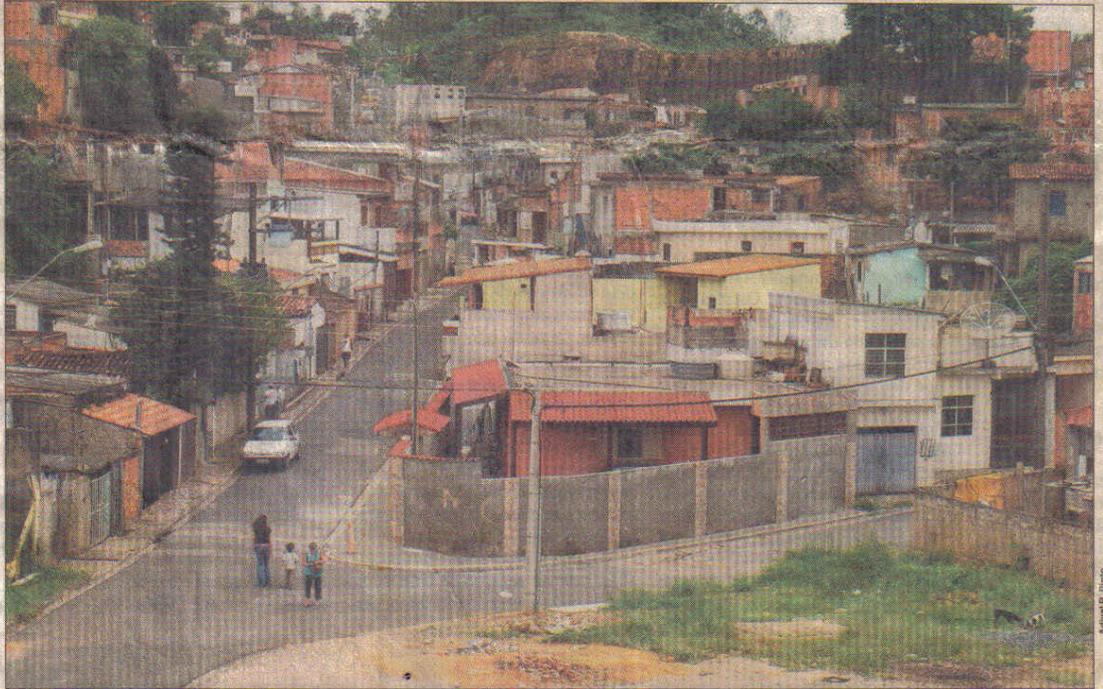
21/12/2003

# Crescimento desordenado prejudica Vl. Sabiá

A Vila Sabiá cresceu de maneira desordenada, margeando morros e a rodovia Raposo Tavares. Hoje tem perto de 3 mil habitantes que recla-

mam maior atenção do poder público. Eles dizem enfrentar problemas com a violência e tráfico de drogas, falta de áreas de lazer e com as cons-

tantes enchentes nos meses chuvosos. Casas são construídas nas encostas de morros e encontram-se em situação de risco. **Pág. A-5**



A Vila Sabiá nasceu de maneira desordenada, fruto da posse da terra, e hoje enfrenta problemas com a violência

Jornal CRIZEIRO DO SUL

12/01/2004



Suplemento Infantil do Jornal CRUZEIRO DO SUL

27/03/2005

# ANEXO B – Relação de ervas do NEAS - UNISO



UNIVERSIDADE  
DE SOROCABA

## Núcleo de Estudos Ambientais - NEAS

### Relação de Plantas Medicinais Doadas e Principais Informações Sobre Seu Uso



Responsáveis:  
Coordenador Prof. Dr. Nobel Pentead de Freitas  
Eng. Agr.º Prof. Dr. Nivaldo Lemes da Silva Filho

SOROCABA  
22/ 05/2002



Universidade  
de Sorocaba

## Núcleo de Estudos Ambientais

### 1. Relação de mudas de plantas medicinais presentes no NEAS para serem doadas.

Descrição	Quantidades a serem doadas
Alecrim - <i>Rosmarinus officinalis</i>	15
Alfavaca-Cheiro-de-Anis - <i>Ocimum sp</i>	3
Babosa - <i>Aloe sp</i>	1
Baldo Italiano - <i>Vernonia sp.</i>	2
Baldo da Terra - <i>Coleus barbatus</i>	3
Camomila - <i>Matricaria chamomilla</i> L.	40
Cânfora - <i>Artemisia camphorata</i> Vill	35
Capim Cidrao - <i>Cymbopogon citratus</i>	15
Carqueja amarga - <i>Baccharis sp.</i>	3
Citronela - <i>Cymbopogon nardus</i>	16
Erva Cidreira Verdadeira - <i>Lippia alba</i>	8
Guaco - <i>Mikania glomerata</i> S.	30
Hortelã - <i>Mentha sp</i>	15
Malva -	6
Manjericao - <i>Ocimum sp</i>	3
Manjerona - <i>Ocimum sp.</i>	1
Melissa - <i>Melissa officinalis</i> L.	5
Mil folhas - <i>Achillea millefolium</i> L.	40
Poejo - <i>Mentha pulegium</i>	3
Sabugueiro - <i>Sambucus nigra</i> L.	3
<b>TOTAL DE MUDAS A SEREM DOADAS</b>	<b>247 mudas</b>

Dr. Nobel Pentead de Freitas  
Coordenador do NEAS

02/05/02

ANEXO C – CONVITE DOS EVENTOS

# CONVITE

PROJETO INTEGRAÇÃO  
ESCOLA COMUNIDADE  
NA VILA SABIÁ



Dia: 15/11/2000  
das 9 às 11h

Apoio: FAGED



## DOMINGO NA CRECHE

**DIA 06/05/2001  
DAS 9 ÀS 12 HORAS**

**OFICINAS**

- SUCATA
- TEATRO
- JOGOS
- ATIVIDADES ESPORTIVAS

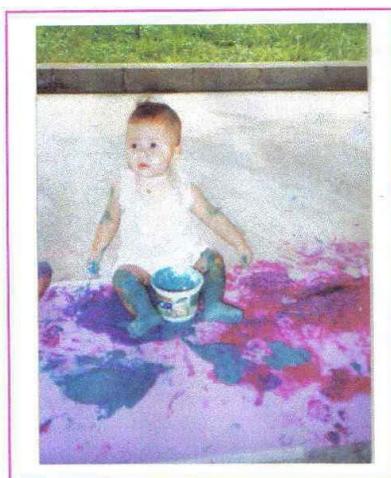


**ORGULHOSAMENTE APRESENTA**

**“EXPOSIÇÃO ETTORE MARANGONI”**

**Dias 15,16 e 17 de maio de 2002**

- Exposição dos quadros desse grande pintor que retratou a história de Sorocaba
- Exposição dos quadros de nossas crianças.



Venha curtir conosco essa grande exposição de arte!

**Abertura no dia 15 às 15:30 horas**

Equipe da Creche Sabiá  
“ETTORE MARANGONI”

ANEXO D – O LIXO QUE NÃO É MAIS LIXO

**ANTES**



**DEPOIS**



## ANEXO E – INFORMATIVO ECOLÓGICO

### INFORMATIVO ECOLÓGICO – 01 3ª FASE

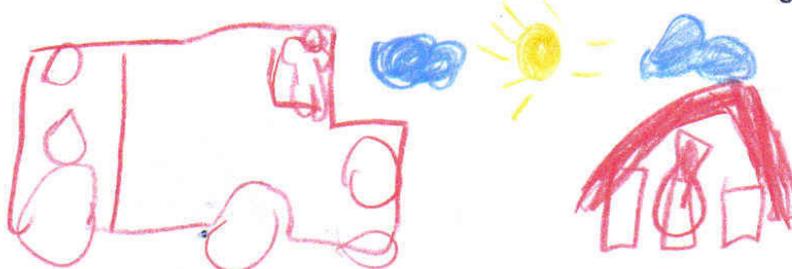
Nós da 3ª fase do CEI 78, observando as ruas do bairro em dias de coleta de lixo (lixeiro), identificamos um grande problema e um dano ao nosso meio ambiente:

As ruas do bairro ficam todas sujas de lixos. Os moradores colocam o lixo em sacolas plásticas e os cachorros rasgam em procura de alimentos esparramando todo lixo, aumentando assim o número de bichos que sobrevivem do lixo como: baratas, ratos, formigas, moscas e até escorpiões e mosquito da dengue.

Por isso nós pesquisamos e debatemos o problema para deixarmos aqui algumas sugestões para diminuir ou até acabar com o problema:

- 1- Coloque o lixo em tambores fechados.
- 2- Coloque as sacolas nos suportes de lixo, ou caso não tenha pendure a sacola no alto para os cachorros não alcançarem.
- 3- Converse com o lixeiro para saber o horário da coleta do lixo, assim você colocará o lixo no horário próximo a ela.
- 4- Recicle o seu lixo: nós da creche estamos recebendo papéis, latas de conservas e de cerveja/refrigerante, garrafas pet e plásticos em geral ( sempre limpos para evitar os animais do lixo em nossa creche).

Colabore com o nosso bairro, o Meio Ambiente agradece!



ANEXO F- DESENHO DA PRODUÇÃO DA HORTA DO SABIÁ

